



sunesp

Ignacio Leivas
1908

L. V.
C. V.
60

ESTUDOS DE LITERATURA



DO AUTOR

ESTUDOS BRAZILEIROS, 1.^a série, Pará, Tavares Cardoso e C.^a, 1889; 2.^a série, Rio de Janeiro, Laemmert e C.^a, 1894, 2 vol.

A EDUCAÇÃO NACIONAL, Pará, Tavares Cardoso e C.^a, 1891, 1 vol.

A PESCA NA AMAZONIA, Rio de Janeiro, Alves e C.^a, 1895, 1 vol.

SCENAS DA VIDA AMAZONICA, nova edição. — Rio de Janeiro, Laemmert e C.^a, 1899, 1 vol.

ESTUDOS DE LITERATURA BRAZILEIRA (1895-1900), 1.^a, 2.^a e 3.^a série. — Rio de Janeiro, H. Garnier, 3 vol.

HOMENS E COUSAS ESTRANGEIRAS, 1.^a série (1899-1900). — Rio de Janeiro, H. Garnier, 1902, 1 vol.



JOSÉ VERISSIMO

DA ACADEMIA BRAZILEIRA

ESTUDOS

DE

LITERATURA

BRAZILEIRA

QUARTA SERIE

O SR. COELHO NETTO — O PRIMEIRO POETA
BRAZILEIRO — A INDEPENDENCIA DO
BRAZIL — O SR. MACHADO DE ASSIS — POESIA E POETAS
NOVA BIOGRAPHIA DE CAMÕES — O SR. DOMICIO
DO GAMA E OS SEUS "CONTOS" — ARCADIAS BRAZILEIRAS
PAGINAS SOLTAS DO SR. J. NABUCO
UMA INNOVAÇÃO MÉTRICA — O PARLAMENTO DA MONARCHIA
OS JESUITAS NO PARA, ETC.

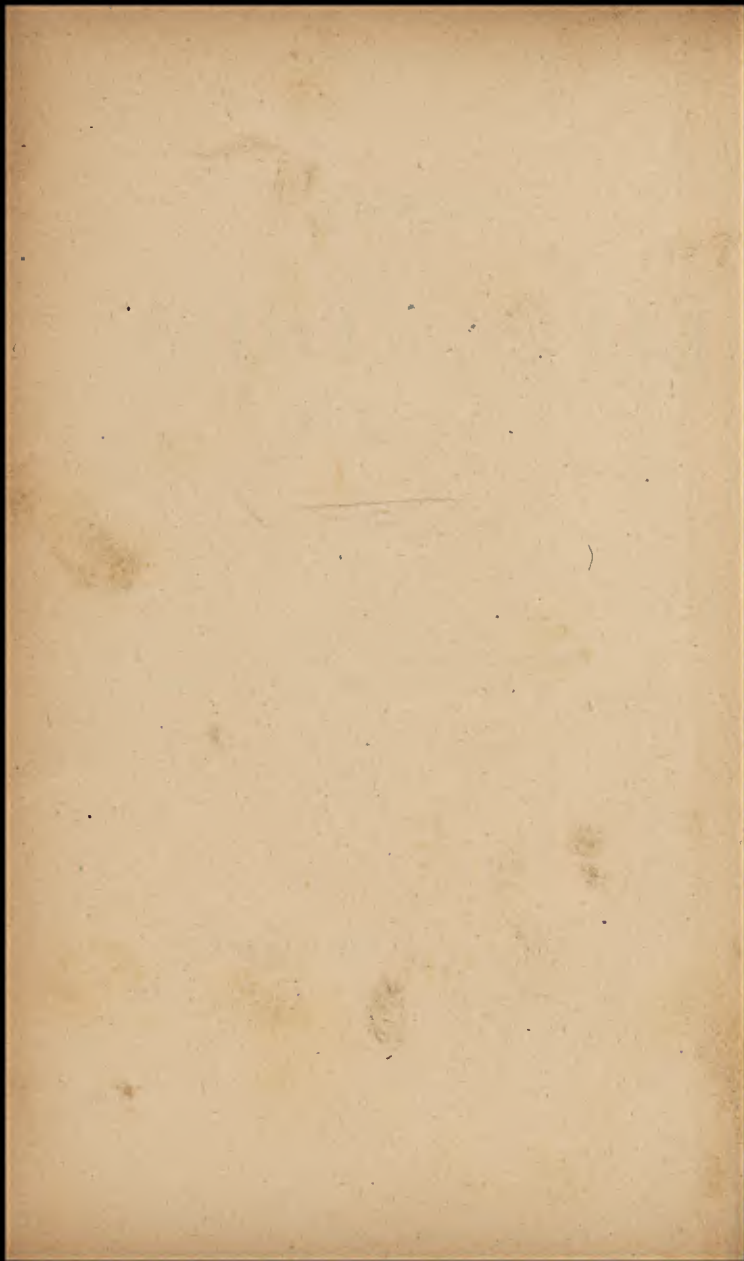
H. GARNIER, LIVREIRO-EDITOR

71, RUA DO OUVIDOR, 71
RIO DE JANEIRO

| 6, RUE DES SAINTS-PÈRES, 6
PARIS

—
1904





O SR. COELHO NETTO

Tormenta, por COELHO NETTO, Rio de Janeiro, Laemmert e C^o, editores, 1901. Cp. do mesmo autor : *O Rei Phantasma*, 1895 ; *Miragem*, 1895 ; *Sertão*, 1897 ; *Inverno em Flor*, 1897 ; *O Paraíso*, *O Morto*, *Romanceiro*, todos de 1898 ; *A Capital Federal*, 3^a edição, 1899 ; *Pelo Amor*, *Saldunes*, 1900.

E' hoje o Sr. Coelho Netto o mais copioso dos nossos escriptores, e copioso no duplo sentido de autor de numerosos livros, artigos, chronicas e folhetins, e de abundoso em palavras. No ante-rosto do seu ultimo livro, *Tormenta*, nos enumera elle vinte e quatro obras, annunciando mais cinco para breve. E o Sr. Coelho Netto de pouco terá excedido os trinta annos, e não haverá vinte que escreve. Certo a maioria desses



livros são apenas edições em volumes de escriptos já publicados em jornaes e revistas. Não tira isso, todavia, seja elle neste momento, e não sei si não tambem em todos os tempos, o mais copioso dos nossos escriptores. A não ser Joaquim Manoel de Macedo, não conheço nas nossas letras escriptor que se lhe avante, e mais o autor da *Moreninha* escreveu durante quarenta annos. Esta approximação nada tem, no meu pensamento de depreciativa, pois, si sob o aspecto puramente literario, a critica pôde collocar o Sr. Coelho Netto mais alto que Macedo, do ponto de vista da historia da literatura brasileira, a importancia deste me parece maior.

Não falta ali quem desta copiosa produção faça ao moço escriptor um grande merito. Eu de mim, por amor delle e da nossa literatura, o não quizera tão abundante, nem tão numeroso. Penso que a sua farta produção de alguma sorte comprometteu as reaes qualidades de que é dotado. Com a melhor vontade, não logro ainda ver nas duas duzias de livros seus publicados um livro, a obra que todo artista, para viver na memoria dos homens e influir nelles, deve deixar após si. Essa obra o escriptor de ficção, poeta, romancista ou dramaturgo, pôde fazel-a em muitos ou em um só volume, a sua superioridade, porém, depende de fazel-a. O Sr. Coelho Netto se tem dispersado, gastado



mesmo, num labor, meritorio sem duvida, porque indica um raro amor e uma não vulgar disposição ao trabalho, que receio não o haja prejudicado e, o que mais é, ás nossas letras, de que elle foi seguramente, nos ultimos tempos, a mais esplendida esperança. Elle tem sem duvida o amor da sua arte; é talvez duvidoso si terá no mesmo grau o respeito della, si a não sacrificará por vezes ou a imperiosas e respeitaveis circumstancias materiaes ou a uma popularidade de mau cunho, a que um verdadeiro artista, um escriptor que se preza, deve ser sempre superior. E se não pense que estou advogando a causa, que julgo detestavel, dos escriptores pro-humanos, queridos de Nietzsche; não, não concebo a arte, qualquer que seja a sua fórma, sinão social e humana, e os puros esthetas, sobre os achar frivolos, me são profundamente antipathicos. Mas pôde o artista ser fundamente humano, piedoso, democrata e popular até, sem sacrificar jámais á popularidade — a gloria em trocos miudos, como lhe chamou Hugo, — ou requestal-a. A vangloria das ruas celebres, dos cenáculos, das parcerias ou do noticiario pôde deliciar o facil amor-proprio de um homem de penna, cuja vaidade só é comparavel á que de commun se attribue ás bellas; mas não creio seja nunca um nobre estimulo a um serio labor das letras.



Porventura havia no Sr. Coelho Netto, ha ainda, talvez, os mais felizes dons de artista capaz de comprehender e traduzir o soffrimento humano. A sua sensibilidade, aliás toda nervosa, si posso dizer assim, dava-lhe, independentemente da sua visão, da sua reflexão ou da sua vontade, o contacto della. E a sua impressionabilidade mais de uma vez, como em *Miragem*, que para mim continúa a ser o seu melhor livro, e em alguns dos seus contos, a sentiu e exprimiu de modo a commover-nos intensamente. Mas a virtuosidade, o diletantismo domina afinal no Sr. Coelho Netto a naturalidade da sua inspiração e a desvia do seu curso genuino. Romantico e profundamente romantico, — que o romantismo é a dominante do seu temperamento literario — naturalista, realista e idealista a um tempo, e por ultimo symbolista, (Veja *Romanceiro*, *Pelo Amor!* *Saldunes e passim*), sente-se que esta mistura incoherente de tendencias estheticas não é nelle o resultado do ecletismo contemporaneo, mas antes o effeito de um engenho que se compraz em experimentar-se em modos e generos diversos. Esta versatilidade esthetica pôde ser, e eu receio muito seja, um symptoma de insinceridade artistica. A habilidade, ainda o talento, e, melhor que tudo, a virtuosidade que um escriptor pôde nella revelar, realmente de escasso merecimento é



desde que lhe não faça — e as mais das vezes lh'o não consente — deixar uma obra inteiriça e homogenea, pelos seus aspectos exteriores e pelo espirito que a anima. E só taes obras vivem, e por sua vez produzem. Póde bem ser que eu não saiba ver na obra copiosa do Sr. Coelho Netto; mas essa obra, estimavel, consideravel mesmo, por mais de uma face, não tem, a meu vêr, a inteireza, a homogeneidade, a unidade espiritual que, apesar de todas as modalidades secundarias, são evidentes na obra de qualquer dos grandes escriptores estrangeiros, e para não sair da nossa lingua, na de um Garrett, de um Camillo, de um Eça ou de um Alencar. E não é um grande escriptor sinão aquelle que faz essa obra.

Por uma illusão dessas a que são os artistas tão sujeitos, já o Sr. Coelho Netto se qualificou a si mesmo de Atheniense e de primitivo. Nem uma, nem outra cousa. Aliás as duas são incompativeis. No genio grego, feito de razão e bom senso, simples e claro, não ha nada de primitivo, no sentido dado a esta palavra pelo escriptor, que é o sentido em que a usa a esthetica moderna; não ha propriamente ingenuidade, como nos pintores italianos de quatrocentos, mas reflexão espontanea, natural, nascida, póde-se dizer, do genio peculiar da raça. Si ha singeleza, espontaneidade, simplicidade, ha tam-



bem sciencia, calculo, precisão, e, sobretudo, um sentimento das proporções, da linha, da medida, da nuança, que o primitivo não comporta, e que, com a finura do pensamento e a clareza da expressão, constituem o atticismo. O primitivo é justamente o contrario, e o seu principal character, si o primitivo existisse em literatura, como existiu na pintura ou na musica, seria a ingenuidade idiota, no velho sentido vernaculo desta palavra. Sómamente acaso se encontraria nos contos e cantos populares do homem apenas emergido da animalidade primitiva. Homero está bem longe de ser um primitivo, no mesmo sentido em que o são em pintura Cimabue ou Giotto, ou Frei Angelico, ou os symphonistas do seculo xvi. O Sr. Coelho Netto não é, como erradamente se julga, nem um Hellenico, nem um primitivo, e menos ainda primitivo como homem da natureza. O que no mundo hellenico, na obra literaria da Grecia o seduz, o que elle sobretudo estima e aprecia, são os seus lados romanticos, as exterioridades espectaculosas, os aspectos tragicos, romanescos, e mais o brilho, o colorido. E' o mesmo que o embevece no Oriente, no Egypto, na Biblia, depois nas lendas septentrionaes da Germania ou da Escossia, com os seus costumes singulares, os seus vestuarios exoticos, os seus nomes exquisitos de romance e de aventura, e até no



druidismo de fancaria de Eugenio Sue, transportado para *Saldunes*. Mas na sua obra, de todas estas excentricidades gregas, orientaes, biblicas ou septentrionaes, ha sómente a impressão dos aspectos exteriores, a decoração, o scenario, nomes, expressões technicas; a propria alma das cousas, essa não ha encontral-a. Apenas tomou daquillo o que quadrava ao seu sentimento romantico, o *bric-à-brac* historico e lendario, que é uma pura predilecção romantica, e que, geitosamente empregado, daria ao seu estylo, á sua maneira, um motivo decorativo novo, ou com apparencia, ao menos, de novidade, propria para enganar os ingenuos. Um critico nosso, o Sr. Araripe Junior, chamou ao Sr. Coelho Netto « um assombrado »; eu chamar-lhe-ia « um complicado », si pudesse dar em uma palavra a impressão que tenho do seu talento. Mas um complicado que não fosse complexo, porque afinal me parece que a complicação do genio do Sr. Coelho Netto é toda exterior, de superficie, e, para dizer todo o meu pensamento, de vontade. Uma complicação toda literaria, sem nenhuma, ou quasi nenhuma, complexidade interior. Neste sentido, sim, o Sr. Coelho Netto seria um primitivo. Mas elle é um nervoso, talvez muito de nervosismo organico, o que não é da minha alçada, e fôra impertinente indagar, mas dessa especie de



nervosismo literario e artistico, que não sei si não será um producto de imitação, de auto suggestão, de pura imaginação, mesmo de snobismo, que mais ou menos ataca a todos nós. Alguem mais que eu amigo das theorias em moda poderia acaso classificar-o numa das categorias de Nordau. Não pendo para ahi, nem creio bastante nas vantagens e valor de taes locubrações. Preferiria explicar, si pudesse, o autor pela obra a explicar a obra pelo autor. A minha idéa do talento do Sr. Coelho Netto, e não da pessoa do Sr. Coelho Netto, vem-me directamente do estudo da sua obra. A caracteristica dessa obra afigura-se-me o contrario da simplicidade grega ou da ingenuidade primitiva. Salvo na parte assignada Caliban, e nos escriptos do genero do *Romanceiro*, não sinto nella real espontaneidade. Percebe-se a preocupação do literato, aquillo a que um grande romancista russo chamava com desprezo « a literatura ». Não é só a sua paizagem, como já tive occasião de notar, que é arranjada, « feita de chic », a mesma vida em todos os seus romances tambem o é. O seu sertão é uma pura criação da sua fantasia, sem correspondencia na realidade do interior brasileiro. Mas si o Sr. Coelho Netto engana-se redondamente suppondo-se um grego, cumpre convir, e de passagem já acima o fiz, que não é tão completa a



sua illusão dizendo-se um primitivo. A sua primeira impressão das cousas é, talvez, singela, de espanto, de homem simples, mas a sensação que della resulta complica-se logo no seu cerebro de literato e de romantico, cujas preferencias vão ao maravilhoso, ao extravagante, ao mystico. Creio não errar julgando que na obra de Shakespeare, dos Scandinavos, dos symbolistas, como Moeterlink, dos romancistas russos, como nas civilizações e lendas exoticas, foi esse aspecto o que mais o impressionou e o influiu. E essa influencia, ou, si quizerem, essa feição do seu talento, prejudicou, a meu ver, outras qualidades, porventura mais suas.

A imaginação, quasi estou em dizer a fantasia, é a qualidade predominante no Sr. Coelho Netto. Imaginação rica, abundante, brilhante sobretudo, opulenta até á desordem, mas de facto sem força creadora. Qual é o typo, o character, a acção significativa, a scena cuja recordação guardemos, da copiosa obra novellistica do Sr. Coelho Netto? Não ha nenhuma originalidade e invenção nos seus themes, nem verdadeiramente elle tem a força de renovar-os re-creando-os, que é ainda o que de melhor pôde fazer o artista. O thema de *Pelo Amor!* é antigo como a literatura, e o velho tutor ou padrasto, ou amigo, apaixonado da pupilla não é mais moderno. Não desconheço que nada ha novo



em arte, cuja só originalidade possível é dar-nos a impressão da novidade. Mas não é este, penso eu, o caso daquellas obras, na primeira das quaes a acção se desenvolve fatigantemente, e a composição é puramente rhetorica. Mas a imaginação do Sr. Coellio Netto, limitada, si não estou em erro, pelo lado da criação, desborda verdadeiramente pelo outro, a que chamarei decorativo, mas infelizmente indisciplinada. E então soccorre-se de todo esse *bric-à-brac* exotico de que falei; orientalismo biblico, mythologia hellenica ou scandinava, lendas germanicas e saxoniás, credices medievaes. De tudo isso a sua imaginação se apodera e tudo isso mistura, produzindo essa « maneira » a que um literato nosso, seu amigo, chamava pitorescamente e sem maldade « os capharnaums do Coelho Netto ». Desses « capharnaums », de que, temperando-os de uma sensibilidade de gosto e naturalidade discutiveis, ainda usa e abusa como chronista, não se resente já tanto o seu ultimo romance *Tormenta*.

O leitor attento deste romance sente na sua composição alguma cousa de disparatado. O principio não lhe parecerá accomodar-se com o fim. Aliás nos melhores romances do Sr. Coelho Netto ha sempre um grave defeito de composição, falta de cohesão, soluções de continuidade, falhas ou superfectações. Não quero



outro exemplo que *Miragem*, talvez o melhor, onde ha uma parte, e extensa, que parece ter sido escripta apenas para alongar o volume, sem nenhuma relação util, e menos necessaria, com a acção. Por isso prefiro o Sr. Coelho Netto no conto e sobretudo, como disse, em pequenos escriptos, como os do *Romanceiro*. Acho-os mais de accôrdo com o seu genio, e não sei si não tambem em melhor relação com a natureza do seu trabalho apressado e dia a dia feito. O romance exige, penso, outro methodo de trabalho. Tomo a liberdade de repetir aqui o que já escrevi alludindo ao Sr. Coelho Netto: « Todo o mundo vê que, por mais bem elaborada que seja a contextura de um grande romance, mesmo nas suas minimas particularidades, não é possível redigil-o sem modificar aqui e ali, voltar atrás, comparar umas partes com outras, cortar, emendar, acrescentar, desenvolver, acertar, emfim repôr vinte vezes a obra no tear, segundo o sabio conselho de Boileau, para de cada vez reconhecer-lhe as imperfeições infalliveis, apreciar-lhe melhor as qualidades boas ou más, e polindo-a e repolindo-a, tentar attingir aquella perfeição, que é a ambição e o desespero de todo o artista. Nem ha concebermós uma obra prima sem esse trabalho critico de conjunto feito pelo proprio autor. Só esse trabalho pôde leval-o ao senti-



mento de ordem, de symetria, de unidade, de harmonia, sem o qual não ha, que eu saiba, nenhuma grande obra de arte, em qualquer genero. Essa operação não tem o Sr. Coelho Netto tido vagar para fazer, e ao seu systema de trabalho attribuo eu unicamente a falla em sua obra do livro que, com as suas capacidades, já poderia ter feito. E o seu processo de trabalho *au jour le jour* não permite que saiam perfeitas de suas mãos sinão estas obras menores. Não é a primeira vez que lh'o digo, nem, ai de mim! será porventura a ultima, porque me peza ver a mais bella talvez das organizações literarias da penultima geração ameaçar perder-se numa obra de afogo. Não esqueça o escriptor que o tempo não respeita o que se faz sem elle, e que a arte não admite mais, e não o admittiu em verdade nunca, o improviso. »

Quando começa este romance *Tormenta*, Julião, o protogonista, um medico, novo, viuvo, depois de mezes de saudade e de dôr da amada esposa perdida ao cabo de tres annos de casamento feliz, « rëntrava na vida readquirindo a alegria, num remoçamento. » Um grande pezar sentira pela morte da mulher, que lhe deixára um filho, em quem concentrava elle a funda affeição que tivera á morta, ainda amada e carpicida, áquem tumulo. Posto o filho em casa de



velhos e bons amigos, e padrinhos delle, deixára o medico a casa, ninho dos seus amores tão cedo desfeito, e na qual tudo lhe falava da morta, tudo lhe despertava a saudade, acabando por obcecal-o nella, recolhêra a uma pensão e entrára de novo a clinicar. Neste officio apaixonou-se por uma doente, moça, bella, rica, espi-rituosa, e, apesar do seu amor pela defuncta, dos seus protestos de se não casar outra vez, de consagrar-se só ao filho, espósa ao cabo de pouco tempo a sua bella cliente, Isaura, que tambem o amára desde que o viu.

Estes dados succintos, aquella yiuvez enamorada, aquelle filho querido, que ao principio parece ser no mesmo pai um estorvo á satisfação do seu novo amor, e outras circumstancias que o leitor do romance apreciará, parece indicarem que o drama se vai passar entre o pai, o filho e a madrasta, que é o doloroso caso da orphandade o thema da ficção. Tudo, com effeito, predispõe a imaginarmos isto, mas de subito, sem preparo, a acção faz-se outra, e o thema é simplesmente o ciume, e para o desenvolvimento delle reconhecemos que era absolutamente inutil que Julião fosse viuvo, e que tivesse um filho, o qual apenas tem no romance um apagado e desnecessario papel de comparsa. A falta de logica na composição é evidente, e o leitor a verificará. Mas não é só a mudança do



thema, como de quem começa um romance com uma idéa e muda-a do meio para o fim; no novo thema ha incongruencias graves. Sei que tambem na vida as ha, mas essas explica-as a mesma vida, e o dever e a capacidade do romancista é dar-me a sensação, a illusão da vida, é fazer-me aceitar no livro o que aceito na vida.

Casaram-se Julião e Isaura. « Nos primeiros dias, — conta o romancista — abrazado num intenso amor voluptuoso, Julião mal se apartava de Isaura,.. » e nos descreve a mais deliciosa das luas de mel. « Nada perturbava a felicidade serena do casal — a vida corria facil e suave por entre sorrisos e beijos, num ininterrompido idyllio. » De repente, quando Isaura, como de costume, ia interromper com carinhos a sua leitura, Julião, « que as mais das vezes attraia-a apaixonado », — « estendeu o braço como para impedir que ella se approximasse ». Começa aqui a primeira crise do casal, o resentimento da mullier contra o marido, o ciume della — porque ao depois o ciumento será elle.

Não posso, sem estender demasiado este ligeiro estudo, sinão indicar o que chamei a incongruencia desta dualidade de thema. O leitor do livro verificará si tenho ou não razão. E não é ao ciume atacando alternada e separadamente os dous conjuges que chamo incon-



gruencia, mas ao facto de não me ter o autor sufficientemente explicado e preparado os acontecimentos, o que se passa no animo dos seus personagens. Julião vive desde aquella scena para os seus livros, para a sua profissão, desama a mulher, recobra as saudades da morta e chega a descobrir que de facto não ama a segunda, que foi victima de uma superexcitação dos sentidos, e até que não é um affectivo, que nem sequer ao filho, que continúa a viver com os padrinhos, ama verdadeiramente. Ora, até então tudo nos indicava nelle justamente o contrario, um ente bom e affectuoso. Abandonada pelo estudo, pela clinica, pela morta, Isaura soffre do repudio do marido, e lastimasse. Ella vive isolada, não sae, não se diverte nem distrae, não faz nem recebe sinão raras visitas. Quando os velhos amigos, que foram como segundos pais a Julião, lhe censuram a a situação em que deixa a mulher, elle responde-lhes: — « Porque não toma um carro? En não me opponho a que ella saia, antes insisto com ella para que visite os parentes, as amigas... mas não, ha de ser comigo sempre, entende que devo deixar as minhas obrigações, os meus afazeres para andar de um lado para outro... » e por duas paginas (as falas são longas neste livro) dá as suas razões, de não distrair a mulher e faz a sua profissão de fé



antimundana. Nisto, porém, não ha nenhum ciume da mulher; ao contrario, é o zelo sem causa desta, é o seu desejo de o ter sempre comsigo, em casa e na rua, que o aborrece e o afasta della. De subito esta indiferença um pouco aggressiva transforma-se, e uma especie de Othello nos surge neste medico ao principio amoroso, depois mais preocupado dos seus estudos e da sua profissão que da esposa, e finalmente, desvairado pelo ciume até quasi ao conjugicidio e ao suicidio. Numa carta que escreve a um amigo, e que não manda, dá elle razão de si. Mas de facto nada explica; apenas ficamos julgando que é um doente, de uma doença sem causa apreciavel, doente de scisma. Porque entrou elle em tão negra melancolia que nem mesmo sabe que ainda vive, si é que vive? Porque lhe lampejam no espirito idéas atormentadas de suicidio? Porque o seu tédio frenetico de tudo, o seu fastio da vida, que só lhe foi propicia? A nada disto responde o romance, e o proprio heróe confessa que tudo isto é devido á sua imaginação. O processo é commodo. E' nesta carta que elle nos apparece pela primeira vez ciumento, e elle proprio nos diz que sem causa. Dahi em diante é verdadeiramente um desvairado, o ciume em Isaura desapparece, não se ouve falar mais d'elle e assoma furibundo em Julião.



Em casa são descomposturas de arrieiro, injurias de rufião, vias de facto, tentativas de assassinato, que acabam por uma reconciliação talvez real, mas de parte a parte desbriada.

Certos dialogos do marido e mulher dão lugar a verdadeiros discursos, fóra de situação e fóra de proposito muitos delles. Elle e ella disputam ás vezes com grandes frases, tiradas philosophicas sobre o amor, o casamento, os reciprocos deveres dos conjuges.

Na composição dos romances do Sr. Coelho Netto ha um defeito, que com a extrema regularidade do seu estylo, lles torna acaso fatigante a leitura : o abuso das descripções. O Sr. Coelho Netto é um descriptivo; ama, adora a descripção, delicia-se em fazel-a e fal-a sem necessidade, superabundantemente, alongando, com prejuizo da intensidade da acção, e da mesma esthetica do livro, as suas narrativas. Em *Inverno em Flôr* ha verdadeiros inventarios descriptivos de mobílias. Em *Tormenta* não nos poupa a descripção da chacara de Salustio Pina, da casa de Amancio e da de Julião, do mar e do dia vistos da rua Silveira Martins, de uma entrada de theatro lyrico em noite de espectaculo e de outras cousas, todas ao cabo sem influencia na acção, sem nenhuma correlação com os factos, nem sequer a neces-



sidade que o novo, o exótico, podem crear ao romancista.

A lingua do Sr. Coelho Netto é correcta e destra. Tem brillantismo, elegancia e colorido. Mais de uma vez, lendo uma pagina de d'Annunzio, lembrou-me a lingua do Sr. Coelho Netto. Com sensiveis differenças de grau e de sciencia de dizer, ha na lingua dos dous escriptores uma simillhança gloriosa para o Sr. Coelho Netto. A sua não tem a maravilhosa plasticidade, que é a principal caracteristica e originalidade do escriptor italiano, e não é tão immaculada como se suppõe; os inquisidores pronominaes e os puristas poderiam notar-lhe mais de uma heresia. Não serei eu quem lhe faça carga disso. Elle resgata pela harmonia o peccado contra a praxe portugueza. Com todas essas qualidades, póde-se-lhe talvez notar que é amaneirada, e que a sua extrema regularidade a torna ás vezes monotona, como é, por exemplo, a de Zola. O seu vocabulario é copioso, mas rebuscado, e ás vezes precioso, como quando neste livro nos descreve uma moça, na fazenda, montada na sua « hacanée ».

O autor gosta de termos raros, obsoletos, archaicos. Numa só pagina de *Tormenta* acho *modorravam* (aliás empregado com violação da sua lidima accepção) *fanho*, *cascavellante*, *zimbrando*, *abochornados*, e pelo livro *apian-*



çar, rinha, e outros. No *Paraiso* superabundam quejandos termos, propositalmente catados nos vocabularios. Poderei, sem impertinencia, repetir o que já em outra occasião escrevi a a proposito mesmo do Sr. Coelho Netto?

O grande escriptor em todas as linguas é o que escreve e consegue todos os affeitos da sua arte com o vocabulario corrente, não só do povo—que é realmente pobre,—mas da literatura do seu tempo. Esta mania de purismo e archaismo, não só lexico, mas syntactico, é, não duvido asseverar, exclusivamente nossa, luso-brazileira, e hoje mais brazileira que lusa. Não tendo idéas, parece quereremos suppril-as por palavras e andamos a rebuscal-as nos dictionarios e nos classicos de quatro seculos atrás. E' um duplo erro, perante o bom gosto e perante o que se chama, um pouco pretenciosamente, a sciencia da linguagem. Que devemos escrever como falam os cultos, é uma regra que ninguém desconhecerá; mas nenhum homem culto, pena de ser ridiculo, fala com termos respigados nos dictionarios e nos escriptores que ninguém mais lê. sinão com o exclusivo fim de catar nelles vocabulos em desuso. Demais, essas resurreições são inuteis e, para dizer popular, mas expressivamente, não pégam. Pouco ficou, de facto, das excavações de Camillo ou dos Castilhos. Quer seja uma simples meta-



phora, quer uma realidade linguistica a vida das palavras, o certo é que os vocabulos apparecem e desaparecem naturalmente, conforme a lei desconhecida da sua necessidade, e não ha resuscital-os quando a sua revivescencia não corresponde effectivamente a uma precisão. Não desconhecemos que a resurreição do archaismo, como a invenção do neologismo, são processos logicos da linguagem; nem ignoramos tão pouco a parte, muito insignificante embora, que a vontade individual, a pratica dos escriptores, tem no que se convencionou chamar a evolução das linguas. A primeira condição, porém, da legitimidade desses dous processos não é o capricho do escriptor, mas a necessidade da expressão do pensamento; a segunda é o bom gosto, a parcimonia, um sentimento delicado da conveniencia de taes resurreições ou invenções. Prova da exactidão deste conceito é que de umas e de outras ha casos que nos offendem e casos que nos agradam ou nos deixam indifferentes. Um bom e brillante escriptor francez, Theophilø Gautier, dava invariavelmente de conselho aos moços lerem o dictionario « *lisez le dictionnaire, jeune homme* ». E' salutar o conselho—e os nossos rapazes bem andarão seguindo-o — mas com a restricção de se não abusar desse livro.

Mais censuravel é ainda o archaismo syntac-



tico, porque esse é absolutamente irracional. Pois não seria contrasenso querermos nós, ao cabo do seculo XIX, falar como os homens de 1500? Todos responderão que sim, e entretanto, desses mesmos alguns ha que pretendem escrever como os quinhentistas falavam e escreviam, pois não se póde suppôr que falassem de um modo e escrevessem de outro. Vejamos um exemplo: « Enfermára o piloto e, como a bordo outro não houvesse conhecedor daquelles mares arriscados, grande foi o terror na fusta ». Pensa o leitor que o trecho é de João de Barros? Não é, mas do Sr. Coelho Netto no seu *Romanço*. Agora vejamos o disparate de um processo que não faz sinão dar ao estylo do escriptor um geito amaueirado e « precioso ». E' que da luta, que forçosamente se estabelece no seu cerebro entre a lingua presente e a antiga, entre a fórma usual de exprimir o pensamento e a fórma antiquada e anachronica, sae por força uma lingua desigual em que as frases quinhentistas e modernas brigam por se verem á-força juntas, o estylo perde a sua unidade, a sua natural feição, o seu caracter.

Na lingua portugueza, sei, pela deficiencia de cultura nacional dos povos que a falam, pela quasi completa ausencia nelles do costume de lerem e estudarem os seus proprios escriptores, fórmas syntacticas e lexicas perdem-se por es-



quecimento e desuso mais depressa talvez que em outras. Grande é assim a differença, quer no que respeita á syntaxe, quer no que concerne ao vocabulário, entre a lingua, não precisamos remontar mais alto, de Vieira e, não carecemos descer mais baixo, de Herculano. Aqui, pois, me poderiam redarguir os que a minha censura alcança, ha mais razão de ser dos escriptores, por amor de reagirem contra a ignorancia da lingua e o desconhecimento das suas riquezas, empenharem-se, como não fazem alhures, em recorrer á

« ... antiga e veneranda fonte
Dos genuinos classicos... »

qual recommenda Filinto. Não é fóra de proposito a contestação, desde que neste cavar « das correntes da antiga san linguagem » não esqueçam os escriptores que nem a arte da escripta, nem a sciencia da linguagem favorecem, sinão em muito estreitos limites, esta volta ao passado da lingua. O que é preciso respeitar e conservar na lingua é o seu genio e a sua indole, as suas maneiras syntacticas, as suas fórmulas proprias, os seus idiotismos, tudo quanto constitue o seu caracter e a distingue tambem entre as outras. Esse mesmo caracter o mudam, aliás, o tempo, a moda, os costumes, a civilização, a cultura, não deixando entre a



lingua de um seculo e a de outro sinão a conformidade das regras mais essenciaes de construcção, que lhes formam como que a espinha dorsal. Insensato seria querer oppôr-nos a essas transformações e variações, mais fataes, mais positivas que as que se dão nos organismos vivos. Portanto, a regra suprema, deduzida do estudo do factos linguisticos e literarios, é que a grande arte de escrever consiste, neste particular, em exprimir as nossas idéas segundo o character da lingua no momento e com o vocabulario do uso não só popular mas erudito. E' van—e são que farte os exemplos—a tentativa dos escriptores para, violando esta regra, pôrem de novo em circulação palavras o fôrmas obsoletas, principalmente quando não correspondem ellas a uma necessidade real.

Não é tanta, devo reconhecer, neste livro como em outros, esta preocupação do Sr. Coelho Netto, e até se lhe poderia notar que nelle não conserva a sua lingua a linha de pureza que em outros affecta. Ha, neste, escusados gallicismos, á moda lisboeta, como *gare* por estação de caminho de ferro. Acho-o condemnavel, não por amor do purismo, que não tenho, mas porque o termo, oriundo do Chiado, é desconhecido dos Brasileiros. Todos dizemos estação e a maioria do nosso povo nem sabe o que é *gare*. Poder-se-ia acaso notar com jus-



teza que o vocabulario do Sr. Coelho Netto é muito portuguez, o que indica uma aquisição livresca. Assim, ainda quando julga descrever o nosso sertão, o faz com termos de Portugal, desusados e desconhecidos no Brazil, como *malga*, *aguilhão*, *camponio*, *rustico*, *eidos*, *estio*, *veiga*, *eira*, *regato*, *labuta*, *moirejar*, *cabana*, *bacoro*, *cabaz*, e outros. Aplaudo no Sr. Coelho Netto o gosto de bem escrever—que é o mais elementar dever do escriptor, e só lhe noto o que nessa nobre preocupação me parece defeituoso ou excessivo; mas, pergunto-me, nesta sua predilecção por termos archaicos, raros, e expressões peculiares a Portugal, se não poderá enxergar o defeito de espontaneidade, de naturalidade que a sua obra, si não o seu talento, me parece ter, e que notei?



O PRIMEIRO POETA BRAZILEIRO

Chamava-se Bento Teixeira Pinto ou simplesmente Bento Teixeira.

E', na ordem de data, o primeiro autor e poeta brasileiro conhecido.

Toda a sua illustração é estreitamente chronologica. Para que fosse mais do que isso seria preciso provar que, além do poeta mediocre da insipida *Prosopopéa*, elle foi o prosador simples e natural dos curiosos e interessantes *Dialogos das grandezas do Brazil*. Essa prova ainda não foi feita. As razões dadas para o supponmos autor desta obra não passam de conjecturas mais ou menos, antes menos que mais, habeis e quasi todas especiosas.



Pouquissimo se sabe delle. O seu mesmo nome é duvidoso si foi só Bento Teyxeyra, como elle, á moda do tempo, assignou a dedicatória da unica obra incontestavelmente sua, ou Bento Teixeira Pinto, segundo a *Bibliotheca Lusitana* de Barbosa Machado, e seus repetidores. Com os poucos elementos que da sua existencia temos, não seria talvez de todo desapropositado imaginar neste duplo nome uma dualidade de pessoa. Não ha maior certeza do lugar e data do seu nascimento. O velho bibliographo portuguez o dá apenas como « natural de Pernambuco ». A obra inedita *Desagravos do Brazil e Glorias de Pernambuco*, manuscrito da Bibliotheca Nacional de Lisboa, existente hoje em cópia recente em a nossa, o faz « natural da cidade de Olinda. » Varnhagen e Norberto Silva, nas escassas noticias que delle deixaram, mais nada fizeram, no que respeita á sua biographia, que reproduzir e ampliar a Barbosa Machado. Pereira da Silva nos seus *Varões illustres do Brazil* (Paris, 1858, II tom. pg. 301) e depois Pereira da Costa, no seu *Diccionario biographico de Pernambucanos illustres* (Recife, 1882), inventaram-lhe uma biographia quasi minuciosa, que aliás achou copistas sem discernimento. Este assegura que « a tradição popular » dá por berço a Bento Teixeira a freguezia da Muribeca, a quatro



leguas do Recife, perto dos famosos Guararapes.

Absolutamente duvido de uma tradição popular sobre Teixeira Pinto em Pernambuco. Elle foi um homem obscuro, quer como poeta, quer como cidadão. Ainda os que lhe adivinharam a vida, como os citados, e, seguindo-os muito de perto e mui confiadamente, o Sr. Sacramento Blake, não lhe dão posto maior que o de cobrador dos dizimos e, de uma feita, capitão de certa expedição contra os indios Potiguaras. Mas como nenhum destes autores nos indica as suas fontes de informação, e debalde as procurámos, não podemos aceitar as sua versões biographicas sobre o autor da *Prosopopéa*, quasi todas, a meu ver, sem fundamento. Não me consta que entre o tempo em que viveu — seria exagerado dizer floresceu — e o anno de 1741, em que se publicou a *Bibliotheca Lusitana* de Machado, se encontre alguma referencia a seu respeito. A de Diogo Barbosa Machado é a primeira e succinta. Não diz mais que isto :

« Bento Teixeira Pinto, natural de Pernambuco, igualmente perito na Poetica que na Historia, de que são argumentos as seguintes obras :

« *Prosopopeya dirigida a Jorge de Albuquerque Coelho, Capitão e Governador de Pernambuco, nova Lusitania*, Lisboa, por Antonio Al-



vares, 1601, 4°. São oitavas juntamente com *Relação do Naufragio que fez o mesmo Jorge Coelho vindo de Pernambuco a Náo Santo Antonio em o anno de 1565*. Saíu segunda vez impressa na *Hist. Tragico-Marit.* Tomo 2, desde a pag. 1 até 59.

Dialogo das grandezas do Brazil em que são interlocutores Brandônio e Alviano. M. (anu) S (criptum). Consta de 106 folhas. Trata de muitas curiosidades pertencentes á Corographia e Historial natural daquellas Capitánias. Conserva-se na Livraria do Conde de Vimieiro. Desta obra e do autor faz memoria o moderno addicionador da *Bibl. Geog.* de Antonio de Leão. Tomo 3. Tit. unico., col, 1.714. »

Dezeseis annos depois, o padre D. Domingos de Loreto Couto, nos citados *Desaggravos do Brazil*, quazi não fazia sinão repetir a noticia da *Bibliotheca Lusitana*, accrescentando apenas que o nosso autor era de Olinda, e referindo que « teve genio sublime para a poesia sendo igualmente perito na historia », no que sómente repele mais compridamente a Barbosa Machado. Veremos adiante no que desde se differencia. Obras como a *Prosopopéa*, poemas em louvor de magnates e poderosos, eram por tal fórma communs no tempo em que foi o do nosso compatriota publicado, que ninguem, talvez nem o proprio decantado, lhes daria maior at-



tenção e apreço. O que a literatura portugueza e a incipiente literatura luso-brazileira têm nesse genero é estupendo pela quantidade e abaixo de todo o desprezo pela qualidade. O poema do nosso patricio não excedia á ruindade ordinaria dos seus congeneres. Não ha como nos ufamos delle. O seu nome e a sua obra, é mais que provavel, não tiveram nenhuma repercussão, nem em Portugal, nem em sua terra natal. Manoel Botelho de Oliveira que, pela publicidade, vem logo após elle na historia chronologica da poesia brazileira, jaclava-se, ao começar o seculo de 1700, de « ser o primeiro filho do Brazil que faça publica a suavidade do metro », mostrando assim, a não lhe duvidarmos da boa fé, ignorar que cem annos antes um outro brazileiro já fizera publica aquella « suavidade ». Não ha pois como crer que uma « tradição popular » guardasse lembrança do lugar exacto do seu nascimento. Aliás, não ha neste Homero porque Muribéca dispute a outros sitios a gloria de o ter visto nascer.

Andava elle tão esquecido que Varnhagen, publicando em 1850 o seu *Florilegio da poesia brazileira*, não lhe reproduz trecho algum e não o menciona sequer no *Ensaio historico sobre as letras no Brazil*, fonte de toda a nossa historia literaria, que lhe poz como introduccão. Como veremos adiante, Varnhagen ainda então con-



testava a Bento Teixeira a autoria da *Prosopopéa*. Quando, em 1872, descobriu o exemplar da Bibliotheca de Lisboa, que a authenticava, prometteu que em um supplemento áquella obra faria nella entrar o poeta. Não me foi possível verificar si o fez, pois dous exemplares do *Florilegio* que consultei carecem ambos dessa parte.

Como as demais circumstancias da sua vida, incerta é tambem a época do seu nascimento. Pereira da Silva, nos seus *Varões illustres*, lhe assigna a de 1545. Na primitiva edição desse livro, publicada com o titulo de *Plutarcho Brasileiro* em 1847, marcava-lhe a de 1560 (e não 1580, como diz o Sr. Sacramento Blake). Basta que estas datas sejam de Pereira da Silva para lhes suspeitarmos a exactidão.

Ao Sr. Blake parece que Bento Teixeira nasceu entre 1540 e 1545 « mas nunca em 1580 (acabamos de ver que elle lhe erra o informe), como disse o Conselheiro J. M. Pereira da Silva no seu *Plutarcho Brasileiro*, porque cinco annos antes desta éra já se representavam em sua terra natal dramas de sua composição ». Veremos adiante o que vale esta razão.

Em uma das suas eruditas *Revistas historicas* publicadas no *Jornal do Commercio* (24 de Novembro de 1900), discutiu o Sr. Capistrano de Abreu, com a sua perspicacia costumada, este



assumpto, e a data do nascimento de Bento Teixeira. Nota elle, primeiro, que a donataria de Jorge de Albuquerque, o heróe e inspirador do poema, foi no penultimo decennio, digamos 1590 a 1599, do seculo XVI; segundo, que do seu contexto se deduz que quando o poema foi composto, vivia ainda Jeronymo de Albuquerque, a quem allude em varias estrophes o poeta, e o qual, segundo Jaboatão, morreu em 1594. A sua composição fica assim restringida aos annos de 90 a 94. O Sr. Capistrano de Abreu admite o de 1593. Mas do poeta na sua dedicatória a Jorge de Albuquerque falar da sua obra como sendo as suas « primeiras primicias », e alludir a futuros aperfeiçoamentos da sua musa e applausos de obra mais vasta, conclue, a meu ver com razão, o distincto sabedor que era moço quando a compoz e publicou. A mim me bastam aquelles motivos para concluir como elle, sem julgar necessario fazer obra com as manifestações de ruim gosto, de erudição mythologica, do abuso da rhetorica e outras, tiradas do exame literario do poema. Eram achaques proprios do tempo, a que não escapavam ainda os melhores poetas e que se agravavam nos mediocres, como Bento Teixeira. Referindo-se á data provavel da composição da *Prosopopéa*, pergunta humoristicamente o Sr. Abreu : « Teria vinte annos, em 1593, quando isto lavrava



o dono desta prenda? » Parece acreditar-o, e naquelle caso, haveria o poeta nascido em 1573, e não teria, portanto, podido acompanhar a Jorge de Albuquerque na travessia funesta da não Santo Antonio, em 1565. Eu estou com o Sr. Capistrano de Abreu em julgar por aquellas mesmas declarações do poeta na sua dedicatoria que o seu poema foi escripto em annos relativamente verdes, digamos entre os vinte e vinte e cinco, como estou em acreditar que elle não acompanhou o seu Mecenas — pois tal se lhe pôde chamar a Jorge de Albuquerque — na triste viagem daquella não. Os que sabem desta versão da viagem de Bento Teixeira com o seu cantado, não podem deixar de estranhar que, referindo-se á infausta navegação e ás lutas da não e dos navegantes com os elementos, que o poeta inventa revoltados contra o seu heróe por um conluio de deuses, não tenha elle alludido, ainda vagamente, á sua coparticipação naquelles horrorosos transes. Nenhum poeta, e poeta aulico, adulador, se esqueceria disto. Participar dos mesmos infortunios é mais um laço, e forte, de intimidade; estabelece uma camaradagem que, pelos supremos perigos juntamente corridos, desfaz todas as distincções. É um titulo á bemquerença e á amizade. Quando o não comprehendesse ou soubesse, o seu só instincto de poeta cortezão, a vaidade que tiraria de ter



elle tambem soffrido com o seu heróe as desgraças que narra, não teriam deixado Bento Teixeira calar a sua presença naquella horrivel travessia. Pondera o Sr. Capistrano de Abreu, que nessa tragedia maritima sobrelevam dous momentos : a luta contra os elementos e a luta contra os corsarios francezes e hereges. « A esta luta em que a figura de Jorge de Albuquerque assumiu proporções homericas nem de longe se acena ». E desta singular ausencia conclue com razão o Sr. Abreu que Bento Teixeira não conhecia o episodio, que da viagem da não *Santo Antonio* só teria vagas noções, e que escreveu em annos verdes. Prova mais cabal, e a meu ver decisiva, de que Bento Teixeira não fez a viagem é que, enumerando-se nella todos os que se salvaram do naufragio, não se achia o seu nome. « Os que chegámos á terra vivos, diz o autor da *Relação*, foram estes : » e cita 21 pessoas, inclusive « uma escrava de Jorge de Albuquerque por nome Antonia » depois do que acrescenta « e outros escravos mais ». Relacionando com tanta individuação os naufragos escapados, « um velho, mestre de fazer assucar », « dous irmãos por nome os Bastardos », uma escrava do capitão-mór, certo não lhe esqueceria Bento Teixeira por mais obscuro que fosse. Nem se diga que elle se não podia nomear a si mesmo, pois a propria fórma



da enumeração « os que escapámos » destróe esta objecção. Assim nella figura « Affonso Luiz, piloto, mas não da nossa não », o averiguado primitivo redactor da *Relação*.

Já vimos que Barbosa Machado attribue a Bento Teixeira, além da *Prosopopéa*, mais duas obras, a *Relação do naufragio* e os *Dialogos das grandezas do Brazil*, até então ineditos. Diremos da primeira. Não é mais possível continuar, como ainda fez o Sr. Sacramento Blake, a attribuil-a ao nosso poeta. Varnhagen, que na primeira edição da sua *Historia geral do Brazil* (1857) chegára a negar fosse Bento Teixeira o autor da *Prosopopéa*, dando-a como de Antonio de Castro, mestre do Principe D. Theodosio II, e confundindo-a com a relação do naufragio, fazendo das duas uma unica obra com duplo titulo, foi quem deslindou de uma vez esta questão. Em 1872 descobriu elle na Bibliotheca Nacional de Lisboa o rarissimo poemeto de Bento Teixeira annexo á segunda edição da *Relação do naufragio*. A declaração da dedicatória, como outras escriptas naquelle exemplar, não consentiam mais duvida sobre a autoria das duas obrinhas. Eis como Varnhagen, em carta de 8 de Outubro daquelle anno ao Ministro de Estrangeiros, publicada no *Diario Official* de 6 de Novembro, noticia o seu achado. É, diz elle, « um livro in-4, impresso em 1601,



sem paginação, contendo ambas estas composições; primeiro, a *Relação do naufragio*, e depois o poema *Prosopopéa*, com a circumstancia de se declarar no mesmo livro que esta edição de 1601, com uma tiragem de mil exemplares, era já a segunda, e havia sido precedida de outra tambem de mil exemplares («é porque na primeira impressão se não fizeram mais que mil livrinhos, se quer fazer agora mais outra impressão de outros mil livrinhos... accrescentando-lhe mais estes cadernos que andam a elle unidos, que se não puzeram na primeira impressão por esquecerem»). Não se diz em que anno essa primeira impressão havia sido feita. Daqui se conclue que, em manuscripto, a *Relação do naufragio* e a *Prosopopéa* andavam juntas, factivamente, apenas por tratarem do mesmo assumpto. Acaso o proprio Jorge de Albuquerque lles juntasse no mesmo volume os cadernos em que foram escriptas. Imprimindo á primeira vez a *Relação*, esqueceu-se o impressor de lhe annexar o poema, mas quando teve de fazer nova edição — por isso que taes relações de naufragios, que constituiram esse livro unico, a *Historia tragico-maritima*, eram avidamente lidas — o ajuntou como um complemento natural. Para Varnhagen, e aquella declaração do mesmo livro o justifica, esta *Relação do naufragio*, com a *Prosopopéa*, é a segunda. A *Relação*



foi depois reimpressa duas vezes, uma no tomo 2º daquella *Historia*, e outra no tomo XIII, pag. 279, da *Revista do Instituto historico*, para onde a trasladaram, crendo-a ainda de Bento Teixeira, e onde póde ser hoje mais facilmente lida.

Que não é de Bento Teixeira a *Relação* provam as considerações já feitas na indagação da sua idade, e mais esta declaração que, segundo Varnhagen, se lê no exemplar de Lisboa « em letra de mão antiga ». « Antonio de Castro, mestre do Sr. D. Duarte escreveu este naufragio, e Bento Teixeira Pinto fez a *Prosopopéa* que vem junto no fim. E é engano dizer-se na reimpressão que se fez com o titulo de historia dos naufragios ondè viciaram este e lhe deram por autor Bento Teixeira Pinto, o que é falso, pois foi o dito Antonio de Castro, como consta adiante da 6ª lauda deste livro, cujo paragrapho e noticia lhe tiraram e omitiram com outras mais, etc. » A *Relação* não foi, porém, primitivamente escripta por Antonio de Castro, mas, como constava do proprio texto della, « a rogo de Jorge de Albuquerque pelo piloto Affonso Luiz » e o trabalho deste « foi arranjado por Antonio de Castro mestre de D. Duarte (e não de D. Theodosio, como primeiro dissera Varnhagen, que aqui se rectifica) filho dos Duques de Bragança D. João e D. Catharina. Antonio de Castro foi,



assim, o Fr. Luiz de Souza daquelle Fr. Luiz de Cacegas, o piloto Affonso Luiz.

O Padre D. Domingos de Loreto Couto, acima citado, que nos seus *Desaggravos do Brazil e Glorias de Pernambuco*, quasi não faz, respeito a Bento Teixeira, a que tambem chama Pinto, sinão trasladar a Barbosa Machado, não lhe attribue a *Relação*. É incontestavel, parece-me, que este seu silencio sobre esta obra tem alguma significação. A 20 annos do seu principal informador, elle acaso saberia já que essa obra não era de Bento Teixeira.

Com a *Relação*, Barbosa Machado attribue a Bento Teixeira, conforme vimos, os *Dialogos das grandezas do Brazil*. Todos os mais que do nosso primeiro poeta se occuparam, repetiram essa attribuição. Varnhagen a contestou com bons fundamentos, fracamente rebatidos por Norberto Silva. (V. esta discussão na *Rev. do Inst.*, tomo XIII.) Mas o mesmo Varnhagen acabou por aceitar a versão do autor da *Bibliotheca Lusitana*, com este mesquinho fundamento que é « obra de um Pernambucano, e então não pôde o autor ter sido sinão o proprio tradicional Bento Teixeira, autor da *Prosopopéa*, pois não era possivel encontrar-se em qualquer outro colono obscuro, e que de si não deixasse a menor noticia, tantas qualidades recommendaveis de instrução ». Si ha um argumento especioso é



este; como que se sente nelle o erudito cansado de procurar e a cujo espirito repugna deixar sem autor uma obra que admira. A nossa mente tem tambem horror ao vacuo — e dali as hyptheses e as affirmações gratuitas, como esta de Varnhagen.

Aliás elle proprio reconhece que « todos estes argumentos não são infalliveis. » (*Rev. do Inst. Archeologico e Geographico Pernambucano*, n. 33, Agosto de 1887, p. 148.)

Discutindo com sufficiente largueza qual neste pleito teria razão, « o noviço Varnhagen ou o provector Visconde de Porto-Seguro », o Sr. Capistrano de Abreu dá áquelle a victoria e conclue que nem Bento Teixeira, o autor authentico da *Prosopopéa*, nem Bento Teixeira Pinto, o supposto autor da *Relação do Naufragio*, identificados em um só e mesmo individuo, tem parte nos *Dialogos*.

O autor destes, quem quer que fosse, e sem embargo das razões de Varnhagen, não parece fosse Brasileiro; elle mesmo, ou o seu interlocutor por elle — e tanto Varnhagen como o Sr. Abreu os identificam — declara-se « novo » na terra. O falar no « nosso Brazil » não prova que daqui era : é uma expressão corrente na boca de estrangeiros domiciliados neste paiz, maxime Portuguezes em relação ao Brazil, onde não eram estrangeiros. « Nosso » ali pôde até



indicar simplesmente posse, como os Portuguezes diziam a « nossa Índia » ou as « nossas Índias ».

O autor dos *Dialogos* se dá como cobrador ou arrecadador dos dizimos de assucar em 1583. Com o Sr. Capistrano, cremos que a *Prosopopéa*, publicada em 1601, é uma obra de juventude, ao menos de primeira mocidade, entre 20 e 25 annos, o que daria para o nascimento do poeta os annos 1568 a 1573 (o Sr. Abreu fixa-se nesta ultima data), sendo elle escripto ainda em vida de Jeronymo de Albuquerque, fallecido em 1594. Com dez ou quinze annos, os mais que teria em 1583, não podia occupar aquelle cargo. É preciso não esquecer que toda a biographia que Pereira da Silva, Norberto Silva, Pereira da Costa e o Sr. Sacramento Blake, que os segue com malaventurada confiança, fizeram do autor da *Prosopopéa*, basea-se no presuppuesto de ser o Brandonio dos *Dialogos* e seu autor o mesmo Bento Teixeira. Foi Varnhagen quem do contexto desta obra deduziu os factos principaes da vida do seu mysterioso autor; os outros não fizeram sinão repetil-o, acrescentando, como sempre succede, alguma cousa de sua imaginação. É assim que tendo Pereira da Silva inventado que se encontram poesias de Bento Teixeira na *Fenix renascida*, collecção de ruins poemas publicados em 5 tomos, em Lisboa, por



Mathias Pereira da Silva, de 1716 a 1728, Pereira da Costa e o Sr. Blake lhe repetem confiadamente o disparate, como si lá as tivessem lido. Pois não ha nada de Bento Teixeira naquella indigesta collecção, onde aliás elle não faria má figura.

O autor do *Diccionario Bibliographico Brasileiro* informa ainda que Bento Teixeira « escreveu mais :

— *O rico avarento* : drama. Não sei onde pára, diz, e nem consta que fosse impresso : sei (como? onde bebeu a informação?) que foi representado em Pernambuco em 1575.

— *O Lazaro pobre* : drama. Foi, como o precedente, representado em 1575, resultando da sua exhibição em scena, que os ricos abrissem as suas bolsas e as vasassem em esmolas á pobreza. »

A segurança destas afirmações desconcertaria a quem ignorasse como formiga de erros e inexacclidões, e não sei si não poderei dizer de invenções, aquelle *Diccionario*. Sendo o primeiro a revelar duas obras desconhecidas de Bento Teixeira, parece corria ao autor o dever de justificar com testemunhos a sua novissima informação. Não me foi possível achar nada em que assentasse, mas não haverá nenhum mediocre conhecedor, como eu, da historia da literatura brasileira e das cousas da cultura bra-



zileira em geral, que a aceite por exacta.

Rastreemos-lhe, porém, a origem provavel. Varnhagen no primeiro volume do citado *Florilegio* conta que os jesuitas « em 1575 fizeram representar em Pernambuco o *Rico Avarento e Lazaro pobre*, que produziu o effeito de darem os ricos muitas esmolas. » Fernando Wolf, na sua *Histoire de la littérature brésilienne* (Berlim, 1863, pagina 7), repete esta noticia, quasi nos mesmos termos. Pereira da Costa, num trabalho que desconheço, *Mosaico pernambucano*, citado pelo Sr. Oliveira Lima em *Pernambuco, seu desenvolvimento historico*, pagina 7, a repete tambem. Varnhagen, infelizmente, o que lhe acontecia mais frequentemente que o exigiria uma rigorosa probidade literaria, não diz d'onde a houve. Como de um auto ou peça, meio sagrada, meio profana, do genero das que os jesuitas empregavam como meio de educação e de edificação nos seus collegios, fez o Sr. Sacramento Blake dous dramas e como chegou á convicção de serem elles de Bento Teixeira, não penetrou.

Mais incerta que a do nascimento é a data da morte do nosso poeta. Não a conjecturaram siquer os seus mais minuciosos biographos, Pereira da Silva, Pereira da Costa e Blake. É de admirar que, com processos tão de palpites, como diria Camillo, lh'a não tenham descoberto.



A razão deste seu silencio é que não se achou a do fallecimento do autor, quem quer que seja, que sob o disfarce de Brandonio é o principal interlocutor dos *Dialogos das grandezas*, e as falsas biographias de Bento Teixeira que ahi correm não são sinão a que Varnhagen deduziu das declarações pessoaes daquelle sujeito. Podemos, pois, tel-as por méras conjecturas sem fundamento, como quasi tudo o que attribuem a este primeiro personagem da nossa historia litteraria. De todas as obras de que fazem autor a Bento Teixeira, só uma, a *Prosopopéa*, é incontestavelmente sua. É esta tambem a opinião do erudito Sr. Ramiz Galvão, que, como Director da nossa Bibliotheca Publica, deu em 1873 — e não em 1872, como diz o *Diccionario Bibliographico Brasileiro* — uma edição *fac-simile* do poema.

Da vida de Bento Teixeira apenas se sabe que era Pernambucano. Tudo mais é conjectura ou invenção. Quando com certeza nasceu, o que foi, o que fez, quando morreu, completamente se ignora.

Dito o que se sabe — que, como viram, não é nada, do poeta — digamos agora do poema.



II

Uma literatura não é só uma collecção de obras primas. E' alguma cousa mais e meños que isso. Expressão social por excellencia, para ser representativa e completa, tem, dentro de certos limites, de admittir o bom e o mau, mesmo o peor, sob o puro aspecto esthetico. Não é, entretanto, absoluto este conceito. A sua exactidão depende do récuo dos tempos. Verdadeiro nas épocas de formação, e ainda muitas vezes nas de transição literaria, não será talvez applicavel ás de pléna florescencia e desenvolvimento de uma literatura. Nos seus primordios, nas suas origens, tudo se conta. Todo o documento escripto do pensamento, toda a manifestação escripta da sensação, da emoção, do sentimento de um povo, de uma raça, se arrolla, sem preocupação de belleza, no seu patrimonio espiritual, posto por letra, formando o que se chama a sua literatura. E não só a sua manifestação escripta se considera na apreciação do seu sentimento e intelligencia; indagam-se-lhe tambem as manifestações oraes, por onde começou elle a definir-se, ainda em antes de saber fixal-as por symbolos lineares. Foi com odos



esses documentos, abstraindo do seu valor esthetico, que a sciencia conseguiu assentar a psychologia, os costumes, o pensamento religioso e moral, a vida, em summa, dos povos no periodo inicial da sua civilização, dando assim a demonstração mais cabal de que a literatura é a expressão da sociedade e, portanto, que nisso está o seu principal merito e a sua importancia incomparavel.

Para as literaturas não originaes que, como a brazileira e todas as americanas, são apenas um prolongamento de literaturas feitas, um ramo de manifestações literarias em pleno viço, não direi tenha o mesmo rigor aquelle conceito. Mas si diminue, menos de exactidão que de força, e si restringe a sua applicação, não se annula completamente. Em termos que cumpre á critica ter o maximo cuidado de não ultrapassar, continúa a ser legitimo.

As primeiras obras dessas literaturas de prolongamento, seja qual fôr o seu merito á luz da pura arte literaria, não têm sociologicamente a mesma importancia que as primeiras produções de uma literatura que começa originalmente com um povo original. E póde-se tambem notar, sem medo de errar que, nenhuma dessas obras soffre comparação com as justamente apreciadas da literatura de onde vêm. O facto, que póde ser verificado em todas as literaturas



neo-latinas, acha nas literaturas americanas plena comprovação. O genio literario de um povo como que se amesquinha quando, sob outros céos, outras gentes, embora da mesma raça ou origem, o adoptam ou perfilham. Tem alguma cousa de singular, não o sendo de facto, que em vez de ganhar com o contacto de novos climas e novas almas, venha com isso a perder; e sobretudo, que os seus productos padeçam principalmente de falta de originalidade e de character. E' que falta nessa hybridação a completa homogeneidade mental, que uma longa evolução literaria constituiu no povo principal e gerador. Uma grande literatura, como uma grande arte, suppõe esse lento e extenso desenvolvimento das capacidades literarias e estheticas, exercitadas em obras numerosas. Não é possível, sinão como uma presumpção da vaidade nacional, suppôr um povo, uma nação nova, como são as americanas, com uma literatura equivalente ás dos povos donde procedem. Um Shakspeare, um Cervantes, um Camões são impossiveis, e o serão ainda por seculos, na America. E não hesito em estender esta apreciação a todas as ordens de acclividade mental.

Os primeiros, porém, que num povo em formação dão mostras da aptidão desse povo para continuar a tradição literaria da sua mãe patria,



só por isso merecem consideração. Valem, pelo menos, como testemunho de que não fallece em a nova gente o gosto e a capacidade das letras, nem a emoção com que, mediante ellas, um povo se define. Indicam mais como, ainda nas difficuldades e incommodos de uma formação difficil, em um meio que não póde deixar de ser antipathico ou, o que é peor, profundamente indifferente a outras preoccupações que não sejam de ordem estreitamente material e pratica, a necessidade da expansão espiritual sob a fôrma litteraria se não contém.

Varnhagen, que foi o instituidor da nossa historia litteraria, e depois os que se lhe seguiram e o seguiram : Wolff, Fernando Denis, Norberto Silva e outros, contaram como um factor da nossa litteratura não só o gentio que aqui habitava, mas os seus cantos, a sua selvagem poesia, apenas conhecida por vagas informações de Lery, de Thevet, de Ives d'Evreux e dos noticiadores portuguezes. Que como um elemento constituinte do povo brasileiro, esse gentio, tupi-guarani ou tapuio, para denominá-lo de uma fôrma que não tendo talvez todo o rigor scientifico é commoda, seja um factor na constituição da nossa mentalidade, e, portanto, na sua principal expressão, não se poderá com fundamento contestar. Mas o que me parece sobremodo difficil é dizer, sem sair do vago das



generalizações facéis, e de modo a convencer-nos, qual é sinão no povo, na literatura que o exprime, a parte exacta que lhe cabe. Todos referiram-se a esse factor ou o indicaram; nenhuni, a meu ver, satisfez esta natural exigencia dos espiritos que se não pagam de palavras. Essa parte deve certamente existir, em maior ou menor grau — e para mim em bem mesquinha proporção — em a nossa literatura, mas o descriminal-a, verificál-a e apontal-a é que é arduo. Mas que nella haja siquer traços, como dizem os chimicos, daquella poesia tupi ou tapuia, redondamente duvido. Direi que, afóra a sua influencia indirecta como factor da gente brazileira, o elemento indio não foi aqui, na literatura, sinão um elemento thematico. E como thema literario elle é relativamente recente; começou na segunda metade do seculo XVIII com Basilio da Gama e Durão, e teve o seu maior florescimento, já contemporaneamente, com Gonçalves Dias e os segundos indianistas.

A primeira geração de poetas brazileiros, inclusive Gregorio de Mattos, é unicamente portugueza. Suppôr que ha em Gregorio de Mattos alguma originalidade de fôrma ou de fundo é mostrar desconhecer a poesia portugueza do seu tempo e a hespanhola, que tão affim lhe era, e que a portugueza tanto imitava,



e que elle, particularmente, quasi plagiou. Si antes de Durão e de Basilio se encontra já o amor da terra, louvores á sua belleza e opulencia, não ha achar antes delles nenhuma preocupação do indio na nossa poesia. Ella é exclusivamente, apertadamente portugueza. Imitações italianas e hespanholas que se nella topam, não lhe tiram este character. Onde lobrigar nella a poesia indigena, mesmo numa dessas infiltrações que nenhuma pesquisa e analyse podem revelar, embora as deixem presentir? Eu por mim a não descubro. E ainda com os primeiros indianistas, com os bucolicos da pleiade mineira, não consigo enxergal-a. Para aquelles são meros temas poeticos os indios; estes não lhes fazem a honra de com elles se occuparem. De facto a literatura que se póde propriamente chamar brazileira, — tanto quanto a uma literatura sem lingua propria é possivel chamar nacional — nasceu com o romantismo. E' essa que canta ou descrêve o Brazileiro, a mestiçagem de raças, costumes, tradições, crenças, feições, que constituiu aqui um povo differente do portuguez, embora intimamente ligado a elle. O indio teria acaso entrado neste amalgama com a sua indolencia, a sua indifferença, a sua desconfiança, a sua apathia, a sua desambição, a sua conformidade com as durezas da vida, a sua pouca industria.



Mas, dado que sejam estas as suas características, não seriam também as do negro, que com elle concorreu na formação do povo brasileiro? E, mais, seriam essas as suas qualidades originaes ou, ao contrario, não as teriam adquirido depois das perseguições, dos maus tratos e da escravidão que soffreram dos brancos? Era preciso poder responder com toda a segurança a estas duvidas e questões, para assentar uma theoria ethnographica san da literatura brasileira.

A sua primeira manifestação, pela poesia, é rígorosamente portugueza, nem ao cabo apenas do seculo da descoberta podia deixar de ser. Não havia ainda aqui sinão portuguezes, mesmo os aqui nascidos não eram outra cousa; com indio e negro se não contava então. Literariamente, a *Prosopopéa* é a obra de um Portuguez nascido no Brazil. Sómente — e é toda a sua importancia — este natural da terra mostra que ha nella capacidade para continuar a tradição literaria da mãe patria, e com o seu poema, embora ruim, inicia uma nova producção, a producção literaria, que, desenvolvendo-se, será a expressão e o órgão do espirito da nova nacionalidade que aqui se vai formar.

Na primeira producção da mente brasileira, se não divisam ainda vislumbres dessa expressão. O poema de Bento Teixeira é em tudo e



por tudo portuguez, sem sombra de influencia do novo meio em que foi concebido e executado. O primeiro traço do sentimento nacional no Brasileiro, e até no Portuguez domiciliado e acostumado aqui, manifesta-se pelo gosto, o amor, a ufania da terra, da sua belleza, da sua grandeza, da sua opulencia, da sua novidade. Assim se revela no autor dos *Dialogos das grandezas*, que talvez não fosse Brasileiro, em Gabriel Soares, que é Portuguez, em Gandavo, que tambem o é; em Frei Vicente do Salvador e em todos os que primitivamente aqui e daqui esereveram. Na poesia, a mais antiga manifestação desta maneira de sentir o amor da terra é o poema *A Ilha da Maré*, de Manoel Botelho de Oliveira, publicado nos primeiros annos do seculo XVIII, mas talvez escripto nos ultimos do XVII. Ella depois se repete por todo aquelle seculo, mas a sua expressão systematica achase em Rocha Pittá (1730). E esta fórma, como quer que seja primitiva e grosseira de patriotismo, será uma das feições characteristics do nosso nacionalismo. Não tendo de que legitimamente ufanar-nos, de grandes cousas que hajamos feito, ou de grandes homens que tenhamos produzido, envaidecemo-nos ingenuamente da nossa bruta natureza ou da opulencia, que exageramos, do nosso sólo.

Deste sentimento não ha absolutamente si-



gnal no poema de Bento Teixeira. A sua terra não o commove de maneira alguma. Descrevendo o Recife de Pernambuco, não acha uma palavra, um qualificativo, com que nos revele amor, admiração, qualquer inclinação especial, por esse trecho do seu torrão natal. Alludindo em outros pontos a elle, fal-o de passagem, indifferentemente, sem manifestação alguma de nativismo. Portuguezes, seus contemporaneos, em prosa, o mostraram mais. O poeta da *Prosopopéa* é uma natureza escolastica e rhetorica, sem nenhum sopro de genio, ou siquer de talento, com que animasse e exercicio de composição poetica, que ao cabo é o seu poema. Já o titulo revela o discipulo fresco da rhetorica dos jesuitas, formalistica e secca, toda de exterioridades, regrada, fria, desanimada. Bento Teixeira foi certamente alumno delles, e o que sabia, o latim, a philosophia escolastica, a rhetorica, aprendeu com elles, nos seus collegios. Nem teria podido aprender em outra parte, que, ao seu tempo, eram os jesuitas aqui os unicos educadores. A verdade é que as suas escolas foram sempre mais aptas a sopitar, a suffocar a originalidade, que a acoroçoal-a e desenvolver-a. Aliás é provavel que nenhuma houvesse em Bento Teixeira. Não se lh'a descobre ao menos na obra que nos deixou.

E' um poema em oitavas, em verso endeca-



syllabo. As oitavas são noventa e quatro. Começa, segundo a regra classica, pela proposição e invocação.

Cantem Poetas o poder Romano,
Submettendo nações ao jugo duro,
O Mantuano pinte o Rei troyano
Descendo á confusão do Reino eseuero,
Que eu canto um Albuquerque soberano
Da Fé, da eara patria firme muro,
Cujo valor, e ser que o céu lhe inspira,
Póde estanear a Laeia, e grega lira.

As delphieas irmãs, chamar não quero,
Que tal invocação, é vão estudo,
Aquelle chamo só de quem espero,
A vida que se espera em fim de tudo.
Elle fará um verso tão sincero,
Quanto fôra sem elle toseo, e rudo,
Que per rezão negar, não deve o menos,
Quem deu o mais, a miseros terrenos.

Após esta invocação a Deus, invoca ainda a Jorge de Albuquerque « o sublime Jorge em quem se esmalta, a estirpe d'Albuquerque excellentes » com versos directamente imitados de Camões. Como o grande epico disse ao Rei D. Sebastião : « Inclinaí por um pouco a magestade », Bento Teixeira diz ao seu decantado Albuquerque : « Suspendei por agora a mente alta », e todo o resto da sua invocação está cheio de reminiscencias dos *Lusiadas*. A memoria



fresca do poema de Camões está por todo o do nosso patricio, em que não ha só reminiscencias, mas versos imitados, parodiados, alguns quasi integralmente transcriptos, e até allusões á grande epopéa portugueza. De Trilão diz :

Não lhe vi na cabeça casca posta
(Como Camões descreve) de lagosta.

O

Albuquerque terribil, Castro forte
E outros em quem poder não teve a morte

de Camões, tem o seu par no

Ao claro Jorge, varonil e forte,
Em quem não dominava a varia sorte.

Na *Prosopopéa* o

Lastima, fere, corta, fende, mata
Decepa, apouca, assola, desbarata

é evidentemente uma reminiscencia de

Rompe, corta, desfaz, abola e talha

dos *Lusiadas*, como o é toda a fala de Duarte Coelho aos seus soldados na batalha de Alcaerquibir, da de Nun' Alvares na de Aljubarrota, como estes versos do final do nosso poema o são de outros conhecidissimos de Camões :

Não mais esp'rito meu, que estou cansado,
Deste diffuso, largo, e triste canto...



Mas quem ler todo o poema, com sufficiente lição dos *Lusiadas*, verificará ainda melhor que por citações esparsas como o poema de Camões, publicado havia vinte e um annos (si-o de Bento Teixeira foi escripto em 1593) anda na mente do nosso poeta. Quaesquer que sejam as reminiscencias classicas e mythologicas tomadas a Virgilio (que Camões tambem imitou, ás vezes muito de perto, mas sempre superiormente), é o grande poeta portuguez o « maestro e auctore » deste nosso mofinissimo Dante. Por Bento Teixeira entrou o influxo poderoso e fecundo de Camões na literatura brazileira. O seu poema fará os nossos épicos, a sua lingua poetica será o instrumento dos nossos poetas e o seu admiravel lyrismo influirá, ainda até o presente, o nosso, no que elle tem, e conserva, da dolencia, da saudade, da nostalgia, da amorosa melancolia camoneana.

Depois da invocação segue-se no poema de Bento Teixeira a « Narração » expressamente designada no livro. A' noite quando

A lampada do sol tinha encoberto,
Ao mundo sua luz serena, pura
E a irman dos tres nomes descoberto,
A sua terga, e circular figura

apparece Tritão, que, depois de se ter sentado « numa pedra cavernosa », fazendo cadeira da



« tortuosa colla », modo decente e epico de dizer que o filho de Poseidon se assentou como um macaco, sobre a cauda, toca a sua « trombeta sonora ».

Um buzio designal, e retorcido,
.....
De perolas e aljofar guarnecido.
Com obra mui subtil e curiosa,

a cujos accents acode Neptuno « em carro triumphal », com seu tridente, e um numerozo sequito de deuses, nymphas, e ainda « phocas e golphinhos » ligeiros. Vem o Oceano, vem Glauco, vem Nereu,

Vem o velho Protheu, que vaticina,
(Se fê damos á velha antiguidade)
Os males a que a sorte nos destina
Nascidos da mortal temeridade.

Vem tambem

Thetis, que em ser formosa se recrea,

Trazendo

... das nymphas o côrò brando, e doce,
Climene, Ephyre, Opis, Panœpea,
Com Beroe, Thalia, Cymodore.
Drymo, Xantho, Licorias, Deyopœa.
Arethusa, Cydippe, Philodoce,
Com Eristea, Espio, semideas
Após as quaes cantando, vem Sercas.



Como é característica, na sua falta de caracter, segundo já observou o Sr. Capistrano de Abreu, esta estrophe!

A « nua pedra cavernosa » em que se assentou Tritão, e o sitio onde se vai passar a acção, toda apenas falada do poema, é o Recife de Pernambuco. Seis estrophes o descrevem. A descripção é topographica e exacta, mas sem nenhum relevo ou distincção :

Em meio desta obra alpestre, e dura,
Uma boca rompeu o mar inchado,
Que na lingua dos barbaros escura,
Paranambuco, de todos é chamado.
De pará, no que é mar, puea rotura,
Feita com furia desse mar salgado,
Que sem no derivar; commeter mingoa,
Cava do mar se chama em nossa lingua.

Postos ali os deuses

Estando o vento em calma, o mar quiete,
Depois de estarem todos socegados,

Neptuno ordenou a Protheu que prophetizasse, segundo era o seu condão. Os olhos em alvo,

Como que investigava acto secreto,
Com voz bêm entoada e bom mencio,

o pastor dos rebanhos de Neptuno abre num largo canto. Este canto é o louvor dos Albu-



querques e especialmente de Jorge, a quem esta prosopopéa é dirigida. Protheu, « o bom velho », chama-lhe familiarmente o poeta, vê

a opulenta Olinda florescente
Chegar ao cume do supremo estado.
Será de fera e bellicosa gente
O seu largo districto povoado,
Por nome terá Nova Lusitania.

Esta Lusitania será governada por Duarte Pacheco, « o grão Duarte », que o poeta, ou Protheu por elle, compara a Enéas, a Publio Scipião, a Nestor e a Fabio, o contemporisador. Vê a Duarte Pacheco domar o indio e acossar o « Francez impaciente ». Vaticina-lhe os filhos que terá « da consorte, D. Beatriz, preclara e excellente », e conta as façanhas destes dous filhos « de valor e d'alta sorte ». Canta de Jeronymo de Albuquerque, tio dos dous mancebos, « Hieronymo sublime d'Albuquerque ». Lastima as injustiças que soffrerá Jeronymo, e expande-se em considerações moraes sobre a fortuna dos homens :

O' sorte, tão cruel, como mudavel,
Porque usurpas aos bons o seu direito
Escolhes sempre o mais abominavel,
Reprovas e abominas o perfeito.

O menos digno, fazes agradavel,
O agradavel mais, menos aceito,



O' fragil, inconstante, quebradiça,
Roubadora dos bens e da justiça.

Depois deste prefacio, canta então longamente de Jorge de Albuquerque, dos seus feitos no Brazil, da sua terceira viagem e naufragio, das suas façanhas em Africa, do seu captivoeiro. Insensivelmente o poeta se substituiu a Protheu. De repente, quando cantava o aprisionamento do seu heróe pelos mouros em Alcacerquibir, suspende-se :

Mas, adonde me leva o pensamento ?

Lembra-lhe que esquece

A Duarte sem par, dicto Coelho.

Reconhece que precisava de novo alento para cantal-o e promette, como Camões ao terminar os seus *Lusiadas*, um novo poema :

Mas se o céu transparente e alta Curia,
Me fôr tão favoravel, como espero,
Com voz sonora, com crescida furia,
Hei de cantar, Duarte, e Jorge fero.
Quero livrar do tempo, e sua injuria,
Estes claros irmãos que tanto quero,
Mas tornando outra vez á triste historia,
Um caso direi digno de memoria.

Este caso é o de Duarte Coelho animando com suas palavras e actos os « tímidos e lassos



lusitanos » que via ir fugindo naquella batalha. Elles, porém, lhe não correspondem á animação e ei-lo prisioneiro, como o irmão. Quando vem o resgate

Por copia innumeravel de dinheiro,

já a Duarte o resgatára a morte. Deplora o poeta :

Mas emquanto te dão a sepultura,
Contemplo a tua Olinda celebrada
Coberta de funebre vestidura,
Inculca, sem feição, descabellada,
Quero-a deixar chorar morte tam dura,
Té que seja de Jorge consolada,
Que por ti na Ulyssea fica em pranto,
Emquanto me disponho a noyo canto.

E, depois, quasi parodiando Camões, faz Protheu declarar :

Não mais, espirito meu, que estou cansado
Deste diffuso, largo e triste canto.

Sómente o epico portuguez -- e os seus manes me perdoem a sacrilega aproximação -- é neste passo tomado de desalento, e não do canto, mas de vêr que vem

Cantar a gente surda e endurecida,

emquanto o seu pessimo discipulo brasileiro,



pela boca de Protheu, promette animado que o mais cantará depois

Por tal modo que cause ao mundo espanto.

Mas, para que a imitação seja completa, lá está nas duas ultimas estrophes dos *Lusiadas* a mesma segurança, declarada com infinitamente melhor gosto de um grande poema futuro :

A minha já estimada, e leda Musa
Fico que em todo o mundo de vós cante,
De sorte que Alexandre em vós se veja
Sem á dita de Achilles ter inveja.

Aquella tempestade que acozára a não onde ia Jorge de Albuquerque, fôra obra de Neptuno, por empenho de Vulcano. Antes que os nossos singulares ethnologistas nacionaes descobrissem que os nossos indios descendem dos Normandos, dos Gregos, dos Hebreus ou dos Phenicios, Bento Teixeira inventára que eram descendentes de Vulcano. Eu por mim estou mais por esta opinião. E' uma opinião de poeta, que ao menos não é pretenciosa na sua tolice, nem se presume de scientifica ; e os poetas tiveram sempre todas as liberdades. Pois Vulcano, despeitado com o desbarato dos seus indios por Jorge de Albuquerque, pede a Neptuno que o persiga da sua colera. Neptuno, como um vul-



gar capanga, accede, e a não de Jorge passa por horrorosos tormentos. Mas por fim, ante os feitos do heróe prophetizados por Protheu, arrepende-se do mal que lhe fez, e em satisfação da tempestade que lhe mandou, pretende

que a mortal posteridade
Com hymnos o ande sempre sublimando.

Aqui vai-se embora Neptuno e « a demais cerulea gente » e o poeta, dizendo que a tal espectáculo esteve presente, declara, terminando, que

quiz em verso numeroso,
Escrevel-o, por ver que assim convinha
Para mais perfeição da Musa minha.

A prosopopéa, que é a figura de rhetorica que presta acção e movimento ás cousas insensíveis, que faz falar pessoas ausentes ou presentes, cousas inanimadas e até mortos, segundo definem os rhetoricos, está nesta fala ou canto de Protheu, prophetizando *post facto* os feitos e a fortuna dos Albuquerque, especialmente de Jorge, a quem o poema é consagrado.

O folheto em que foi impresso na primitiva e; ao que parece, unica edição, é rarissimo. Só se lhe conhecem dous exemplares, o da Bibliotheca de Lisboa, revelado por Varnhagen, e o da



nossa Bibliotheca Nacional, descoberto pelo Sr. Ramiz Galvão, no acervo bibliographico de Barbosa Machado. Por este fez-se a edição *fac-simile* de 1873. Tem no recto da primeira folha: *A Iorge Dalbuquerque Coetho, Capitão, e Governador de Parambuco*, o brazão de Jorge de Albuquerque (armas de Duarte Coelho quarteradas com as dos Albuquerquees de quem, pela mãe, descendia Jorge) e, sob o parallelogrammo de linhas typographicas em que se encerra o brazão: *Em Lisboa: Impresso com licença da Sancta Inquisição, por Antonio Aluarez. Anno MCCCCCI*. No alto do recto da segunda folha: *Prologo dirigido a Iorge Dalbuquerque Coelho, Capitão e Governador da Capitania de Parambuco, das partes do Brasil da nova Lusitania, etc.* E no alto do recto da terceira folha: *Prosopopeá, dirigida a Iorge Dalbuquerque Coelho, Capitão e Governador de Perambuco, nova Lusitania, etc.* Na ultima pagina occorre, dentro de um quadro de vinhetas typographicas, um *Soneto per Eccos, ao mesmo Senhor Iorge Dalbuquerque Coelho*, em hespanhol.

E' tudo o que resta do primeiro natural do Brazil que poetou, ou pelo menos o primeiro que publicou os seus versos.

Afóra a sua importancia chronologica e bibliographica, não tem infelizmente a sua producção nenhum valor. Os versos que citei, pa-



rece-me, bastam para a justificação deste juizo. O poeta ou era mediocre ou era bem novo quando escreveu o seu poema. São as primicias do seu talento, acaso viciado por uma educação rhetorica, que já começava a ser obsoleta. Elle promettia, como vimos, novos poemas, que se não sabe se veio a escrever, sendo, aliás, mais provavel que os não chegou, si não a compôr, a publicar. Nos seus setecentos e cincoenta e dous versos não ha um só notavel pelo pensamento ou pela fôrma, e a maioria delles são prosaicos, como são banaes os seus conceitos. A sua lingua, a sua adjectivação não têm distincção nem relevo. Aquella é talvez mais archaica que a do seu tempo, o que se explica pela mais lenta evolução das linguas nas colonias, onde as fôrmas archaicas se conservam por mais tempo. A sua orthographia, si a que temos no seu poema impresso é a sua, é mais atrazada talvez que a da sua época. Elle escreve ainda *antre* por *entre*, *tornay*, *cerceay*, *fendey*, *respeyto*, etc.

A velhice será sempre um privilegio respeitado e invejado, emquanto o mundo se não conformar com « a absurda, a colossal iniquidade da morte ». Viver um seculo ainda hoje inspira uma admiração supersticiosa e cultural. Ser o primeiro, o mais antigo, o mais velho em qualquer cousa é um merito, no qual se revê a



eterna aspiração da humanidade por uma existência menos ephemera que a que tem. Este merito é o unico de Bento Teixeira..



III

A INDEPENDENCIA DO BRAZIL

O Reconhecimento do Imperio por OLIVEIRA LIMA.
H. Garnier, Rio de Janeiro, 1901.

No meio da Independencia dos demais povos americanos, a do Brazil teve a sua originalidade e o seu caracter proprio. Em primeiro lugar, a idéa da Independencia, de uma revolta contra a Metropole, da separação della, é aqui porventura mais velha que em qualquer das outras colonias americanas. Póde-se-lhe, sem forçar os factos, achar-lhe os rastros ou descobri-la manifesta, com Bequimão, no Maranhão, logo em 1684, com os Pernambucanos, em 1710 e 1817, com os Mineiros, em 1789, e até com os Paulistas, em 1641, si o caso de Amador Bue não é uma lenda.

Demais a independencia aqui é uma obra de



pura evolução natural, de facto sem revolução, nem rompimento, ou siquer profundo abalo, ou grave estremeamento de relações geraes entre a nação que se declarava maior e a mãe patria. E nessa obra o mesmo governo portuguez, a mesma dynastia portugueza, tem parte grande. Aqui, com effeito, a independencia de direito foi precedida da independencia de facto. Com a vinda para cá da Côrte portugueza e installação aqui do supremo governo de Portugal, deixou o Brazil insensivelmente de ser colonia e com a sua elevação a reino, cuja capital era o centro da monarchia portugueza, a sua posição foi realmente, como os mesmos Portuguezes da Europa o sentiram, melhor que a do velho reino. A supremacia politica passou da metropole á colonia, com grave resentimento daquella. D. João VI, que amava o Brazil, que se achava bem aqui, e que teria gostado immenso de aqui ficar, si lh'o houvessem deixado, que preferia talvez o Rio de Janeiro a Lisboa, com aquelle seu acto dando ao paiz a categoria de reino, e com outros precedentes e consequentes, todos favorecedores da colonias, de facto puzera o Brazil em uma posição de, podendo ainda viver unido a Portugal, como vivem a Suecia e a Noruega, a Hungria e a Austria, não poder mais ser uma dependencia d'elle. Este é o facto real, que só ó despeito do amor proprio portuguez



affrontado pela supremacia que tomava o Brazil, o cégo patriotismo dos directores da politica portugueza na Europa, poderiam não enxergar.

Nenhuma tentativa mais sandia que a das Côrtes portuguezas de recolonizar o Brazil, após haverem obrigado D. João VI a recolher-se pezaroso á velha séde da monarchia. Mais intelligente do que geralmente o suppõem, matreiro sinão fino, D. João comprehendia que a união dos dous paizes se não poderia manter, desde que elle daqui se fosse, e que o Brazil sacudiria em breve o dominio portuguez, que de facto lhe pesava sem nenhum proveito que o compensasse, como era o de ter aqui o Rei, o com elle a superioridade politica. A prevençãõ que ao partir fez a seu filho D. Pedro, que deixava como Principe Regente: « Pedro, o Brazil breve se separará de Portugal; si algum aventureiro se ha de apoderar da Corôa, põe-na tu primeiro na cabeça », por todos os historiadores admittida como authentica, é, na vulgaridade da sua fórma, a perfeita synthese da situaçãõ. Mal passado um anno da sua partida do Brazil, seu filho, acoroçoado pelo sentimento nacional que accordava no povo, inspirado da sua natural ambiçãõ, ferido no seu amor proprio pelo procedimento das Côrtes a seu respeito, seguia-lhe o conselho, o no generoso ardor do seu espirito aventureiro e cavalheiresco, em vez



de tergiversar, procrastinar, procurar ainda tratar com o governo da metropole, proclamou logo a sua independencia e com ella a do paiz. Interesse, enthusiasmo de moço, convicção de estadista, alma aventureira ou cavalheirosa, o como quer que seja, o certo é que D. Pedro não teve as hesitações de Washington, e a sua lealdade sentiu-se menos talvez da propria revolta que « o lealismo » inglez do grande americano. Não sei si, visto sómente no Rio de Janeiro, na Bahia, em Minas e S. Paulo, que eram, com incomparavel supremacia, as porções mais consideraveis e influentes do Brazil, e foram o fóco da sua vida politica nos annos da independencia, não teria sido o movimento della aqui mais espontaneo, mais vivo, mais resolutu e decidido, menos calculado, que nas colonias americanas, que depois foram os Estados-Unidos. Póde-se dizer que tambem aqui as causas da independencia eram mais poderosas que ali. Não era uma simples questão economica, embora revestindo o aspecto de denegação de um velho direito, que a gente de raça ingleza considerava já uma sagrada aquisição da sua liberdade, qual o de não pagar impostos quem os não houvesse votado — e cuja violação foi a causa immediata e determinante da revolução norte-americana. Era a propria autonomia de facto, outorgada pela monarcha, da qual já



gozava o paiz ; era a sua categoria, não já de colonia mas de reino, com prerogativas politicas que o punham a par da metropole ; era a sua maioridade nacional, a sua personalidade politica, que lhe queriam tirar, fazendo-o voltar á sua situação dependente e humilhada, quando havia já escapado a um regimen oppressor e quando se sentia economicamente superior, e politicamente igual á mãi patria. As situações eram, pois, differentes entre as Colonias inglezas e o Brazil. Ali, como nota um historiador, cujo livro da historia dos Estados-Unidos é considerado pelos mesmos Americanos de merito excepcional, o Sr. Goldwin Smith, a causa da revolta não foi a oppressão das colonias pela metropole. Nenhum sentimento hostile, antes da questão das novas taxas, havia acolá contra ella. Quando o Governador de Nova-York accusou a respectiva Assembléa de tendencias á independencia, respondeu-lhe a Assembléa com um vehemente protesto de adhesão ao governo inglez. Franklin declarou que, tendo viajado todo o paiz e tratado com gente de toda a sorte, jámais ouvira a alguém, bebado ou sobrio, a impressão de um desejo de separação ou a insinuação que tal cousa pudesse ser util á America. Do mesmo povo do Massassuchetts, já nesse momento um dos mais empenhados na independencia, dizia em Março de 1775 John



Adams, um dos pais da republica e o seu segundo Presidente, « que ali havia alguns para quem correr atraz da independencia era a maior vergonha para a colonia ». Jefferson asseverou que antes da declaração da independencia elle jámais ouvira manifestação alguma em favor da separação da Grã-Bretanha. Ainda em Outubro de 1774 — e a independencia é de 76 — dizia Washington que muito se alegrava que nenhum homem de juizo da America pensasse na independencia, e que, ao contrario, o mais ardente desejo dos mais calorosos advogados da liberdade era que a paz e a tranquillidade fossem restauradas na base constitucional, e evitados os horrores da guerra civil. O Congresso de Nova-York, em uma mensagem a Washington, depois deste haver assumido o commando das forças colonias, declarou-lhe que o mais profundo desejo de todo o Americano era uma accommodação com a mãe-patria; e Washington, respondendo, reconhecia como seu objectivo final o restabelecimento da paz e harmonia entre as colonias e a metropole. Novo Hampshire, Pensylvania, Virginia, Carolina do Sul, Nova Jersey exprimiram-se do mesmo modo. Massassuchetts, o verdadeiro fóco da revolução, declarou, na sua mensagem ao Rei, o restabelecimento da união e da harmonia entre a Inglaterra e suas colonias indispen-



savel e necessario ao bem e felicidade de ambas. Os companheiros de John Adams, no movimento em Philadelphia, recommendaram-lhe que não pronunciasse a palavra independencia, porque a idéa era tão impopular na Pensylvania e em todos os estados do meio e do sul, como a propria lei do sello, que provocava a revolta. Elle declara que quando falou nisso o evitaram como a um leproso, e annos depois dizia: « Pelo que me respeita, não houve um momento durante a revolução em que eu não tivesse dado quanto possuíã para repôr as cousas no estado de antes do conflicto, comtanto que tivessesmos a sufficiente certeza da continuação desse estado ».

A situação das colonias inglezas da Norte America, qual resulta destes factos trasladados do autorizado livro do Sr. Goldwin Smith (*The United States. An outline of political history*, New-York, 1899) respeito á sua mãi patria, não me parece que fosse precisamente a mesma do Brazil em relação a Portugal. Ou porque fosse aqui a causa da revolta contra o dominio portuguez mais relevante, ou porque, sendo o regimen colonial portuguez mais oppressor que o inglez, que de todo não o era, maior fosse aqui a antipathia, o odio mesmo, a esse dominio, ou ainda porque a nossa gente seja mais insofrida, e menos ponderada e mais prompta a mu-



danças que a de estirpe ingleza, é certo que no Brazil, ao menos na porção d'elle agitada pela idéa da independencia, esta idéa foi, salvo excepções rarissimas, aceita com alvoroço por todos — a começar pelo Principe, que aqui representava, não já o dominio talvez, mas a soberania portugueza.

Ter-se elle posto á frente do movimento da independencia ou ao menos havel-a proclamado sem hesitação nem evasivas, explica que o Brazil, em vez de se constituir em republica, como as demais colonias americanas que se declararam independentes, se constituisse em monarchia.

Não ha mais crasso e ridiculo erro do que suppôr que a republica nasceu na America de um dom especial da fortuna americana, como geração espontanea do sólo desta tão mal chamada « livre America ». Proveiu apenas das circumstancias em que se effectuou a separação das colonias das suas respectivas metropoles. Em todas ellas, no momento da independencia, a primeira idéa que occorre, é a monarchia. Os Norte-Americanos pensaram em acclamar rei a Washington que, si lhes resistiu, governou, ao contrario da falsa idéa corrente da pretendida simplicidade primitiva da republica americana, com um fausto real. A immensa autoridade outorgada pela Constituição e pelos confederados



a Washington revê os receios americanos de um governo que, não sendo, de essencia, monarchico, carecesse da força necessaria á sua funcção. Si Washington houvesse querido ser rei, ou si estivesse com os revolucionarios um principe inglez, os Estados-Unidos ter-se-iam infalivelmente constituido em monarchia. O terem elles conservado e adoptado todas as leis e instituições juridicas e politicas da mãipatria, prova sobejamente que a monarchia ingleza não lhes era por fórma alguma antipathica — e os factos que citámos, demonstram como, nas vespersas ou já na revolução, estariam dispostos a voltar a ella. No Mexico, como na Argentina, na Venezuela, como na Bolivia e no Chile, a idéa monarchica esteve presente ao espirito e á vontade dos fautores da independencia. Houvessem ellés um principe á mão e se teriam essas colonias transformado em monarchias. San Martín bem quizera no Perú ter imitado Iturbide no Mexico. Mas não se inventa mais uma monarchia, que é o resultado de condições historicas que não existiam, nem se podiam crear, na America — e a queda, como se deu, da unica que neste continente se fez, é a contraprova, por assim dizer experimental, disso.

Tenho grandes duvidas sobre a exacção da historia da nossa independencia, qual nos tem sido feita; e não creio que ella tenha dado,



com imparcialidade e justiça, a cada um dos que nella participaram, protogonistas, actores principaes ou secundarios, e méros comparsas, o verdadeiro papel e a legilima parte que lhes cabe. Não é, por exemplo, sufficientemente clara para mim, que me não contento com palavras, nem me pago de formulas feitas e noções recebidas, mas que se me afiguram de duvidosa exactidão, essa meio lendaria figura de José Bonifacio.

E quando vejo certa seita de fanaticos, que fazem a historia a seu talante, conforme os interesses da sua causa, associa-o a individuos que nós todos conhecemos, que podemos, sem nenhum preconceito philosophico ou politico, apreciar de perto na sua obra e cuja lenda, em flagrante contradicção com os factos, elles inventam e carinhosamente chocam, sobe de ponto a minha desconfiança do patriarcha, que, primeiro, foi manifestamente infenso á independencia e, depois, despeitado, o chefe do partido restaurador.

A historia da nossa independencia precisa, acho eu, ser refeita segundo um bom methodo historico, á vista dos documentos originaes, que julgo não faltam, e por quem tenha as capacidades intellectuaes e moraes para fazel-a com talento e isenção. Della acaba de escrever um capitulo o Sr. Oliveira Lima, e o seu livro será



certamente uma boa e util contribuição para os futuros historiadores dessa interessante época da nossa vida nacional.

A independencia do Brazil — prova de que ella era um facto ainda em antes de ser declarada — não produziu verdadeiramente nem revolução, nem guerra. Que não foi produzida por nenhuma revolta do paiz, todo o mundo sabe. A sua consummação é quasi um arranjo dynastico.

Fel-a a marcha natural dos acontecimentos e consagrou-a o mesmo Rei de Portugal, como vimos. No capitulo « a guerra da independencia » dos nossos livros da historia ha um pouco de hyperbole. E, sinão, comparem a luta pela independencia aqui ao que ella foi nos Estados-Unidos e nas colonias hespanholas. Luta houve, e grande, e demorada, e quasi inconcebivel, para quem sabe como a independencia se fez e quaes eram as circumstancias e a força da antiga metropole e da ex-colonia. Essa luta, porém, foi diplomatica, e é a historia della que nos conta no seu livro o Sr. Oliveira Lima. Diplomata de carreira, e não sómente diplomata de salão, tambem do gabinete de estudo, o Sr. Oliveira Lima já mostrára o seu gosto pelos estudos de historia diplomatica na sua *Memoria sobre o descobrimento do Brazil, suas primeiras explorações e negociações diplo-*



maticas a que deu lugar, escripta e publicada a proposito do nosso quarto centenario. O seu novo livro traz o titulo geral de « Historia diplomatica do Brazil » e em uma nota nos promette um outro volume, em que levará essa historia do reconhecimento da independencia até á abdição do primeiro Imperador, em 1831. Proclamada em 1822 a independencia do Brazil, só vem a ser reconhecida por Portugal em 1825, quasi tres annos completos depois de ser um facto consummado e tambem, pôde-se dizer, de certo modo reconhecida pelo mesmo Portugal e pelas demais nações que comnosco tinham negocios e relações, e que antes do reconhecimento fórmal recebiam agentes diplomaticos brazileiros officiaes ou officiosos, e, embora ainda com subterfugios proprios á diplomacia, não podiam tratar o novo Imperio sinão como um novo Estado, para todos os effeitos desligado de Portugal.

A necessidade do reconhecimento da nossa independencia, não só pela nossa antiga metropole, mas pelas demais nações, cujas boas relações nos importavam, pôde parecer aos que estão dispostos a fazer taboa raza da historia secundaria ou nulla. Ella era um facto, pôde-se dizer com segurança, contra o qual não prevaleceriam quaesquer resoluções de Portugal, ou ainda da Santa Alliança, na sua velleidade de



apoial-as. O não reconhecimento pela antiga metropole, ou a demora do reconhecimento por algumas nações, não interessaria de fórma alguma o facto da independencia. E', porem, incontestavel que traria difficuldades, incommodos e inconvenientes damnosos á vida, que precisava normalizada, da joven nacionalidade. Para a boa marcha dos seus negocios politicos e economicos carecia esta, como qualquer nação, de entrar em relações francas e amigaveis com aquellas a que principalmente a ligavam a sua historia, a sua economia, os seus interesses. E' isso que explica que independente, de facto, e tacitamente reconhecido como tal por quem mais importava, lutasse o Brazil tres annos para obter o reconhecimento de direito e a faculdade de tratar com as outras nações de potencia a potencia.

A demora em obter esse reconhecimento explica-se menos pela teimosia portugueza, em outras circumstancias facilmente vencivel, que pela situação politica geral da Europa. Essa era francamente hostile á independencia dos povos americanos, e foi uma das velleidades desse conchavo de reis contra os povos, desse pacto da reacção dynastica e conservadora contra a democracia e o liberalismo, chamado Santa Alliança, ajudar a recolonização da America hespanhola e, portanto, da portugueza tambem.



Realizar, porém, esta imaginação não era só difficil, era impossivel. Toda a força das monarchias européas colligadas sob a presidencia moral do Tsar Alexandre I e a direcção effectiva de Metternich, não bastaria á vaidosa empreza. Defendiam as colonias americanas, muito mais que os mesquinhos recursos bellicos de que pudessem lançar mão, muito mais que a mesma brava resistencia que pudessem desenvolver, e que de facto mostraram nas lutas pela sua independencia, a vastidão do oceano, a inhospitalidade de suas plagas ao invasor estrangeiro, a aspera difficuldade do seu sólo, o afastamento em que se achavam das bases de operações militares que acaso contra ellas tentassem as nações européas. Não andava muito longe o exemplo da mal succedida guerra da Inglaterra com os Estados Unidos, em 1812. Hoje temos uma porção de exemplos, concludentes lições de cousas, para mostrar as insuperaveis difficuldades de taes emprezas, a começar pelo caso do Mexico em 64, acabando nos do Transvaal e da China, apenas terminados. A só hostilidade politica das grandes potencias européas tornava, entretanto, difficil e incommoda a posição das novas nações americanas, ainda quando aquelle capricho da Santa Alliança se havia já desvanecido. E todas se esforçavam por obter o seu reconhecimento de



nações soberanas. O Brazil foi uma das que o tiveram mais prompto. A dos Estados-Unidos tinha demorado oito annos. O Mexico só obteve o seu ao cabo de doze. Colombia e Nova Granada, republica proclamada desde 1819, apenas em 1845 obteve o reconhecimento da Hespanha. Em todas as colonias hespanholas, em summa, a independencia foi mais difficil e o seu reconhecimento mais demorado que no Brazil.

Tendo precedido a este no se libertarem da metropole, a sua revolta contra o dominio hespanhol coincidiu com a maior pujança da Santa Alliança, cujos sentimentos a sua independencia, obtida pela revolução, profundamente offendia. Quando o Brazil a vai pedir á Europa, já o famoso pacto começava a perder do seu primitivo prestigio e attenuar as suas pretensões, cedendo á hostilidade pertinaz da politica liberal ingleza, dirigida par Canning e dirigida principalmente contra esse conchavo, ao qual elle arrancou a Inglaterra.

Quaesquer que fossem os seus moveis de acção — e ainda aos melhores inspira-os o interesse, digno ou indigno — Canning representou perante aquelle conluio retrogrado um alto e glorioso papel. Pondo-se ao través das pretensões da reacção monarchica e legitimista européa, a Inglaterra prestou á humanidade um



serviço, só comparavel á guerra de morte que fez a Napoleão.

Empenhou-se particularmente Canning na advocacia officiosa da causa da America hespanhola, suscitando o concurso, até ahi bem tibio, dos Estados-Unidos, que nenhum alvo-roço tinham mostrado em favor da independencia das colonias hespanholas sul-americanas, só por elles reconhecida, collectivamente, em Março de 1822, quando a declaração da de algumas dellas, como o Chile, o Paraguay, a Venezuela, a Argentina, a Nova Granada e Colombia, remontava respectivamente a 1810, 1814, 1816 e 1819. Esse concurso fez-se apenas pela famosa declaração do Presidente Monroe, na sua mensagem ao Congresso, em 1823. Ha excellentes razões para crer que, quer áquelle reconhecimento um pouco serodio e collectivamente feito, quer á declaração universalmente conhecida pelo nome de doutrina de Monroe, não fosse completamente estranha a influencia de Canning. Como quer que seja, a Santa Alliança sentiu-se apontada pela declaração de Monroe, e como contravir a ella poderia pôl-a em conflicto com uma nação americana que já se mostrara poderosa contra a Inglaterra, que certamente a apoiaria, esmoreceu nos seus propositos ou velleidades de recolonização da America latina. A politica ingleza nesta conjunc-



tura obedecia naturalmente a um interesse nacional, mas de natureza superior, qual era o de, por amor do systema politico inglez, contrariar o systema politico que os dynastas do continente pretendiam restaurar na Europa. Não se póde mesmo condemnar outra inspiração, de ordem somenos e interesseira, que incitava a Inglaterra nessa politica: conquistar, pelo apoio á sua libertação, a boa vontade das nações americanas e obter nellas as vantagens economicas que da sua situação de amiga e protectora naturalmente lhe adviriam. Não só esse calculo perante a moral corrente das nações era o mais legitimo possivel, mas o regimen commercial inglez já era a esse tempo o mais liberal.

Proseguindo com a sua alta intelligencia e a sua indefectivel tenacidade essa campanha contra a Santa Alliança pela independencia dos povos americanos, podia Canning dizer, como disse, com jactancia, mas sem faltar á verdade, que por amor de corrigir as desigualdades da Europa, poz as suas vistas na America, e chamou um novo mundo á existencia para servir de contra-peso ao antigo.

Quando o Brazil tentou por seus agentes diplomaticos o seu reconhecimento official como nação independente e soberana, achou a Europa antipathica e Portugal profundamente resentido



e hostil. Inconsequente com o seu conselho acima citado, mostrava-se D. João VI intimamente maguado com o procedimento do filho, principalmente talvez pelas medidas que contra Portugal e os Portuguezes tomára o Principe, fosse despeitado pela attitude portugueza a seu respeito, fosse por dar ao povo brasileiro arrha da sua completa adhesão aos seus sentimentos e da sua inteira conformidade com os seus interesses. No momento como aquelle em que o Brazil mandou negociar o reconhecimento da sua independencia, quando Portugal, « seduzido pelos conselhos das potencias continentaes, ia regressando á primitiva intransigencia », as negociações se não poderiam realizar sinão mediante uma potencia amiga. Essa potencia se lhe deparou na Inglaterra, representada pelo seu Secretario de Estado dos Negocios Estrangeiros, Jorge Canning, que voltára a este posto quasi ao mesmo tempo em que o Brazil proclamava a sua independencia. Conhecida a orientação da politica geral de Canning nesse momento, são obvios os motivos que o levaram a occupar-se com tanta disposição e zelo da causa brasileira. Sentindo, como dizia em carta a um amigo, que a Santa Alliança procurava justamente Portugal para campo da luta entre a sua politica e a ingleza, o seu amor proprio de estadista achou-se mais directamente empenhado na vic-



toria dessa causa. Todas as peripecias dessa contenda nos conta minuciosamente no seu livro o Sr. Oliveira Lima, pondo pela primeira vez tanto em evidencia a parte do celebre homem de Estado inglez neste negocio, que a sua obra podia ter o titulo de *Canning e o reconhecimento da independencia do Brazil*. Não parece, entretanto, que o escriptor tenha exagerado essa parte, si bem pareça que viu os factos e successos exactamente do mesmo ponto de vista de Canning. E' este defeito de perspectiva o principal do livro. O que se fazia no Rio de Janeiro, o que se aqui peñsava, sentia, obrava, apparece nelle um pouco secundariamente, como subsidios rigorosamente necessarios para percebermos o que se passava na Europa, em Londres principalmente. Eu quizera mais consideravel nelle a parte do Governo Brasileiro, ou a prova de que essa parte não foi maior do que o deixa suppôr o livro. Creio tambem poder reparar, sem injustiça nem rigor, defeitos na architectura e composição no novo trabalho do Sr. Oliveira Lima, e o maior delles é uma tal ou qual falta de clareza, não só na exposição, mas na redacção, o que talvez o tenha obrigado a repetições que por momentos o fazem diffuso, sem lucro para a precisão. Estas faltas, porém, não são de tal ordem que a intelligencia do leitor commum não baste para sanal-as, e



apenas sob o aspecto literario diminuiriam o valor do livro, que é uma meritoria contribuição para a nossa historia moderna, ainda não feita sob o aspecto por que agora originalmente a encarou o autor. Eu quizera a sua narração mais documentada e authenticada com citações das fontes, e desaprovo inteiramente o systema que lhe parece aprazer de não as dar, ao menos com a frequencia que julgo necessaria. Escusadas, ás vezes até pretenciosas, em certos assumptos, em materia de erudição, de historia, são, acho eu, absolutamente indispensaveis. Nem o livro do Sr. Oliveira Lima é uma simples generalização, sobre cousa muito sabida, que as dispensasse.



O SR. MACHADO DE ASSIS, POETA

Poesias completas, Chrysalidas, Phalenas, Americanas, Occidentaes, por MACHADO DE ASSIS, H. Garnier, Rio de Janeiro, 1901.

Como é um escriptor á parte em a nossa literatura contemporanea, assim é o Sr. Machado de Assis tambem um poeta á parte na nossa poesia. E quer como prosador, quer como poeta, não o é por nenhuma extravagancia de pensamento ou de estylo, mas sómente pela originalidade do seu engenho, pela singularidade do seu temperamento. Como se diz de outros : é um character, numa accepção que todos entendem, póde-se dizer do Sr. Machado de Assis, mais do que de qualquer dos nossos prosadores e poetas : é um temperamento. E o seu temperamento se não assenelha, ou approxima si-



quer, de nenhum outro do nosso mundo literário. Dahi a sua distincção, dando a esta palavra o seu puro sentido material, entre todos os nossos escriptores.

O estudo das suas poesias, ora publicadas em uma edição completa, accrescentada de alguns poemas até hoje não reunidos em volume, confirma, parece-me, este conceito.

Começou o Sr. Machado de Assis como poeta em 1864, data da publicação do seu primeiro livro de versos, *Chrysalidas*. Estava-se sob a deliciosa impressão dos poetas da segunda geração romantica. A mente brasileira andava cheia dos versos de amor e dos cantos heroicos de Gonçalves Dias, da toada lastimosa de Casimiro de Abreu, da raiva erotica de Junqueira Freire, do soffrer acerbo e da picaresca nomeada de Laurindo Rabello, do desespero romantico de Alvares de Azevedo. Quando saíram as *Chrysalidas*, ainda, porventura, viviam Gonçalves Dias e Laurindo; Casimiro de Abreu, fôra dos camaradas do novo poeta; estava fresca a memoria daquelles outros desgraçados, como Laurindo, ou simples nostalgicos da desgraça, como Alvares de Azevedo. Bernardo Guimarães, companheiro e amigo do poeta, como Aureliano Lessa, trazia de S. Paulo, si não a mesma inspiração e o mesmo sentimento poetico de Alvares de Azevedo, a lição perigosa



do despejo da sua imaginação, si não também da sua vida. Fagundes Varella, o ultimo desses românticos, éstro poderoso perdido na repetição dos poetas que immediatamente o precederam, estava em toda a sua abundancia e popularidade. Não sei dizer qual foi a impressão dos contemporaneos diante desse livro de versos. Lendo-o hoje, a perto de quarenta annos de distancia, e comparando-o com a poesia da época, é impossível não sentir a differença entre elle e as colleções de versos de então. Certo a inspiração ainda é, e quasi não podia deixar de ser, romantica, mas não tem seguramente a licença, a voluptuosidade ardente e facil, a sentimentalidade ingenua, o subjectivismo plangente e doentio que dão a todos aquelles poetas, apenas mais attenuado em Gonçalves Dias, o mesmo ar de familia. Sente-se no poeta das *Chrysalidas* mais um sentimento que se governa que um sentimento que se solta. Uma especie de pudor intellectual, de timidez, quasi de pusillaniedade espiritual, impediu talvez sempre o Sr. Machado de Assis de se dar todo na sua obra, e de dar sem reserva toda a sua percepção e sensação da vida. Contemporaneo, admirador e traductor de Lamartine, jámais elle abriria toda a sua alma, como o poeta de *Elvira*, á contemplação publica. Quasi companheiro de poetas que escancaravam os recessos do seu



coração, elle, ainda nos momentos de sua maior expansão, se recata e guarda. Não ha melhor exemplo disso que esse bello poema de amor, *Versos a Corinna*, que é o trecho capital das *Chrysalidas* e um dos mais formosos do nosso lyrismo. Ha nelle intimo sentimento, traduzido com não vulgar intensidade, voluptuosidade e paixão, como nos melhores daquelles poetas; sómente a maneira de os exprimir é outra, muito do poeta, por assim dizer depurada e levantada por uma fôrma que, si ainda recorda vagamente Gonçalves Dias, nada tem de commum com a daquelles poetas. E esta, a da fôrma, é outra distincção a verificar desde já entre o Sr. Machado de Assis e os poetas mais ou menos contemporaneos da sua estréa. Essa distincção a manterá elle em todo o curso da sua carreira de poeta, sendo ella principalmente que lhe dá na nossa poesia, como na nossa prosa, a situação á parte que tem.

Em arte, póde-se dizer que a fôrma é tudo, porque em arte se não póde separar a fôrma do fundo. Consubstanciam-se de modo que uma vive do outro e vice-versa. O erro banal de suppôr uma fôrma bella revestindo um fundo nullo ou imperfeito, é um vicio de rhetorica. A fôrma não é sinão a realização da idéa, e necessariamente valerá o que valer a idéa. As tentativas que fazem todos para aperfeiçoal-a sao



apenas esforços para reduzir a idéa á sua expressão mais simples e mais clara, isto é, mais perfeita e portanto mais bella.

E' um grande poeta, e tambem pensador, quem diz que no verso, « a belleza da fórma não nos póde dar o gozo proprio á poesia sinão quando as palavras reunidas, compondo uma frase, se tornam os signaes expressivos de uma idéa ou de uma paixãõ ». E ninguem de bom senso, accrescenta com razão Sully Prudhomme, que é esse poeta, « ousaria chamar de bello um verso, absolutamente sem sentido, por mais harmonioso que fosse ». A admiração pela só harmonia da frase e do verso é um signal de gosto pouco apurado e das épocas de decadencia literaria. Procurando caracterizar uma destas foi que um novo romancista russo imaginou poetas e homens de letras do IV seculo pasmados, em extase, diante do verso ouco de Propercio :

Tingunt Gorgoneo punico rostra lacu.

Uma frase ou um verso, para merecer legitimamente o nome, tão malbaratado hoje, de bello, ha de ser a expressão de uma idéa ou de uma emoção. Quando uma ou outra são expressas em uma frase mal construida ou em um verso mal feito é que os dons de expressão no



poeta ou no escriptor não correspondem ás suas capacidades de conceber ou de sentir. A perfeita correspondencia desses dons é o que faz os grandes poetas e os grandes escriptores.

Não conheço entre estes nenhum em que mais completa seja a relação entre o temperamento do homem e o estylo do escriptor, como o Sr. Machado de Assis. Os mesmos defeitos, ou antes falhas, que se lhe podem notar no estylo, carencia de côr, falta de eloquencia ou energia, ausencia de animação, abuso de hesitação, são os do seu proprio temperamento, augmentados por uma excessiva delicadeza, uma sensibilidade exagerada ás mesquinhezas e ridicularias da vida, um descomedido receio de illusão. Dahi a continencia da sua emoção, produzindo, quer como prosador, quer como poeta, a sobriedade do seu estylo, em poesia tão diverso do tom commum da poesia brazileira, — de um sentimentalismo facil, que frequentemente frisa á pieguice, entusiasta, hyperbolica, palavrosa, mais carnal que sensual, vulgarmente até lubrica — e sobretudo do tom commum dos poetas que immediatamente precederam ou assistiram á sua iniciação poetica. Falta-lhe tambem, comparado com esses poetas, aquella singeleza, dada pela nota popular, commum, como já tive ensejo de observar, aos poetas da segunda geração roman-



tica, da qual chronologicamente procede. Elle é sem duvida simples, mas antes da simplicidade classica, que se não confunde com essa, nem com a affectadã simplicidade de certos poetas mais modernos.

Outra distincção, que por assim dizer salta aos olhos, da sua obra poetica, desde os seus primeiros versos, é a da sua lingua e metrificação. Exceptuado sempre Gonçalves Dias, a sua lingua é incomparavelmente mais pura, mais rica, mais copiosa, e a sua versificação mais correcta, mais difficil, mais elegante que a de qualquer daquelles poetas. Não sei até si, no que respeita ao verso, e de parte o verso solto, que em Gonçalves Dias tem mais ar, mais porte, não rivaliza elle desde as *Crysalidas* com o grande poeta dos *Cantos*. É singular que, quasi vinte annos antes que o parnasianismo aqui penetrasse, e que a fórmula, como quer que seja delectada nos poetas seus antecessores e contemporaneos, aqui se apurasse, elle esteja, pela excellencia da sua, mais perto dos parnasianos que dos romanticos. Estes poetas, sem exceptuar Gonçalves Dias, nunca, ou quasi nunca, nas estrophes de quatro versos, qualquer que fosse o seu numero de syllabas, rimavam sinão o segundo e o quarto. O Sr. Machado de Assis foi, si não me engano, o primeiro que systematicamente fez rimar sempre o primeiro com



o terceiro, dando maior unidade e belleza á estrophe, e obrigando o poeta a vencer mais uma difficuldade da tecnica da sua arte. E desde as *Crysalidas* a sua rima é mais rica, menos facil e menos trivial que a daquelles poetas, sem excepção tambem do poeta maranhense. E' que o Sr. Machado de Assis é o primeiro em data dos nossos poetas artistas, e que elle é principalmente um artista, o que não era nenhum dos que o precederam ou mais proximamente seguiram, como, salvo talvez Joaquim Serra, poeta menor, não era nenhum dos seus contemporaneos. E por ser um artista, um pouco frio, sem nenhuma das exuberancias caras ao meio, sem nenhuma eloquencia, mesmo de sentimento, correcto e puro, mas incapaz de entusiasmo e de entusiasmá-lo, elle ficou, como poeta, na segunda plana, apenas apreciado e querido dos espiritos literarios ou mais conformes ao seu. Para esta posição contribuiria tambem a sua superioridade manifesta de prosador, como romancista e contador.

Em 1870 publicou o Sr. Machado de Assis a sua segunda colleção de versos, *Phalenas*. No espirito do poeta, era certamente intencional este titulo. Indicava a evolução feita da lagarta para a borboleta, fórma mais perfeita, ou pelo menos mais completa e mais bella. No decennio que o seu livro inaugurava, appareceram os



poetas que elle devia finamente julgar depois num estudo sobre a « nova geração ». Com os versos que de mais perto o antecederam, os de Bernardo Guimarães e os de Fagundes Varella, ou com os que logo o seguiram, de Castro Alves e outros, nada tinham os seus de commum, e a sua fôrma, mais apurada ainda que a das *Crysalidas*, sobrelevava em pureza e, sob certos aspectos, em belleza, a de todos aquelles. Acham-se nessa collecção esses gentis poemas *Flôr da Mocidade*, *Quando ella fala*, *Noivado*, *Passaros*, *O verme*, de uma fôrma impecavel e de uma delicada emoção, a deliciosa *Lyra chinesa*, em que o poeta achou emprego adequado ao seu éstro feito de finura e gracilidade, e por fim *Uma ode de Anacreonte*, pequena comedia em verso alexandrino, que é uma das suas paginas mais formosas, mais características, e, no genero, uma das mais mimosas composições da nossa lingua.

Nenhuma dessas composições, porém, se eleva á alta esphera da poesia, só aliás alcançada pelos grandes poetas, que souberam dar uma expressão nova e forte a algum dos velhos themas lyricos. Desses themas é, talvez, o amor o principal, e como poeta do amor tinha o das *Phalenas*, mais talvez que o das *Crysalidas*, a lhe embaraçar o éstro o seu espirito de analyse, que já entrava a amadurecer, o seu nativo



scepticismo, a sua ironia, o seu arisco pudor de exteriorizar-se. Elle canta o amor num tom discreto de gozador intellectual, de fino epicurista, sem alguma das superabundancias de paixão sensual, de voluptuosidade carnal, de sentimentalismo plangente, de desejo lubrico, que deviam dar ao nosso lyrismo, com a sua nota saudosa e nostalgica, talvez a sua feição mais assignalada.

E' uma surpresa a terceira collecção de versos do Sr. Machado de Assis, *Americanas*, de 1875. Era uma volta á poesia « americana », preconizada por Garrett e Herculano, praticada por Gonçalves Dias com superioridade jámais igualada, e, na poesia, não fôra a excepção de Varella, com o seu *Evangelho nas Selvas*, poder-se-ia dizer, desaparecida. Era uma renovação do indianismo, de todo já então esquecido e abandonado dos poetas nacionaes. Dos treze poemas que a constituíam na edição original, sete cantavam cousas da America, especialmente do Brazil indigena, lendas, tradições, credices bebidas nas informações dos viajantes e chronistas, e poetizadas.

Voltando a um thema abandonado e que parecia esgotado — e, penso eu, não o está ainda, e um poeta de engenho o poderia porventura renovar com distincção — o Sr. Machado de Assis não atrazava nem era anachronico. Um



dos signaes do Sr. Machado de Assis como escriptor é não ser um imitador, um seguidor, um homem de escola ou de partido literario. Sob este aspecto, ninguem entre nós mais independente, mais isento do que elle. Não ha nelle nenhum espirito de seita ou de proselytismo. Literariamente, elle escapa a todas as classificações, o que é uma fórma da personalidade e da originalidade. Como poeta, não foi propriamente romantico, nem propriamente parnasiano, nem propriamente naturalista, e foi simultaneamente tudo isto junto. A cada tendencia artistica, a cada fórma esthetica, colheu discretamente das flôres de belleza que produziram a que se casava com o seu temperamento, usou-lhe sobriamente o perfume, obtendo da sua mistura um novo aroma, delicado e modesto. Nem podia o Sr. Machado de Assis ser um indianista no sentido em que o foram Gonçalves Dias, Magalhães, Alencar. O que distingue o indianismo do periodo romantico é ser intencional, apontando evidentemente á elevação do selvagem brasileiro. Ha nelle um pensamento de nacionalismo. Não creio que a mesma inspiração fosse a das *Americanas*. O poeta não vê nas cousas da vida dos incolaes americanos sinão alguns themas aptos á idealização poetica. Assim, não porá em verso os themas geraes, irá buscar de preferencia nos chronistas e via-



jantes themas particulares, casos concretos, para os poetizar. Tambem o seu modo de consideral-os é outro que o daquelles, de puro artista desinteressado. Si não iguala jámais a Gonçalves Dias, porque não possui na sua lyra a corda épica, pôde ser que alguma vez o exceda no que é a transformação do thema selvagem, da representação poetica, em symbolo, como nessa admiravel *Ultima Jornada*, soberbo trecho de alevantada poesia. Aos poemas propriamente indianos das *Americanas* falta o calor da inspiração nativa, que fez de *Y-yuca-pirama* um dos mais bellos da nossa lingua. Falta-lhes ainda a grande, a profunda sympathy do cantor dos *Tymbiras* pelo seu assumpto, essa correspondencia moral entre o autor e o seu thema, condição do perfeito em arte. Ha na mesma pureza da lingua e da forma nesses poemas alguma cousa de rigido, de secco, de incommunicativo. Não corre nelles o ar e a luz do nosso céo, o acre aroma nem a bruteza das nossas mattas. Alguns lucrariam em ser encurtados. Mas que bello é o canto *A Gonçalves Dias*, excepcionalmente commovido e eloquente!

Com as *Americanas* parecia ter o Sr. Machado de Assis encerrado a sua carreira poetica. No periodo decorrido de 1875 até hoje elle se fizera, com um trabalho perseverante e um



caminhar sempre ascendente, o mais original dos nossos autores de ficção ; déra meia duzia de romances, alguns verdadeiramente notaveis pela novidade da inspiração e excellencia da fôrma, e varias collecções de contos, que ficarão porventura na nossa língua como dos mais perfectos exemplares nella do genero. Como roman-cista e novellista, apezar das falhas, que em outra occasião já verifiquei, do seu genio — e talvez mais do seu temperamento que do seu genio — elle se distinguiu ainda, não só aqui, mas na literatura portugueza, pela capacidade de fazer a obra geral, humana, embora sem piedade, sem deixar do ser nacional — o que antes d'elle ninguem fizera. De vez em quando, raro, entretanto, um jornal, uma revista, publicava algum verso seu. Muitos desses eram versos de occasião, formosos, de feitura excelente, mas que não dão nunca a medida de um poeta, como toda a obra obrigada a uma occasião, a um assumpto. Desses versos, alguns, como *Lindoya*, *Antonio José*, *Gonçalves Crespo*, *Alencar*, *Camões*, *José de Auchieta*, achiã-se recolhidos nas suas poesias completas, e delles ha dignos dos melhores poetas. Nunca desde então deu á luz alguma nova collecção de versos.

Republicando agora os antigos, ajuntou-lhes uma porção delles, a que chamou de *Occiden-*



taes. Consentindo na reedição dos seus primeiros versos, o Sr. Machado de Assis os deu sem nenhuma alteração ou correção essencial. A modificá-los com o seu saber e experiência da madureza preferiu honradamente supprimir os que lhe pareceram defeituosos. E pude verificar que foi rigoroso em julgar-se. As *Occidentaes* não têm mais nada de americano, de particular ou local. Inspira-as e domina-as o pensamento geral commum das gentes do Occidente. E eu direi com pesar que ha nellas ainda menos emoção que nas suas irmãs primeiras. O que nellas ha de mais novo, e para dizer á moda, mais forte, são as poesias de pensamento, ou philosophicas, segundo a commoda classificação: *O despecho, Circulo vicioso, Uma Creatura, Mundo interior, A mosca azul, No alto*, todas ellas de grande belleza — a belleza especial de taes composições — e sem par na nossa poesia.

Os que têm estudado ou lido com attenção a obra do Sr. Machado de Assis lhe censuram a falta de emoção, ao menos de emoção sentimental, de emoção sympathica e humana. Reconhecendo essa falha numa obra que admiro, procurei um dia explicá-la por um excessivo receio, uma exagerada desconfiança no autor de cair na sentimentalidade corriqueira, ou de se deixar illudir pelo mundo e pela vida. E



talvez seja boa a minha explicação; sómente se póde dizer, como então disse, que essa mesma precaução ainda é uma illusão e ainda leva a gente a illusões... Que não ha, ou ao menos não havia, no Sr. Machado de Assis incapacidade fundamental de emoção, de commoção humana, provam as suas tres primeiras collecções de versos, e os seus primeiros livros de prosa. E' certo que desde então elle não a tem desbordante e facil, e muitas vezes falsa ou fingida como é a da nossa gente, de natureza em tudo insobria e incontinente. A sua mantem-se sempre, ás vezes talvez com um intencional cuidado, moderada e receiosa de si e dos outros. Sómmente o facto de lhe não poder deixar toda a expansão, o impediria de ser um grande poeta. Lyrismo suppõe emoção não só intensa, mas fortemente, exuberantemente expressa. Dos grandes themes lyricos, repito-me, o principal é o amor, e a commoção amorosa apenas achou no Sr. Machado de Assis uma expressão sobria, delicada, terna, sentida tambem, porém mais discreta e reservada, talvez, do que o pede a paixão « forte como a morte ». Os *Versos a Corinna*, o mais bello dos seus cantos de amor, apenas tocam, sem ultrapassal-os, os limites daquella reserva. Não sendo, não podendo ser, apesar de que o atormenta o « eterno feminino », um poeta de amor, tinha o Sr. Machado de



Assis de escolher outros temas, e esses seriam forçosamente os temas objectivos, e elles abundam nas suas primeiras collecções de versos: *Epitaphio do Mexico*, *Polonia*, *La Marchesa de Miramar*, enchem as *Americanas* e são todas as *Occidentaes*. A sua ascensão poetica se faz do subjectivo sentimental para o objectivo mental, mas como elle não é um poeta social, largamente humano, no mundo objectivo não se lhe depararam sinão escassamente os temas consoantes ao seu temperamento e ao seu espirito. Alguns desses temas encontraram nelle um interprete superior, e *Circulo Vicioso*, *Uma Criatura*, a *Mosca azul* são dignos de um grande poeta.

O que desde o principio distinguio o Sr. Machado de Assis como poeta, já o disse, foi a sua fórma, comprehendendo neste termo a lingua, o estylo, a versificação. Essa distincção a conservou elle sempre. Eu não sei si pela riqueza do vocabulario, propriedade da expressão, rigorosa correcção da linguagem, pureza do estylo, juntas á perfeição métrica, que comparte com outros, elle terá algum poeta, alem de Gonçalves Dias, aliás talvez inferior nesta ultima parte, acima de si. Ha no espirito do Sr. Machado de Assis, não obstante o seu modernismo, a sua doença do seculo, o seu scepticismo, o seu pessimismo, as complicações e as duvidas do seu



pensamento, alguma cousa — digo alguma cousa — de classico, no sentido que Goethe gostava de dar a esta palavra : o amor da composição simples, corrente, pura e clara. Na poesia ainda é mais sensível esta sua disposição. A sua lingua poetica é, nesse sentido, embora moderna, classica, tendo, tambem, ás vezes, um delicioso sabor das cousas antigas. Um dos seus poemas americanas, *Niani*, põe nos sertões brasileiros a toada de um soláo castellão portuguez. O seu gosto, quasi digo a sua predilecção, pelo verso solto, aliás tão bello, tão energico e tão nosso, o qual ainda nas *Occidentaes* usa — e o usa com rara pericia — é outro signal da sua inclinação classica.

Não era meu proposito analysar os poemas do Sr. Machado de Assis, sinão dizer a minha impressão geral delle como poeta, feição por que é muito menos conhecido que como prosador. Delles nomeei apenas os que corroboravam o meu conceito geral. Não direi, pois, das suas traducções sinão que a de um trecho do *Purgatorio* de Dante me pareceu sorprendente de fidelidade e de reproducção, e a do *Corvo* de Edgard Põe assombrosa de expressão e de força.

Não sei, nem me preocupam estas classificações, si o Sr. Machado de Assis é um grande poeta — e qual d'entre os nossos se póde chamar

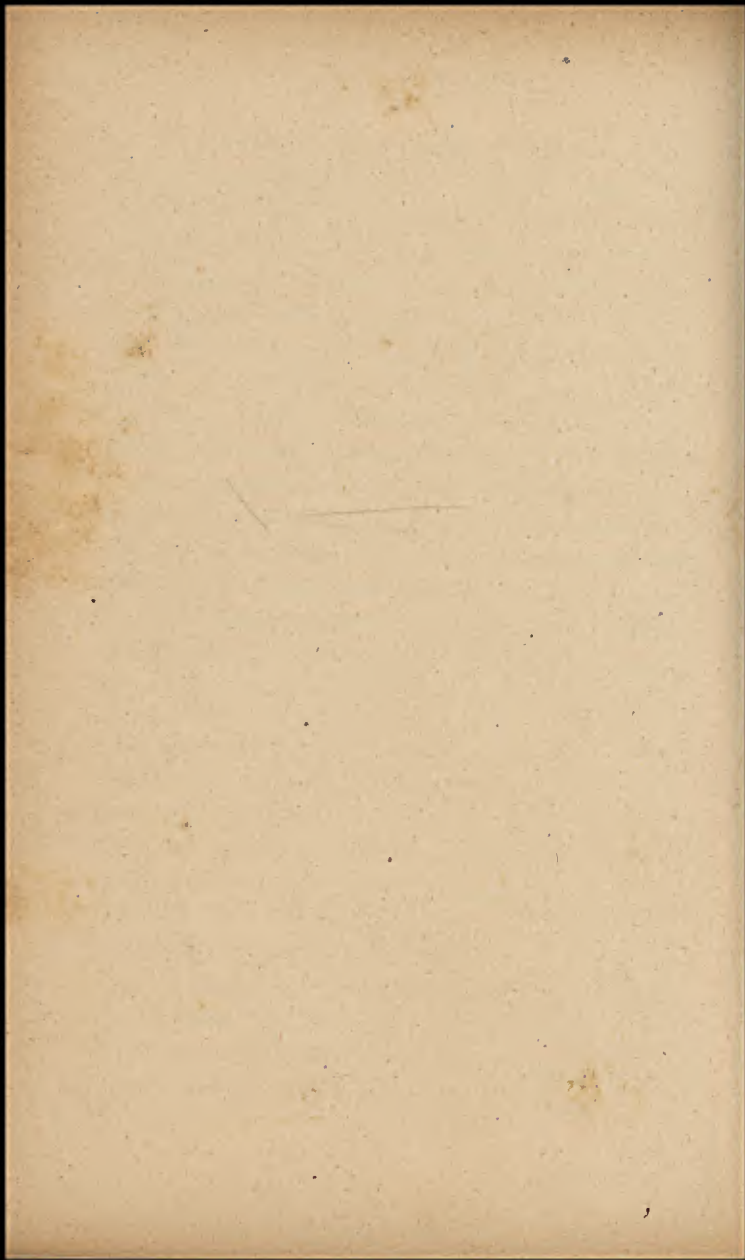


sem restricções um grande poeta? — não indagado mesmo si elle tem em a nossa poesia uma situação preeminente; penso que deve occupar de direito nella um lugar distincto. Pela pureza e correcção da fôrma, pela singularidade do pensamento, pela delicadeza relinada dos sentimentos e da expressão, elle mereceria entre os nossos poetas um dos primeiros lugares. Nenhum o excede na concepção e realização de themas de uma emoção ligeira, brincalhona, ironica, revestida de uma fôrma leve, alada, finamente elegante, como essa de *Uma ode de Anacreonte*. O que de *miévrerie* — vivacidade misturada de malicia — ha no seu genio, faz d'elle um delicioso poeta das sensações, visões, sentimentos delicados, raros, expressos com uma arte exquisita. Nenhum por outro lado o excede como poeta de pensamento, na transformação das suas duvidas, do trabalho interior da sua consciencia em face do formidavel problema da vida, em um thema lyrico. Sómente elle não é tragico; o satyrico que ha nelle e que achou a sua fôrma no romance e principalmente no conto, impede-lhe tirar dos seus pequenos dramas o pathetico que elles comportam. Os raros dons de expressão da sua lingua realçam singularmente tudo o que canta e o seu canto. A continencia da sua sensibilidade, o geito sceptico e pessimista do seu espirito, a



ironia desconfiada com que se resguarda contra as illusões communs, tiram, entretanto, á sua poesia o que ella devia ter de emoção, de vida, de sentimento para nos tocar e commover. Poesia, poesia lyrica ao menos, é sentimento, e a sua, sob este aspectó não contenta plenamente talvez a nossa necessidade de emoção. A que delle recebemos é frequentemente encantadora e deliciosa, mas tão depurada pela fôrma, tão recatada de sentimento, de commum tão intellectual que raro irá ao fundo da nossa vida sentimental e affectiva. Regalo para outros poetas, para intellectuaes, gozo para espiritos literarios e para refinados, não satisfará talvez aos que o não fôrem. E' para mim o seu defeito capital; o poeta lhe achará porventura a sua principal virtude... E ambos talvez tenhamos razão...





POESIA E POETAS

Rondas nocturnas por MARIO PEDERNEIRAS, Laem-
mert et C. — *O Cavalleiro do luar* por Gustavo
SANTIAGO. — *Sombras* por João COUTINHO. — *De*
Amor por Jayme GUIMARÃES, H. Garnier.

Si ha crise na poesia e si crise neste caso quer dizer diminuição, falta, carencia da producção, não ha no Brazil — seja Apollo mil vezes louvado — tal crise. Aqui os poetas antes superabundam que fallecem. Tenho presentes nada menos de quatro, representados por quatro livros, ou antes folhetos, de versos. O mais volumoso — dos livros — o do Sr. Jayme Guimarães, ainda assim não chega a ser bem um livro. E o do Sr. João Coutinho, de um mau gosto acima de todo o encarecimento, não é sequer um folheto, é um caderno, como os dos



meninos de escola. Mas em algumas paginas podem encerrar-se cousas sublimes. E foi com esta convicção que li estes opusculos. Os tres primeiros dos citados poetas são novos de intenção e de idade, o ultimo apenas em annos.

Creio não precisar protestar perante os que me fazem a honra de ler estes estudos que nenhuma prevenção tenho contra os « novos ». Em litteratura e arte, como em tudo mais, sou livre pensador. E si tenho da arte uma concepção, essa é bastante larga, penso eu, para abranger na sua estima as obras das tendencias e escolas mais diversas e oppostas. Só o que não é por qualquer fórma humano e social, só o que é extravagante, fóra da vida e da realidade — e até o mais alto idealismo pôde estar na realidade — excludo da arte. O mais é uma questão de talento, que, tomada a palavra na sua inteira e complexa accepção, não me cansarei de repetir com os mestres da critica, e o simples bom senso, é a unica medida, o só padrão do valor da obra litteraria. Parece que já fui accusado de pouca sympathia, e até de má vontade, ás novas gerações e ás novas tendencias litterarias. Na realidade pouco se me daria do reproche, si fosse fundado. Não escondo as minhas opiniões, nem me arreccio de dizel-as. Talvez o seu unico valor, aos meus proprios olhos, seja a sua sinceridade. Si não fui o pri-



meiro, fui um dos primeiros a dizer aqui das novas escolas e tendencias estheticas, e certamente sou o que, á falta de talento, tem dellas dito mais longamente e mais frequentemente, procurando mostrar a sua legitimidade e apurar com sympathia os seus resultados. Que culpa tenho eu si, com a melhor vontade — e até extrema benevolencia — não me foi possivel enxergar na macaquice do nosso symbolismo nenluma obra de real valor, nenhuma alta contribuição capaz de accrescer o nosso pequeno, mas não de todo mesquinho, cabedal literario! E esforcei-me sempre honestamente para o não julgar segundo a minha impressão pessoal, mas objectivamente, despreoccupado, quanto me era possivel, de preconceitos de educação e de habitos. Não faltei nunca com o elogio áquelles que por qualquer feição, ainda apagada, me pareciam ter direito ao louvor ou animação; mas si jamais houve no Brazil uma escola de emperrados e filauciosos, foi essa que sem de facto nada produzir de excellente se jactava nada menos que de genial, e declarava ruim e estulto quantó não saía della. Não ha sinão ler o que de si mesmo dizem, para verificar que não minto, ou siquer exagero. Nenhuma tambem usou e abusou com tanto desplante do reclamo e do elogio mutuo. Não lhe queiramos por isso mal; a medida, a



ponderação e a modestia não são por via de regra attributos da mocidade; e uma certa petulancia não lhe fica mal. Quem se agastasse com as suas impertinencias se mostraria bem pouco philosopho.

Como escola esthetica, o symbolismo — que aqui só revelou aspectos exteriores de metrificação e de graphia — reconhece-o o seu mais eminente coryphêo de França, de onde nos veio através de Portugal, o Sr. Henrique Régnier, é uma cousa passada. Do que nelle, como é natural em toda a escola, havia de excessivo, « as affectações e manias », como lhes chama elle, desprenderam-se os melhores da escola, elle proprio, os Dierx, os Greghs, os Samains, os Jammes, e neste momento mais um, dos maiores, João Moréas publica as suas *Stances* voltando resolutamente aos velhos metros, ás antigas fórmulas poeticas. Certo ainda sob estas fórmulas sente-se o espirito novo, como sente-se que ellas mesmas, o seu rythmo, a sua maneira, a sua plastica foram por elle influenciados. Este é resultado util do symbolismo, e mesmo aqui, sem que elle haja produzido um Dierx ou um Moréas, não é difficil notar este beneficio. E' o proprio Sr. Régnier quem repara que aos symbolistas francezes faltava, para darem toda a sua medida, o tempo e a experiencia. A maior parte desses poetas, diz elle, « estão justamente



na idade de acrescentar ao que fizeram até hoje as produções magistraes e acaso decisivas da sua madureza » E põe em nota : « Por exemplo, o Sr. Moréas, em suas admiraveis *Stances* ». « Os melhores, conclue elle o seu pensamento, acham-se exactamente no instante da vida em que o homem é senhor das suas mais amplas forças intellectuaes, e si são os poetas de hoje, são ainda os poetas de amanhã », mas logo, com o sentimento real das cousas, acrescenta : « Para dizer a verdade, não é só a elles que pertence o futuro e que a poesia deverá os seus destinos mais proximos. Uma nova geração que chega, imagina por sua vez uma arte consoante consigo e ao geito do seu espirito. » A's mesmas conclusões chega o Sr. Gastão Deschamps, num sympathico e muito elogioso artigo recentemente consagrado aos dous poetas Dierx e Moréas. O facto incontestavel é mais uma confirmação, aliás escusada, da inanidade das escolas, e da tolice da prelenção de cada uma que surge suppôr-se proprietaria exclusiva da verdade na arte. O critico não pôde, sem inintelligencia, menosprezar este phenomeno das escolas em esthetica e literatura. São um facto natural e normal do mesmo desenvolvimento do espirito humano e, portanto, da sociedade. Correspondem ao movimento geral das idéas e dos costumes, a cada



período da mesma evolução social. Assim, o symbolismo é, na sua fôrma geral, uma resultante no domínio da esthetica, ou mais propriamente da poetica, do movimento, quasi digo da reacção, idealista, provocada pelos excessos do positivismo em philosophia, do materialismo em sciencia, do naturalismo em arte e do burguezismo democratico em politica. Quasi limitado á poesia, a sua inspiração e a sua acção foram ainda mais estreitas que as do naturalismo. Si o podemos verificar na musica, na pintura e na mesma estatuaria, fôra talvez errado attribuir-lhe influencia sobre essas artes. As mesmas causas geraes que produziram em musica a obra de Wagner e em esthetica a de Ruskin, factores em grande parte da reintegração do symbolismo na arte, devem aquellas essa nova feição. E' certo, porém, que nem o mestre de Beyreuth, segundo se verifica de um dos mais competentes dos seus biographos criticos, o Sr. Chamberlain, nem o grande estheta inglez, conforme se pôde vêr da sua obra critica e poetica, se reconheceriam nos exageros do symbolismo francez, copiados pelo luso-brazileiro, sem exacta noticia e comprehensão das tendencias que imitava. Por isso, aqui o symbolismo se restringiu ás exterioridades da fôrma accrescentada de um extraordinario abuso de maiusculas, que é até agora a unica contribui-



ção original do symbolismo indigena. Symbolo propriamente, como se percebe nos symbolistas francezes e ainda no Sr. Eugenio de Castro, nunca logrei descobrir nos poemas dos nossos. Quando muito alguma allegoria, que não é a mesma cousa. O que agora nos conta no seu *Cavalleiro do luar* o Sr. Gustavo Santiago, não é um symbolo, é uma velha allegoria, em versos em que, com a melhor vontade, não pude achar belleza alguma e dos quaes muitos são de pura extravagancia, que o tempo emendará, como este :

Oceanos feitos de erisypelas.

Estas extravagancias não são mais do symbolismo, são da escola poetica a que a poesia franceza, por alguns dos seus mais talentosos cultores, deve a renovação do pensamento e da fórma do seu renascimento presente; pertencem anachronicamente ao decadismo ou decadentismo, atrazam vinte annos. O processo dessa phase do seu desenvolvimento foi feito pelos proprios symbolistas, que acabam por condemnal-a com actos e palavras, uns evoluendo no sentido do symbolismo a que attingiram os melhores, e que é um aspecto racional da arte, outros confessando expressamente o seu erro. O já citado Sr. Henrique Régnier que, como Moréas e outros, pertence aos primeiros, per-



tence tambem aos segundos. Reconhece de boa mente o excesso dos decadentes na rebusca « de um atrevimento demasiado atrevido e de uma audacia demasiado audaciõsa, de um gosto de refinamento extremo », conforme a exprobração de Theophilo Gautier, « que por inexperiencia, por desaso, por fanfarronice, os levou frequentemente á extravagancia, á obscuridade, á geringonça ». E cita os que — e entre elles se conta — não escaparam a este reproche, attribuindo o seu peccado á mocidade, « a que se juntava uma idéa talvez erronea e abusiva dos direitos da poesia ».

Evidentemente erronea e abusiva, cuido eu, convencido de que uma arte de iniciados, uma arte isoterica como áquella chamaram, é um monstro no dominio da esthetica como um vitello de duas cabeças no dominio da zoologia. Si ella não ficava de todo fóra da concepção geral e unica possivel e exacta da arte, é que a sua mesma extravagancia era um symptoma de diathese social. Sómente esta diathese era parcial, limitada a um pequeno grupo humano, de facto insignificante e pouco interessante para o resto da humanidade, quasi que a meia duzia de individuos, e muita vez, como entre nós, producto secundario de imitação, um contagio de vontade, de effeitos e manifestações superficiaes.



Ó symbolismo, nos melhores dos seus representantes, numero limitadissimo aliás, correspondia innegavelmente, sempre o reconheci, a um sentimento social, a reacção idealista, e a uma necessidade esthetica, a renovação do pensamento e da fôrma poetica, ambos exhaustos pelo parnasianismo naturalista. Ha de agora trinta annos, já o critico francez Scherer notava que a poesia em França caira quasi por completo no descriptivo. Contra o descriptivo, sob os seus multiplos aspectos, reagiu com razão o symbolismo, cujos poetas, em vez de descreverem, de pintarem, de explicarem, quizeram simplesmente suggerir. E « é este desejo, julga o Sr. Régnier, de ser mais suggestiva que peremptoria, a invenção capital do symbolismo ». Ha na rhetorica symbolista muitas subtilezas e bysantinismos, como os ha ainda na sua arte; para aceital-a sem restricções ou como artigos de fé, precisa-se da candidez de neophytos ou do snobismo dos imitadores sem talento. Mas nenhuma rhetorica escapa ás mesmas ou quejandas péchas. E' proprio das escolas literarias, principalmente daquellas em que os moços dominam (e são todas, pois só a madureza reconhece a vaidade das escolas), exaggerarem a parte de verdade que cada uma tem. Não demos pois demasiada importancia ás definições e preceitos da poetica symbolista. Si alguns



grandes poetas que havia na escola puderam com elles fazer bellas obras, isso acontece em todas as escolas e em todos os tempos. Esses não lhe justificam as pretensões, provam apenas a liberdade da inspiração e o seu proprio talento. Os symbolistas queriam suggerir-nos idéas o sensações mediante um modo de expressão, o symbolo, que não é unico, nem novo na arte, que, póde-se affirmar, faz parte da arte, mas cujo uso, estamos com os theoristas da escola, elle renovou. Que é, porém, o symbolo para o symbolista? Peça-mos a um delles uma explicação. « O symbolo — esclarece-nos o autor das *Figuras e Caracteres*, — é o remate de uma série de operações intellectuaes que começam na propria palavra, passam pela imagem e pela metaphora, comprehendem o emblema e a allegoria. » Não sei si o leitor entendeu bem, confesso que ha no mundo noções mais claras. O proprio autor desta acha que o emprego do symbolo é sempre acompanhado « de certos inconvenientes » e « na pratica todo o symbolismo comporta alguma inevitavel obscuridade. » Realmente, como reconhece o poeta symbolista, o symbolismo é difficil ; exige qualidades pessoas, capacidades proprias ao symbolo no talento do poeta. Póde haver um boni, um notavel poeta, sem as ter, no sentido ao menos da escola. Dahi o facto que, até na es-



cola, poucos, e o mesmo Sr. Régnier o reconhece implicitamente, conseguiram realizar com superioridade « a figuração expressiva da idéa pelo symbolo ». A maior parte ficou no velho recurso poetico da allegoria, muitos tomaram por symbolo a metaphora, contemporanea do homem e da sua linguagem. E com mais alguns annos, si o symbolismo houvesse de viver mais alguns, o veriamos fatalmente cair no didacticismo, para onde visivelmente se ia inclinando. Mas já ha em poesia outras tendencias mais novas que o symbolismo, outros poetas, seus filhos independentes, que, livres dos preconceitos das escolas e parcerias, dizem sem rebusca expressa de symbolos a sua e a alheia emoção. Nós retardamos sempre. Já tive occasião de mostrar que os movimentos literarios não repercutem aqui com menos do vinte annos de demora e perduram talvez quasi outros tantos, depois que o modelo, cuja copia são, se extinguiu na Europa, isto é em França.

O symbolismo, que aqui foi, e é ainda por muito, principalmente o decadentismo, sem revelar em nenhum poeta as qualidades que em mais de um mostrou acolá, distinguiu-se principalmente pelas exterioridades da fôrma, desde os metros e o vocabulario, passando pela orthographia, até o formato, a impressão, a capa, os títulos dos seus folhetos — que livro raro pro-



duziu. O abuso das letras maiusculas não sei si não será a sua principal reforma em a nossa poetica. Não a inculcarei de profunda ou notavel siquer; vérifico o facto. O verso livre. antipalhico á lingua franceza, e que ali começa a ser abandonado, não podia aqui provocar o escandalo que lá provocou. Além do verso solto, tão da indole da nossa lingua, temos nella, nos seus modelos poeticos desde o seculo XIV ao XVI, exemplos de uma extraordinaria variedade e liberdade de metros e de rythmos que favoreciam em Portugal e aqui esta innovação metrica. Que algumas podiam ser felicissimas, ensaiadas por poetas de talento, mostraram-no o Sr. Guerra Junqueiro em trechos da *Patria* e o Sr. Eugenio de Castro em alguns dos seus poemas. Si a escassa poetica franceza não fornecia de metros sufficientes aos poetas que exigiam novas e mais livres fórmãs de expressão, o mesmo não succedia aos da lingua portugueza, onde as fórmãs metricas têm uma abundancia que dispensa toda a invenção e torna futil qualquer queixa de insufficiencia de meios de expressão poetica. Tambem a maior melodia da nossa lingua, uma lingua cantante, favorecia a tentativa de uma poesia que, segundo a escola, de vocal se devia tornar musical. Não foram aliás muitos, nem os melhores, dos novos poetas brasileiros que seguiram os francezes no



emprego do verso livre; em geral, mantiveram-se nas fórmulas consagradas, e é singular que tendo na sua lingua um rico thesouro metrico a que recorrer, por ignorancia ou menosprezo delle o não fizessem, e preferissem restringir-se á pobreza da metrica franceza ou ás fórmulas mais usuas da nossa.

Estas considerações ao correr da penna suggeriram-m'as aquelles ultimos versos aqui publicados. Elles são, parece-me, comprobatorios dos meus assertos. O Sr. Mario Pederneiras está todo influenciado do symbolismo, e tem evidentemente boas disposições. O seu primeiro livro de versos, *Agonias*, producto postigo do preconceito escolar, podia ser tido, segundo notou um critico, como uma *charge*, uma caricatura da escola. Este segundo, *Rondas nocturnas*, é mais livre, mais pessoal, e creio que mais sincero. Não o dou por um modelo de symbolismo, mas ó dos melhores productos da escola aqui, pela excellencia do verso, por certa e incontestavel novidade da expressão e tambem do sentimento, pela nobre preocupação que ha no poeta de pôr idéas — poeticas — nos seus versos. Comparando os versos do Sr. Mario Pederneiras com os do Sr. Jayme Guimarães se não pôde deixar de sentir o lucro que á nossa poesia veio do symbolismo, como este lhe deu mais plasticidade, mais musica, e como ao



mesmo tempo começa a livral-a das repetições enfadonhas do descriptivo parnasiano. Ha, por exemplo no soneto, *Somno* alguma cousa que destôa para melhor do que fariam outros poetas do mesmo engenho, seguindo a antiga poetica :

Embora o Sol em flavas flammæ arda,
Quente enrubeça a Terra e queime o Trigo
Logo que chega a Noite e a Luz encarda,
Abres á Vida o teu honesto abrigo.

E' lá que empós as Gloriãs e o Perigo
A Alma repousa — si o carinho tarda —
Velada apenas desse Olhar amigo
E da ronda christã de Anjos da Guarda.

Companheiro do Tedio e do Cansaço,
Surges sereno e vagaroso abrindo
Um carinho de sombras pelo Espaço.

A Alma repousa envolta em denso Véo,
Esquecida do mundo atrez — fruindo
A Saudade nostalgica do Céu.

Como vêem, o poeta abusa das maiusculas. E' um cacoête dos jóvens poetas indigenas, e em muitos o signal unico que os distingue dos poetas que combatem e pretendem substituir. E' curioso que em geral andam ás tontas no emprego da letra grande. O mesmo Sr. Mario Pederneiras, que é dos que se não differenciam



por só esse aspecto graphico, escreve logo na sua primeira estrophe :

Que ao Bem-Estar e á suggestão disponho
Alma contemplativa

onde se não sabe porque « suggestão », que exerce a mesma funcção logica que « Bem-Estar », foi ignominiosamente escripta com minuscula. Já que estou neste capitulo de nugas, que não são sinão isso, embora não deixem de prejudicar a obra dos nossos poetas novos, direi que me não posso conformar com as liberdades excessivas e desarrazoadas que a maioria delles toma com a lingua. Não é das mais incorrectas a do Sr. Mario Pederneiras, mas elle abusa do direito, que ninguem aliás tem, de estropear palavras, menos para exprimir um pensamento novo que para as fazer servir deformadas á medida dos seus versos. Está o seu poema enfeiado por termos e o expressões como *immaculos*, *luz cobalta*, *aza agoura dos corvos*, *resplendorada de exhalos brancos*, *exhalos alvos*, *satyra figura*, *môsna loucura*, *jalda* para rimar com *esmeralda* e que taes. O Sr. Pederneiras, creio, não é um joven totalmente sem letras, como crecido numero dos seus irmãos em musa, concordará comigo, espero, que a lingua não admite estas liberdades; é uma dama que se quer respeitada, e que se vinga dos nossos



aggravos, pondo-nos em esquecimento. Quão facil seria ser escriptor e poeta — e nisto tambem, cuido, estará comigo — si pudessemos a nosso talante desobrigar-nos da disciplina da lingua em que escrevemos ou poetamos! Quando o Sr. Pederneiras faz de agourenta *agoura*, para não pôr no seu verso uma syllaba a mais, e de jalde *jalda* para rimar com *esmeralda*, viola barbaramentê a lingua e a poetica, e usa de uma liberdade que, mesmo sem as rigorosas exigencias do parnasianismo, não se tolera mais. A unica prova de superioridade, o signal da grande virtuosidade nas artes da escripta, prosa ou poesia, é conseguir exprimir excellentemente os mais peregrinos e exquisitos pensamentos e sentimentos com os recursos normaes da lingua. E é este, deve sabel-o o poeta, o exemplo dos mestres fancezes da nova poessia, muitos dos quaes, como Verlaine, Rodenbach e outros, até se jactavam de puristas. Eu creio que um poeta como o Sr. Mario Pederneiras, para ser dos mais estimaveis da nova geração, não carece deesses faceis recursos dos mediocres. O seu segundo livro é um progresso notavel sobre o primeiro, e o poeta de sonetos como o citado *Somno*, a *Esperança*, talvez mais bello, pôde e deve desfazer-se dos preconceitos e dos cacoêtes de escola.

Está ainda muito viciado delles o Sr. Gus-



tavo Santiago, cujo verso não me pareceu ter aliás nem a perfeição metrica, nem a plasticidade e menos a musica dos do Sr. Mario Pederneiras. Disse eu acima que o seu *Cavalleiro do luar* não contém symbolo algum, e é apenas uma allegoria, sem novidade fundamental, o que não é um peccado mortal, mas, o que é mais grave, sem que o poeta, pelo modo de concebel-a e de traduzir a sua idéa, a tivesse sabido renovar.

O caderno das *Sombras*, do Sr. João Coutinho, é escripto em letra de mão lithographada, tinta roxa e ornada de feissimos desenhos. Seus versos não são livres, são liberrimos. Começa :

Em uma gondola de ouro e turqueza
Desço o velho Rheño.
Levo em meus braços uma princeza...
O rio corre sereno.

Crianças desamparadas, outra poesia do caderno, diz assim :

Pobres innocentes, que não têm mãis
E cujos pais são jogadores!
— São mais felizes os cães
Cobertos de lepra, que não têm senhores.

Este poeta novo põe como epigraphic aos seus poemas estas palavras do velho Thomaz Ri-



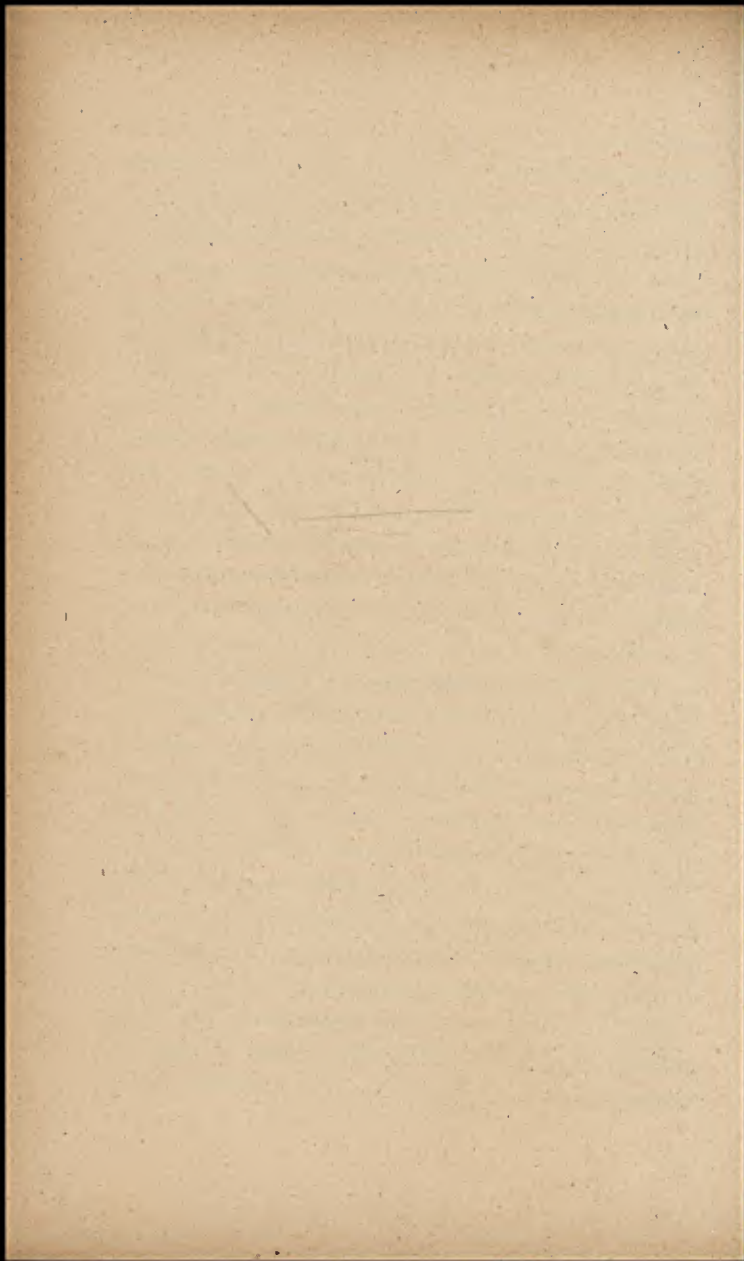
beiro : « O poeta não pôde ter sobre a sua mesa de trabalho nem codigos, nem reguas, nem compassos » e parece que, escudado neste preceito do autor do *D. Jayme*, se julga desobrigado dessas cousas importunas que são as regras de qualquer arte. Elle devia desconfiar da exactidão do conceito, ou ao menos da interpretação que parece lhe deu, vendo tão perfeito de metrifcação, de lingua, de rhetorica o poema de cujo prefacio são aquellas palavras. Pois não o impressionou que, doutrinando aquillo, Thomaz Ribeiro escrevesse um poema dentro de todos os codigos, reguas e compassos da sua arte? Permitta o poeta dizer-lhe que não entendeu a opinião do poeta portuguez : elle apenas quiz dizer que a poesia é de alma, de inspiração, de éstro, e que não é com as regras das artês poeticas que se a pôde fazer boa. Pois alguem concebe lá que se possa fazer arte sem aquelles compassos, rēguas e codigos? Então todo o mundo seria artista. Sómente o que tem genio, éstro, vocação, em si mesmo encontra as regras da sua arte, adivinha-as, descobre-as, aprende-as por uma especie de intuscepção. O estudo, e não só ao dos livros me refiro, desenvolve, completa e aperfeiçoa os dons nativos. Já hoje se não acredita inteiramente no velho aphorismo de que os poetas nascem. Creia-me o Sr. Coutinho, fazem-se



tambem, e não lia poeta que tenha alcançado a perfeição relativa, unica ao homem permitida, que não concorde comigo. O que é preciso é ter, como diz o povo excellentemente, o dom. Esse dom não contestarei que o tenha o autor das *Sombras*; convença-se, porém, que o dom, que não é as mais das vezes sinão o de versejar, não basta. Ha nos seus versos uma simplicidade, com uma sentimentalidade, que me agradou. Cultive-a, mas com naturalidade, despretenciosamente, e é possível rebente em mais viçosas flores que estas primeiras.

De Amor, bello titulo revendo uma formosa juventude enamorada, canta tambem pela primeira vez o Sr. Jayme Guimarães, de uma raça de poetas, filho de Luiz Guimarães, o lyrico dos *Sonetos e Rimas* e irmão de Luiz Guimarães Filho, o poeta de *Ave-Maria*. O Sr. Jayme Guimarães é apenas um novo pela idade, que as novas fórmãs e tendencias em nada o influenciaram. O seu lyrismo é o mesmo de seu pai, o nosso lyrismo brasileiro amoroso, lamuriento, e, não raro, piegas. Eu o quizera menos retardatario e estaria prompto a perdoar-lhe algumas infalliveis extravagancias iniciaes; alegrar-meia vêl-o pôr algumas combinações menos conhecidas, alguns tons menos repetidos, algumas sensações menos sentidas nos seus primeiros cantos de amor. Esperemos os segundos.





UMA NOVA BIOGRAPHIA DE CAMÕES

Vida e Obras de Luiz de Camões, por WILHELM STORCK, versão do original allemão annotada por Carolina Michaelis de Vasconcellos, Lisboa, 1897(1).

Por esta data vêm os leitores que este livro não é novo : foi com effeito publicado « em me-

(1) Não hesitei em ineluir este estudo da vida de Camões num volume exclusivamente consagrado á literatura brazileira. Si Camões não é, como quizera o Sr Joaquim Nabuco, o primeiro poeta da nossa literatura, por ser o primeiro, o maior, da nossa lingua, a sua grandeza é tamanha, a sua influencia sobre a formação da literatura brazileira, e sobre todo o seu desenvolvimento, tão consideravel e decisiva que elle tambem lhe pertence ou ella a elle, como o effeito á causa, as derradeiras vagas da foz de um rio á remotissima nascente donde este deriva, os mais reconditos e diminutos symptomas de calor á fonte de todo elle, o sòl.



moria do quarto centenario da India Portuguesa ». Só agora, porém, graças a um amigo, o vim a conhecer. As boas publicações portuguezas, os livros de estudo e saber, não chegam facilmente, como o exemplo deste ainda o prova, ao publico brasileiro, nem ainda áquelles a quem ellas mais proximamente interessariam. Raro é que se encontrem nas prateleiras ou nos mostradores das nossas livrarias. Pois não é que em Portugal se não publiquem de vez em quando obras credoras de leitura e apreço, trabalhos de informada sciencia, de solida erudição e de intelligente critica. Julgando-me autorizado a crer que, não obstante os seus cinco annos, este livro será uma novidade para a maioria dos meus leitores, como o foi para mim, e attendendo á sua excepcional importancia e valia, não me parece inopportuno noticial-o

Para os que, embora não sejam camonistas, se interessam por quanto respeita a Luiz de Camões, e não ignoram de todo os estudos que sobre o poeta e as suas obras se fazem, o nome do professor allemão Wilhelm Storck não era inteiramente desconhecido. Tel-o-iam visto citado nas camonianas, nos volumes do *Dictionario bibliographico* de Innocencio consagrados especialmente pelo Sr. Brito Aranha, seu continuador, ao poeta, e em estudos do Sr. Theo-



philo Braga. O Sr. Storek, pôde-se dizer, votou a Camões a sua vida de estudioso e erudito. Primeiro publicou sobre elle estudos criticos esparsos, depois emprehendeu e levou a cabo o trabalho verdadeiramente consideravel da traducção integral, e em verso, da obra poetica de Camões : canções e epistolas, sonetos, odes, idyllios, os *Lusiadas*, as obras dramaticas, publicadas em seis volumes, de 1880 a 1885. Não se limitou, porém, a traduzir, mas acompanhou a sua traducção, que a Sra. D. Carolina de Vasconcellos, juiza competente, affirma excellente, de commentarios, ainda, segundo ella, do saber mais seguro e da critica mais atilada. A julgar pelo que desse trabalho dizem os que o puderam apreciar, o Sr. Storek levantou na Allemanha a Camões um monumento como elle não tem igual, nem semelhante, na sua patria. Enorme serviço prestaria á literatura portugueza e aos estudos não só camonianos mas da historia literaria e geral da nação portugueza, quem refizesse em Portugal ou no Brazil, si taes publicações já fosssem aqui possiveis, o trabalho do professor allemão, publicando a obra completa de Camões, segundo a edição do Sr. Storek, com os commentos e annotações deste, trasladados a vernaculo. Desdê os primeiros annos de 1870, e talvez ainda de antes, datam os estudos de Camões do Sr. Wilhelm



Storek; a sua primeira obra sobre elle é de 1874. São, pois, quasi 20 annos de trabalho acurado, como sabem, em materia de erudição, trabalhar os Allemães. Dez desses annos, segundo confissão do autor, passou-os elle no estudo e redacção da vida do poeta, cuja edição alleman appareceu em 1890.

A traducção, principalmente a traducção em verso, é talvez a melhor, a mais certa maneira de penetrarmos um autor, no seu pensamento na sua inspiração, no seu sentimento, no seu estylo e modo de conceber e representar, no desenvolvimento da sua ideação. Nas suas eruditas e interessantes notas a esta *Vida* diz a Sra. D. Carolina Michaëlis, a meu ver com toda a razão, que o trabalho de traducção de poemas como o de Camões, de construcção e lingua antiquadas já, revela ao traductor, quando elle é da especie do Sr. Wilhelm Storek, aspectos que nos escapam a nós simples leitores do poeta no original. Da leitura desta « *Vida* » se verifica a exactidão do conceito.

Não podia ser maior a admiração do sabio allemão pelo enorme poeta portuguez; a sua admiração, porém, não é a admiração banal, rapsodica si posso assim dizer, dos que seguem a corrente, aliás cada vez mais avultada, do preito que toda a humanidade culta rende ao maior dos épicos modernos, mas uma admiração



fundada no estudo critico mais acurado por que já passou o poeta. E não é só o maior dos épicos desde Virgilio que em Camões reconhece o Sr. Storck, mas um dos maiores lyricos de todos os tempos. « Sem me expôr, diz elle, a contradicções fundamentadas de qualquer critico, posso sustentar: que Camões não só excede todos os lyricos do seculo XVI, de qualquer nacionalidade que sejam, pela quantidade, variedade e importancia das suas poesias, mas hombraia com os vultos mais eminentes de todos os tempos e de todos os povos, tendo o seu lugar marcado na primeira fila ».

Si esta legitima estima por Camões jámais prejudica o senso critico do seu eminente traductor e biographo, alguma vez o leva a contestar factos imputados ao poeta, e actos seus, sem razões mais solidas que o alto conceito que do seu genio tem. Assim não lhe soffre a sua veneração — e o termo é do mesmo Sr. Storck — por Camões, o que corre na lenda, na tradição e na biographia da sua vida desregrada, de bohemio de genio, ou antes de fidalgo valentão, de soldado do tempo, Tambem os amores de Camões com Barbara, a preta, ou crioula, como nós Brasileiros diriamos, gôense; si não os nega o Sr. Storck, porque impossivel fôra negal-os, offendem os seus preconceitos germanicos.



Entretanto, para quem conhece o portuguez mais que da sua literatura — e é esta talvez a unica falha notavel do critico —, nada mais natural e aceitavel que esses amores de Camões pela bella — devemos suppôr, e elle mesmo o diz, que era bella — captiva que o tinha captivo. Mal sabe o Sr. Storck como esse sentimento é tão portuguez!

Não chega, porém, este sentir do critico allemão a desvairar-lhe o juizo que por mais sympathico que seja é sempre esclarecido; integro e justo.

« Na vida de Camões, escreve elle no seu prologo, ha poucos factos documentados. Foi com tradições e conjecturas que os estudiosos tentaram preencher as lacunas, e ainda hoje procedem do mesmo modo ». Esta nova *Vida* de Camões pelo Sr. Storck ainda é grandemente conjectural. Apenas, com um solido e vasto saber não só de Camões e de quanto directa ou indirectamente lhe é relativo, mas da historia da literatura e da nação portugueza, e com segura intuição e sciencia critica, o professor allemão submete a uma analyse miuda, circumstanciada, rigorosa, conforme os habitos da critica allemã, aquellas tradições e conjecturas, aceitando e reforçando as que lhe parecem fundadas, contestando, refutando, destruindo as que se lhe afiguram carecedoras de certeza ou



probabilidade, e apresentando por fim resultados ou hypotheses novas. Nem todos os resultados e hypotheses a que chegou, me parecem não só accitaveis, mas bem fundados; entre esses, lembro de passagem o que se refere ás relações de Camões com D. Antonio de Noronha, de quem fez o poeta, apenas saído dos estudos de Coimbra, preceptor, e a que faz de Anna de Sá, não a mãe, como a consideraram até aqui todos os biographos, e como a dá um documento authentic, mas a madrastra do poeta. Outros pontos ha em que a argumentação do novo historiador de Camões não logrou convencer-me, embora me fizesse vêr mais claramente o que ha de incerto e impreciso, e até de errado, nos antecedentes biographos do poeta, como o Visconde de Jorumenha e, principalmente, o Sr. Theophilo Braga, cuja obra sobre Camões parece, a crermos o Sr. Wilhelm Storck, e a sua sciente traductora e commentadora, D. Carolina Michaëlis, tem muitas inexactidões e hypotheses gratuitas. Apontal-os e discutil-os, quando para tanto me não faltasse qualidade, excederia os razoaveis limites deste estudo. Prefiro dar ao leitor o resumo da consideravel obra do Sr. Storck, tarefa que elle tornou facil summariando no fim de cada capitulo os resultados a que chegou.

Comoça o seu trabalho o professor allemão



por um « exame critico das fontes para a vida de Camões ». Declara elle que « não ha fontes puras e caudalosas em que haurir datas para a vida » do poeta : « só as ha parcas e turvas ». As primeiras são ao seu parecer as mesmas obras de Camões. Estas, com excepção dos *Lusiadas* e de mais quatro ou cinco poesias, foram quasi todas recolhidas e publicadas depois da morte do poeta. Collectores e editores não andaram sempre bem nesta tarefa. « No meio das seiscentas poesias, attribuidas a Camões, diz o Sr. Storck, ha cento e trinta (138 exactamente, precisa elle adiante) que não são camonianas, mas pertencem a trinta poetas diversos, em cujo nome existem, parte em impressos, parte em manuscriptos. E' sómente o « quasi meio milheiro » de poesias authenticas de Camões, aceitas como taes « sem discrepancia alguma dos criticos », que o biographo do poeta deve aproveitar e de que o critico allemão se serviu nesta reconstituição da vida de Camões. O segundo lugar das fontes cabe aos raros documentos, « de carácter official quasi todos, que se referem ao poeta ou a parentes delle, e que são synchronicos dos acontecimentos ahi tratados ». Ainda « com estes é preciso cautela ». São vinte e quatro, dos quaes dous, allegados por Faria e Souza, e nunca mais vistos por ninguem, são talvez apocryphos. Occupam o



terceiro lugar das fontes os tres contemporaneos do poeta, Luiz Franco Corrêa, Manoel Corrêa e Diogo do Couto, que aliás d'elle deixaram apenas curtas e vagas noticias, apesar de, escrevendo quando já elle era morto e celebre, dizerem-se seus amigos.

Depois de umas *Lembranças* attribuidas a Diogo de Paiva de Andrade, com as quaes fez obra Camillo, em 1880, que não inspiram confiança ao nosso critico, e que seriam, na ordem de data, a quarta fonte, vêm os primeiros biographos de Camões: Pedro de Mariz, Manoel Severim de Faria e Manoel de Faria e Souza. Destes, só do segundo diz bem o Sr. Storck, sendo que ao terceiro, Manoel de Faria e Souza, aliás o mais copioso dos primitivos biographos de Camões, accusa-o francamente de falsificador e embusteiro, no que o acompanha a sua insigne cõmentadora, D. Carolina Michäelis. Os biographos posteriores são considerados no decurso da obra, e, como os primeiros, criticados, refutados ou aceitos, conforme o criterio do autor.

Vejamos, porém, o que na vida do poeta de mais essencial apurou o seu novo e mais recente biographo.

Luiz de Camões descende de uma familia illustre e abastada da Galliza. Sem solução de continuidade se chega, seguindo a linha dos



seus ascendentes, até o meiado do XIV seculo, isto é, até ao quarto avô, Fernam Garcia de Camanho. Este é pai do afamado poeta Vasco Pires de Camões, dos trovadores galecio-portuguezes, inculcado fundador de uma nova escola lyrica. E' este Vasco Pires de Camanho ou Camões quem, foragido da Galliza por motivos politicos, funda a familia portugueza dos Camões, por cerca de 1370. D. Carolina de Vasconcellos, a meu ver com procedencia, rejeita a filiação de Vasco Pires de Fernam Garcia, e acha prudente começar a genealogia de Camões com Vasco Pires. Primeiro opulento e depois apenas remediado, por sorte do partido que em Portugal tomára, Vasco Pires deixou dous filhos e uma filha. O filho segundo, João Vaz de Camões, teve um filho, Antão Vaz, que casou com D. Guiomar Vaz da Gama, dos Gamas do Algarve, dos quaes procedia o grande navegador portuguez, futuro heróe dos *Lusiadas*. Assim o autor do feito épico da viagem ás Indias e o seu cantor, eram parentes e consanguineos, sendo Luiz Vaz de Camões, o illustre poeta, neto de D. Guiomar. Antão Vaz teve dous filhos, Simão Vaz, pai do poeta e Bento, ao depois D. Bento de Camões, prior do mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, posição no tempo da maior importancia. Simão Vaz casou, talvez no terceiro decennio do seculo XVI, com



Anna de Macedo, de familia de média fidalguia.

O alto espirito de Camões não fez jámais grande cabedal da sua illustre ascendencia, embora alluda de ora em quando á sua nobreza; tão pouco dava maior importancia ao só factó da fidalguia desacompanhada dos meritos pessoais, e deste sentimento dão exemplos em trechos de suas obras o Sr. Storck e D. Carolina Michaëlis, sendo frisante o da estrophe 95, canto VI, dos *Lusiadas*. Alguns biographos, como o Sr. Theophilo Braga, e ainda Camillo Castello Branco, quizeram identificar ao Antão Vaz, companheiro de Vasco da Gama e depois commandante de uma caravella na India (si os dous são o mesmo) o avô, de igual nome de Camões. Esta conjectura racionalmente a rejeita o Sr. Storck.

O pai de Camões, Simão Vaz de Camões, esse sim, serviu na India, e o que se apura, segundo o Sr. Storck, dos progenitores do poeta é o seguinte: « Simão Vaz nasceu em Coimbra; herdou ali uma vivenda e o título de cavalleiro-fidalgo. Casou provavelmente no primeiro lustro do segundo decennio do seculo XVI, com Anna de Macedo, a qual morreu pouco depois, ao dar á luz o seu primeiro e unico filho Luiz Vaz; contraiu segundo matrimonio com Anna de Sá, embarcou para a India, servindo o seu monarcha, como capitão de navio; naufragou á



vista de Gôa, e ficou salvo, morrendo pouco depois na metropole da India ».

A maioria dos biographos de Camões, seguindo a Manoel Corrêa nos seus *Lusiadas commentados*, dão Lisboa como terra natal do poeta. Sabe-se que tambem Alemquer, Santarem e Coimbra se disputam a gloria de o terem visto nascer. O Sr. Storck decide-se por Coimbra e a esta cidade, « onde o poeta nasceu e se criou », dedicou o seu livro. « O que me move, diz elle, a decidir o pleito sobre a naturalidade de Camões a favor de Coimbra, é em primeiro lugar o facto de o livreiro da Universidade Domingos Fernandes affirmar positivamente em letra redonda (na dedicatoria das *Rimas* de Luiz de Camões, por elle editadas á sua custa em 1607 e dirigidas áquelle inclyto estabelecimento) que o Camões nasceu, se criou e estudou na cidade do Mondego, sendo portanto coimbrão « por nascimento e criação, por officio e por obrigação » — e isso antes de Mariz, Corrêa e Severim se terem pronunciado ». Si é impossivel, como reconhece o Sr. Storck, *provar com documentos* a veracidade das asserções de Domingos Fernandes, decide a questão, ao ver do nosso critico, o facto da residencia da familia de Camões em Coimbra durante seculos; a affeição constante do poeta por essa cidade e finalmente os versos autobiographicos da quarta



canção. Esta parece-me uma das mais bem fundadas conjecturas do Sr. Storek.

Tambem a data do nascimento de Camões é incerta. Juromenia e o Sr. Theophilo Braga assentaram-na no anno de 1524. Depois de examinar as differentes opiniões sobre este ponto, conclue o novo biographo de Camões que « o anno do nascimento do poeta não pôde hoje ser determinado com absoluta certeza, e muito menos pôde ser authenticado. Mas, segundo todas as probabilidades, Camões nasceu em meiado do terceiro decennio do seculo XVI ».

Da infancia de Camões conjectura o Sr. Storek que, tendo perdido a mãe, Anna de Macedo, ao nascer, « foi criado por uma ama levisiana e apaixonada (?); educado por uma bondosa e solícita madrasta (Anna de Sá, segundo a sua hypothese); influido por um meio primo teimoso, sobranceiro e valentão (Simão Vaz Junior), arruaceiro famoso, que tinha o mesmo terceiro avô, Vasco Pires de Camões, que o poeta, gozando depois a protecção de um tio, sacerdote douto, veneravel, ascetico, fradesco, em alta posição » (D. Bento de Camões, prior geral dos Conegos Agostinhos e depois Cancellario da Universidade). Dos estudos de Camões, acha o Sr. Storek que elle frequentou um dos Collegios de Santa Cruz de Coimbra (annexos á Universidade, segundo a moda medieval e



ainda hoje em pratica na Inglaterra), o Collegio de S. Miguel, teve nelle trato mais ou menos intimo com fidalgos de alta linhagem que o frequentavam, distinguu-se ali, ignorando-se quando começaria a cursar os estudos e tambem si já poetava. Durante algum tempo frequentou a Universidade, aprendeu linguas, leu assidua e proficuamente obras gregas, sendo verosimil que as lesse no original, e em latim antigo e moderno, em portuguez, hespanhol e italiano, especialmente poesia; adquiriu solidos conhecimentos de historia geral e patria; e apesar de muito affeçoado á musa popular e conhecer contos, lendas, cantigas, romances e tradições nacionaes, seguiu nos seus primordios poeticos a nova escola classica de Sá de Miranda. Apaixonou-se nesse tempo, desaveio-se com seu tio o austero frade, deixou a Universidade sem haver tomado graus, e saiu de Coimbra, « cedendo ao impulso juvenil de correr por esse mundo fóra, peregrinando! » Em Lisboa, para onde foi, não achou nem amigos nem protectores. Calcula o seu biographo allemão « que entrou em Xabregas nos paços de D. Francisco de Noronha como aio de seu filho D. Antonio, no anno de 1543 ». Esta conjectura do Sr. Storck, já o disse, me parece inteiramente destituida de fundamento, e não posso admitir, sem provas ou razões mais convincentes que as suas, que



por aquelle tempo um fidalgo portuguez dêsse como preceptor a seu filho um rapaz de vinte e poucos annos, que nem ao menos era bacharel, em vez de um padre ou um frade, segundo a regra geral. Póde ser que Camões estivesse algum tempo na casa dos Condes de Linhares, mas não seria como aio ou preceptor do seu morgado. Nessa casa, segundo o Sr. Storck, teria elle adquirido um bom cabedal de conhecimentos praticos, assim como as regras de bem-viver; aproveitado da sua rica livraria, augmentado os seus conhecimentos, privado com um homem que estanciára pela primeira còrte da Europa, a de França, e relacionado com os fidalgos parentes e amigos da casa, a cujos serões foi admittido. Tambem ahi compõe algumas comedias, em que faz o papel principal, e entra, emfim, na vida da sociedade e do galanteio, não tendo, porém, ingresso nos paços reaes.

Dos famosos amores de Camões apurou o Sr. Storck que a sua amada foi « D. Catherina de Ataide, filha de D. Antonio de Lima e de sua esposa D. Maria Boccanegra », nascida por perto de 1530, vista á primeira vez por elle na sexta-feira santa de 1544, provavelmente pouco tempo depois de ser dama do paço, e que morreu solteira, no primeiro quartel de 1556. Como se vê, das tres Catherinas que os biographos davam



como as amadas do poeta, D. Catherina de Souza, filha de D. Alvaro de Souza, mordomo-mór ou vedor da casa da Rainha; D. Catherina de Ataíde, filha do segundo Conde de Vidigueira, e, portanto, ainda aparentada de Camões, e finalmente, D. Catherina, filha de D. Antonio de Lima, que foi mordomo-mór de D. Duarte, é esta ultima que, com bom motivos, considera o Sr. Storek como a Natércia dos seus cantos. Camões era um temperamento ardente e arrebatado, mostrou-se indiscreto nos seus amores, deu escandalo ao paço, onde acabára por entrar, e tal seria que por isso foi desterrado de Lisboa, em principios de 1549, tendo a sua entrada nos circulos da côrte sido por 1544 ou 45. Esse desterro passou-o parte no Ribatejo, parte em Ceuta. Por necessidade, por não ter outro meio de vida, alistou-se como soldado para a Africa, onde « portou-se exemplarmente, combateu com bravura em varias escaramuças e perdeu um dos olhos ». Qual foi, se não sabe; os seus mais antigos biographos, como os seus retratos, divergem. Ao fim de dous annos, no outono de 1551, estava de novo em Lisboa, onde permaneceu até á primavera de 1553, em que parte para a India como soldado raso, infamado por um crime de offensa physica e humilhado por um perdão obtido da victima. As conjecturas com que o Sr. Storek procura encher este



lapso de tempo da vida de Camões, não calaram no meu animo, como não tinham calado antes os romances com igual fim dos Srs. Theophilo Braga e outros biographos. Acho melhor confessar que delle não sabemos nada, sinão que acutilou com uma estocada no toutiço a um sujeito do paço, que foi por isso preso no tronco de Lisboa e de lá saiu perdoado para embarcar para a India. Repugna ao Sr. Storck crer que nesse tempo vivesse Camões de expedientes pouco dignos; a mim não, e creio bem que Camões fosse o brigão, jogador e tunante da lenda ou da tradição. Pauperrimo e desamparado, elle não teria remedio sinão o ser. O parasitismo era largamente praticado então; não custa acreditar que esse expediente o ajudasse a viver. O que é certo é que a fatalidade e miseria dessa vida não lhe corromperam ou degradaram a grande alma. Essa resistiu a tudo. Dos transes e das amarguras por que então passou, restam provas sentidissimas nos seus cantos, apontadas pelo Sr. Storck.

Em 26 de Março de 1553, embarcado na não capitanea *S. Bento*, parte Camões para a India. Acredita o Sr. Storck que a idéa de um grande poema nacional lhe acudiu cedo, primitivamente sob a fórma de uma narrativa historica em verso, um poema da historia nacional. « Durante os cinco annos de canseiras, maguas, cui-



dados e desgostos que precederam a expatiação, Camões não esquecera, mas puzera de parte os *Lusiadas* »; mas « o proposito de cantar os feitos heroicos de seu povo e da patria, tomou commo fôrma decisiva, e *amadureceu* durante os seis mezes de vida no oceano ». — « E' nessa longa viagem que « a epopéa historica, de que já existiam (eu preferiria escrever *existiriam*, e mesmo pôr-lhe um « talvez ») os cantos III e IV », transforma-se em epopéa maritima e « a descoberta da India é escolhida para nucleo do poema ». Camões chegou a Gôa em principios de Setembro. Em Gôa, com os recursos da sua soldada, viveu bem, de commum com alguns camaradas. De positivo nada se sabe. Ao Sr. Storck repugna crer se visse Camões obrigado á frequencia e vida da gente vil, sem pundonor, nem brio. Eu penso que elle viveria a vida desregrada do soldado reinol na India, segundo a descrevem os chronistas contemporaneos.

Não me é possivel seguir de perto a nova biographia de Camões, do bem informado Sr. Storck. Miuda como é, eu mal poderia dar ao leitor, no espaço de um estudo, em succinto epitome que fosse, os resultados, infelizmente ainda pela maior parte conjecturaes, a que chegou o esclarecido critico allemão, cuja obra na edição portugueza é realçada e melhorada



pelos commentos eruditos e finas observações criticas da Sra. D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos. A esta senhora, de naturalidade allemã e esposa do erudito portuguez Sr. Joaquim de Vasconcellos, já devem a nossa lingua e sua literatura eminentes e inestimaveis serviços. A sua edição critica das poesias de Sá de Miranda, o grande lyrico quinhentista, é sem antecedente e sem igual nas letras portuguezas. Em nossa lingua ou em allemão, tem tambem D. Carolina de Vasconcellos publicado estudos altamente estimados pelos competentes sobre Camões e questões camoneanas, e sobre outros typos e assumptos da historia literaria de Portugal.

Traduzindo este livro do eminente camonista, seu compatriota, promette-nos D. Carolina de Vasconcellos um segundo volume de commentarios, estudos e observações suas sobre a vida e obras de Camões, que lhe não couberam embaixo das paginas deste. Até agora não realizou a sua promessa, que, effectuada, deve ser de grande alcance para os estudos de Camões. Pontos ha dos seus desaccordos com o Sr. Storck que deixam o leitor curioso de conhecer mais longamente os motivos e fundamentos das suas divergencias.

Sobre as malversações de Camões como Provedor-mór dos defuntos e ausentes de Macáo, tão accentuadas pela malignidade de Camillo,



as conclusões do Sr. Storck são favoráveis á boa reputação do poeta ; mostra elle que Camões não fôra arguido de peculato e que a sua fama de funcionario ficára immaculada.

Esta *Vida de Luis de Camões* do Sr. Wilhelm Storck não é ainda a biographia exacta do soberano poeta, — nem essa biographia se poderá talvez jámais escrever ; mas é o que de melhor apurado até agora ha sobre a sua existencia atormentada e infeliz. Bemaventurada desventura, sem a qual não teriamos talvez os *Lusiadas* e a obra lyrica, uma das mais sublimes expressões que já de si deu a alma humana.



VII

OS CONTOS

DO SR. DOMICIO DO GAMA

Historias Curtas, por DOMICIO DA GAMA, Francisco Alves, editor, Rio de Janeiro, 1901.

E' de alguma cousa distincta, differente, e, por alguns aspectos, talvez os mais estimaveis, superior, a impressão que nos fica destes contos do sr. Domicio da Gama. Entre os nossos escriptores, tão abundantes e copiosos, apezar da infundada queixa da escassez da nossa producção litteraria, tem o sr. Domicio da Gama um merito peregrino: é um escriptor sóbrio, não só no volume, mas no teor da sua obra, rara e, como quer que seja, exquisita. Com mais de vinte annos de jornalismo e de litteratura, o sr. Domicio da Gama não tem mais que um



livro, que é ainda este das *Historias curtas*, no qual repoz o seu primeiro de *Contos a meia tinta*, refundindo-o, e accrescentou novos.

Creio que elle poderia, com o que tem esparso por jornaes e revistas e com o que guardará ainda na gaveta, publicar mais dois ou tres; que é isso, porém, para um escriptor de vinte annos de officio? Na folha de anteposto do seu livro se não vê notado nem o antigo volume publicado, nem os que intenta publicar ou escrever, rasgo de bom gosto largamente destoante dos costumes literarios indigenas, e que noto menos por censurar o veso contrario que por vêr nelle mais um signal do temperamento de escriptor do sr. Domicio da Gama. Elle pertence, cuido eu, aos espiritos de eleição, em toda a parte verdadeiramente raros, que têm, e conservam sempre, mesmo em plena actividade literaria, com o gosto forte das letras, um certo e recatado pudor da publicidade. Nunca satisfeitos consigo mesmos, e, simultaneamente, com um justo sentimento da seriedade da obra literaria, do que ella vale pelo que lhe puzeram de sinceridade e amor, não é jamais sem um calafrio de temor, sem uma secreta repugnancia, que a entregam á curiosidade banal ou malevola, indifferente ou boçal do publico. Esses escrevem muito para si, e um pouco para um minguado publico, que



elles quizeram, fosse-lhes possivel, resumir. Alguns se tem visto que nunca chegaram a publicar o que ás occultas escreveram, num temor quasi angustioso da publicidade; outros dispersaram em conversas e correspondencias intimas o que havia nelles de força literaria. Ha talvez alguma cousa destas feições espeziaes, e a mim grandemente sympathicas, no sr. Domicio da Gama. Estou que lhe repugna prodigalizar-se, divulgar-se.

Dahi não só a escassez da sua produccão, mas ainda a sua mesma sobriedade e distincção. Pouco se lhe dá seguramente de ser o autor de muitos livros; contentar-se-ia em ser o escriptor de algumas paginas que sobretudo o contentassem a elle. Nem vai neste anhelos immoestia ou presumpção, que quando um escriptor honesto, de todó isento da vulgar cabotinagem literaria, é difficil comsigo mesmo, ninguem o julga com mais severidade, que elle proprio.

Si este estado de espirito de um escriptor dá em geral á sua obra uma feição de refinamento e fidalguia, tira-lhe tambem alguma cousa da communicabilidade, da sympathia sem a qual aquella, embora superior sob o aspecto da belleza literaria, perde muito da sua acção, ainda esthetica. E' o caso de Merimée, do sr. Machado de Assis e de alguns



outros grandes escriptores, e eu temo não venha a ser o caso do sr. Domicio da Gama.

Antecipando-se talvez a reparos que neste mesmo sentido lhe podiam fazer os seus leitores, o sr. Domicio da Gama poz a estes seus contos, sob a fórma de « nota para o seu melhor leitor » um prefácio em que diz de maneira deliciosa o seu pensamento de escriptor. Creio que elle viu bem em si mesmo, e é sincero e leal na definição do seu temperamento literario e da sua esthetica. Mas a correccão, *post facto* que faz das suas intenções de artista e a interpretação que dá da sua obra, só mostram que, com a sua fina intelligencia, comprehendeu o que nessa obra havia de abstracto, mesmo de estreito, e ainda de obscuro. Elle, declara-o; não a quizera fazer pessimista, mas, reconhecco, ella lhe saiu pessimista; fôra seu desejo, diz-nos, fazel-a impessoal, mas elle proprio tem o sentimento de que o não conseguiu. Confessa que não sabe escrever sinão para os que conhece e só para elles escreve; para os que vivem no seu pensamento em vulto bem nitido, povoando-lhe a memoria, enchendo-a de figuras, de gestos familiares, de vozes caras, que lhe discutem os conceitos e as suas fórmas, que lhe insufflam coragem e lhe influem a confiança que lhe falta, que o sacodem e despertam para a lida, que são a razão de ser do



seu trabalho e que nunca o abandonam ao desconsolô da solidão affectiva, como elle diz.

Nem isso é — ainda bem, ou ainda mal, não sei — um privilegio seu. Aliás, elle mesmo o reconhece, attribuindo-o geralmente aos que, com tão boa expressão, chama « escriptores de meia força ». Quasi todos, penso eu, a não serem talvez as excepções dos genios « cujo arranco dá para transpôr até as barreiras das linguas », ou aquelles que sendo de meia ou ainda de quarto de força presumem demais de si, escrevem pensando num certo numero de leitores, para os quaes principalmente escrevem. Mas o sr. Domicio da Gama, talvez por um excesso de recato de artista, que é raro, mas existe, por aquelle receio de prodigalizar-se, e, portanto, de vulgarizar-se, de que falei acima, limita ainda esse numero de amigos, de conhecidos, diz elle, concretizando-os, e diminuindo-o mais. Não discutirei o que esta limitação pôde ter de prejudicial ao escriptor e de funesto á sua obra, e á acção que toda a obra, para não ser van, deve ter sobre as almas. Si uma grande sympathia basta para poder ser dos conhecidos para quem escreve o sr. Domicio da Gama, eu reclamo um lugar entre elles, pois nenhum aprecia mais o seu talento nem acompanha com mais satisfação o seu trabalho literario. Apertando propositalmente o circulo



do seu publico, acaba o sr. Domicio por ter a illusão de estabelecer entre si e os leitores para os quaes escreve, uma corrente de sympathia, uma especie de suggestão á distancia, que os ponha em communhão e confidencia com elle. E fiando de mais na sympathia como elemento de intelligencia, não evita que o seu pensamento, ou a sua emoção, não lhe saia obscuro, como lhe sai ás vezes a sua frase, abstracta, como frequentemente é a sua imagem, com apparencias, reconheço, de rebusca e requinte; e tão pouco evita que tal não pareça aos mesmos em quem talvez pensasse escrevendo. E' ao que o horror, de alguma sorte um pouco morbido, da banalidade, o amor indiscreto da originalidade, leva hoje até alguns excellentes espiritos literarios. A psychologia em que elles se comprazem, tem as falhas e obscuridades da mesma materia que trabalham, a alma humana, cousa de si largamente fallaz e profundamente obscura, principalmente nos recantos que elles pretendem penetrar com a sua analyse. E como é ao cabo limitada e simplista essa analyse, ainda a que se presume mais esnuçadora e perspicaz, comparada á complexidade da materia analysada!

O abuso da analyse deprime ou sécca, no artista como no homem, os elementos da emoção sympathica. O habito da analyse, po-



rém, é inseparavel de certas naturezas; o gosto de conhecer o fundamento das cousas e comprehender o homem e os seus actos, de explicar uns e outros, domina absolutamente certos espiritos. Esse gosto, com o talento que lhe deveria sempre corresponder, o sr. Domicio da Gama o tem. Elle, porém, é um escriptor, mesmo nestas cousas de imaginação e fantasia, de boa fé e, ainda sem conhecê-lo eu teria talvez percebido, de alma affectuosa. Diz elle que « quiz escrever um livro que, si não forte e saudavel, fosse ao menos impessoal, sem sombra pessimista nem desencanto nascido da contemplação prolongada da vida e dos seus vãos cuidados. » Mas relendo as paginas agora colligidas verifica « que em tantos ensaios de estylo apenas falam em conclusão implicita a philosophia pessoal e a consequente amargura. » E' que é quasi impossivel contemplarmos de perto e no fundo a vida sem trazermos nos olhos uma visão de descontentamento e dôr. Sente-se naquella confissão do escriptor a affectuosidade, o bom sentimento humano, que inspirou as paginas encantadoras do seu prefacio. Elle quizera com ellas fazer *amende honorable* do seu desencanto de psychologo, da sua amargurada desillusão de observador. Chame-se embora ao estado d'alma do contador das *Historias curtas* « de exacerbação da sensibili-



dade moralista, » o facto da impressão pessimista e desenganada não é menos evidente. Corrige-a, porém, e era escusado nos dissesse o autor, « a compaixão pela miseria do desejo não contente, sentimento caridoso, que exclue a dureza rigorosa do julgamento ». Que exclua também o pessimismo, como elle accrescenta, não concordo tanto. Sómente, com as suas explicações, o pessimismo da sua obra se alarga ou se modéra fazendo-nos sentir que o sorriso ironico do escripto disfarça talvez uma lagrima do homem. Nem todos, acaso, o perceberiam sem as suas explicações, pelo que foi bom que as dêsse; essas explicações têm, porém, uma outra significação: é que porventura se está fazendo no talento amadurecido do sr. Domicio da Gama uma evolução que nos promete um conceito mais amplo e, estou em dizer, mais intelligente da vida, e uma mais completa e mais justa expressão della. Não lhe será um livro impossivel, e será verdadeiramente humano, o livro em que, sem necessidade de explicações, nos mostre « toda a anciosa preocupação do bem, e a incerteza dos fins e a agonia de não haver remedio para as penas cujo consolo não póde vir de fóra ».

O sr. Domicio da Gama não acha as scenas da vida tão interessantes que valha a pena descrevel-as só por amor de nol-as representar.



O que lhe interessa nellas é a significação que lhes descobre, e não o seu aspecto exterior. Não é um descriptivo. Não ama a paisagem por si mesma, si não como o meio e ambiente das creaturas cujos feitos nos conta, ou cujas almas nos explica. Os seus contos são explicações concretas, illustrações, como diriam os inglezes, dos seus conceitos de psychologo, sem de maneira alguma tomarem a fôrma de apologos. Apenas o contador lhes põe a moralidade ou a doutrina em geral no começo, dando á sua narrativa um feitio de demonstração de uma these preestabelecida, como em geometria. É de notar em seu louvor que o processo, menos um processo que uma feição intima do escriptor, não diminue em nada o côrte eminentemente literario da sua obra. O conto *Uma religiosa besta* começa assim : « Conversa de ociosos letrados, por pouco que se alongue, vai ter ás generalidades vagas e fugintes, ás questões sociaes ou moraes, onde as opiniões se espraíam e repartem como as aguas de um rio num delta pantanoso. E o estadô de espirito dominante na hora e no grupo se revela na preferencia do assumpto da discussão, que cerra-se afinal sobre pontos improvaveis — a discussão favorita dos beocios. » A *Canção do rei do Thule* : « A sensação da harmonia é muito difficil de explicar. Ha casos em que ella se



obtem por afinação — e é a normal, que se póde definir como um effeito de convergencia psychologica. Ha outros em que ella se opéra por contraste, por anteposição, sinão por opposição de elementos emocionaes que se chocam — e é como o resultado de reacções mutuas, complicadas, producto de uma dynamica obscura e mais prestigiosa por isso .. ». A *Psychologia corrente* : — ... « As illusões sentimentaes, as illusões poeticas da vida, são feitas de ignorancia e de desejo. Notem bem que o desejo é sempre a determinante da illusão : elle é quem se aproveita da nossa ignorancia para afeiçoar a realidade á imagem dos nossos sonhos. Para as necessidades affectivas e estheticas do homem as illusões são preciosas e mesmo quem corre o risco de as perder é mais feliz do que o que as não possui. Entretanto, ha gente cujo officio no mundo parece ser o de destruidor das illusões alheias... » *Contente* : « Todo o homem tem a sua impostura, sympathica ou antipathica, perversa ou innocente, conforme o fundo do sonho pessoal de que ella se originou. Tambem os limites são pouco definidos entre a mania innocente e a impostura orgulhosa. »

E do mesmo modo, ou de modo parecido, começam outros contos do livro, mostrando no escriptor, e certo não é intencional esta sua maneira, o moralista. Dahi talvez uma sensi-



vel abstracção das suas ficções, augmentada por um estylo pouco concreto, sem pittoresco, ou com o pittoresco absorvido numa preocupação de raciocinio.

Esse estylo, e o deixam vêr os trechos citados, tem por principaes qualidades a distincção e a sobriedade, não lhe falta até, em algumas paginas, uma voluptuosidade discreta; indica bem o trabalho mental de curiosidade, de analyse e de percepção do contador, mas noto com pena que nem sempre tem a correcção, a clareza e a naturalidade vernácula, que réputo qualidades indispensaveis no escriptor.

Os contos do sr. Domicio da Gama são casos de consciencia, narrações de estados d'alma, exposições de rasgos sentimentaes, abundantes de idéas e de sensações raras. Curtos, apertados, têm em geral uma exquisita intensidade de emoção, si bem que ás vezes prejudicada pela subtiliza demasiada do pensamento que, como certas maneiras do seu dizer, nem sempre é bastante claro. Mas a sua emoção não é em geral a da sensibilidade, tem sempre mais de intellectual que de verdadeiramente sentimental e vindo após um processo analytico, explicativo, commove-nos menos do que impressiona e desperta a nossa reflexão. Fica-nos da sua leitura um resaibo de amargura, apenas temperado pela sensação de belleza que nos



dão e pelo sentimento, que ao cabo também o contador experimenta: a pena dos casos que nos conta.

Nenhum ha que não seja interessante e suggestivo. *Possessão*, todo em dialogo, um drama pungente, simples e acaso vulgar, alcança na suas dez pequenas paginas uma rara potencia de expressão. *Só*, um caso talvez commum no casamento, não tem menos intensidade, nem é menos doloroso. *Maria sem tempo*, a historia daquella pobre mulher do povó « que morreu de ser mãe », de outro genero, misturando alguma cousa da nossa paisagem e da nossa vida sertaneja ao drama doloroso de uma existencia miseravel, e tragico sem embargo da obscuridade da protagonista, é mais commóvente do que porventura o quiz o autor fazer. Não menos doloroso, na sua fórma de analyse subtil, é *Um poeta*, aquelle rapaziinho que « morreu ignorando a pena de morrer, como quem repousa do mal de viver antes de ter vivido. »

Em summa, e qualquer que seja o valor dos meus reparos e reservas da esthetica e da maneira do escriptor, um livro distincto, que sai da vulgaridade corrente sem roçar sequer a extravagancia, um livro que se destaca no monte da nossa novella por qualidades não communs de concepção e de expressão.



ARCADIAS E ARCADES BRAZILEIROS

Acaba o sr. Theophilo Braga de publicar mais um volume, o vigesimo, da sua obra, pelas proporções verdadeiramente monumental, *Historia da literatura portugueza*. Começando-a em annos verdes, num espirito de combate e polemica, com precipitação que o enthusiasmo juvenil da producção explicava, si não desculpava, e a pressa incompativel com trabalbos de erudição, saiu-lhe essa obra no seu primeiro jacto cheia de graves defeitos, postos de manifesto, muitas vezes com acrimonia e malevolencia, pela critica portugueza e estrangeira. Desde algum tempo entrou o laborioso escriptor a refundil-a, aproveitando estudos mais acurados e os resultados da critica feita ás suas primeiras edições. Assim reformada, ganhou, no



que respeita ao menos á copia e exactidão das informações, valor incontestavel, quaesquer que sejam os senões que se lhe possam ainda notar. Tambem as novas partes della, publicadas depois que o sr. Th. Braga começou este trabalho de refundição, e fruto de mais demorados estudos e de mais maduro juizo, são, sob aquelle aspecto, o mais relevante em obras taes, superiores ás primeiras, dadas á luz ha mais de vinte annos já.

Pertence a estas porções novas o seu ultimo livro *Filinto Elysio e os dissidentes da Arcadia*, grosso volume de mais de 700 paginas (Porto, Lello Irmão), do qual mais de um terço é consagrado á Arcadia Brasileira. Desde muito, (*Estudos brasileiros*, primeira série, 1889), e mais de uma vez depois; reconheci de boa mente os bons serviços prestados ás nossas letras pelo sr. Th. Braga, e bem assim a isenção e sympathia reveladas a nosso respeito, quando na sua obra acertava de occupar-se de cousas nossas. Com a mesma competencia, as mesmas disposições se mostram em toda a extensa parte neste seu novo livro dada aos poetas brasileiros do fim do seculo XVIII. Mas o que sobretudo valoriza singularmente o seu trabalho aos nossos olhos, é ser sem duvida o mais completo, o mais seguro de vistas, o melhor informado dos que até agora appareceram



sobre a chamada Arcadia brasileira e seus membros. Não que seja exaustivo, ou que não possa ser accrescentado ou melhorado. Do ponto de vista brasileiro, será possível fazel-o, e o mesmo sr. Th. Braga poderia servir de guia a quem porventura quizesse desenvolver e aprofundar especies apenas tocadas ou indicadas por elle, que revelou a existencia nos archivos portuguezes de materiaes dos quaes sómente aproveitou o indispensavel á feição da sua obra, feita do ponto de vista portuguez, e portanto sem necessidade dos desenvolvimentos que o ponto de vista brasileiro requereria. No actual momento, porém, é o seu trabalho a todos os respeitos o melhor que sobre o assumpto existe, e lhe devemos por isso graças.

A primeira questão que acóde á leitura dessa parte do seu livro é si de facto existiu no Brazil uma corporação de poetas denominada Arcadia, Arcadia ultramarina, ou Arcadia brasileira, como lhe chamaram.

Contra a affirmativa do sr. Th. Braga, no seu *Manual de literatura* (repelida aliás no seu *Curso da historia da literatura portugueza*) Camillo Castello Branco negou peremptoriamente a existencia de uma Arcadia ultramarina. « E' cousa que nunca existiu » assegura. (*Curso de lit. portug.* p. 245). Apoia a sua negativa nas opiniões de Norberto Silva, que na sua *Histo-*



ria da Conjuração mineira considera « ideal » essa sociedade « depois de investigar zelosamente si existiu alguma associação de poetas com semelhante titulo, » do conego Fernandes Pinheiro que « está decidido a crel-a imaginaria » e tambem no facto de Pereira da Silva não mencionar a Arcadia no seu livro *Varões illustres*.

Claudica neste ponto Camillo, pois Pereira da Silva faz mais que a mencionar, dá-lhe a existencia como certa e enumera-lhe os socios, como si lhes houvesse lido a matricula, á pagina 338 daquelle seu livro. Varnhagen, em diversos passos do seu *Florilegio*, tem igualmente por averiguada a sua existencia, cuja realidade parece incontrovertida a Wolff e a outros historiadores das nossas letras. Na sua *Historia da literatura brasileira* o sr. Sylvio Roméro nada adianta de positivo sobre essa associação de poetas. Parecendo aceitar-lhe a existencia, o sr. Sylvio Roméro logo a trata de « supposta » e depois de « imaginaria », achando todavia possivel confundil-a, ou identifiçal-a, com a sociedade literaria fundada nesta cidade pelos annos de 1780. Tambem o sr. Th. Braga admite esta identificação, que não me parece aliás muito procedente. Innocéncio (*Dic. bibliog.* VI, pag. 5) opina que a Arcadia ultramarina mudou o nome para « Sociedade literaria do Rio de Janeiro ».



O sr. Th. Braga noticia a existencia que, creio, é o primeiro a revelar, de uma edição, desconhecida a Innocencio, do poema, *As Artes* de Silva Alvarenga, impresso em 1788, em Lisboa, em cujo frontespicio se lê por inteiro o nome daquella sociedade e a indicação de que o poeta era o seu secretario. Afóra este documento, a noticia mais positiva que da sua existencia conheço é a pelo mesmo Alvarenga dada num depoimento da devassa contra elle tirada em 1795, por accusação de inconfidente. Interrogado sobre a existencia de uma sociedade suspeita ao governo, respondeu que no tempo do vice-rei Luiz de Vasconcellos, « de baixo de sua protecção, principiára e houvera uma sociedade de gentes de letras, a qual era composta principalmente de professores de medicina, (« a maior parte dos socios medicos », diz elle em outra parte) na qual se tratava e discorria sobre diversos objectos scientificos, mas que com a ausencia do mesmo vice-rei esmorecera e acabara totalmente a mesma sociedade. » Reinquerido sobre o mesmo assumpto, foram as suas respostas sempre confirmativas da primeira, e dellas se conclue evidentemente a existencia de uma associação de palestras e discussões scientificas e literarias, e não de uma Arcadia.

A sociedade literaria do Rio de Janeiro, de-



nominação nova e original no tempo, deve, portanto, ter sido fundada depois de 5 de abril de 1779, data em que assumiu o governo Luiz de Vasconcellos, e desaparecido depois de julho de 1790, em que elle o deixou.

Fingida ou real, a Arcadia ultramarina existia pelo menos desde antes de 1768, pois nas *Obras* de Claudio Manoel da Costa, publicadas n'esse anno em Coimbra, vem sob o seu nome a menção de « Arcade ultramarino ». Também em 1774, no seu poema *O desertor das letras*, e em 1778, em outro poema seu, *Templo de Neptuno*, dava-se Silva Alvarenga como « Arcade ultramarino », antes pois que para cá viesse o vice-rei Vasconcellos e sob a sua protecção « principiasse » aquella Sociedade literaria, com a qual se quer identificar a Arcadia ultramarina. O sr. Th. Braga identifica duplamente com essa sociedade esta Arcadia e a Arcadia brasileira, que para elle não são sinão dous aspectos diversos de um mesmo facto.

Nenhum dos nossos historiadores e criticos literarios esmiuçou tanto e tão bem como Norberto Silva esta questão das Arcadias. Nas suas edições criticas das obras de Silva Alvarenga, Alvarenga Peixoto e Gonzaga, seguramente as melhores que já se fizeram no Brazil, si exceptuarmos as do sr. Capistrano de Abreu e Valle Cabral, deixou elle apurado quanto se



sabia da questão, até o novo livro do sr. Theophilo Braga, cujas informações na especie pouco adiantam ás do estudioso brasileiro.

O que aqui escreveram sobre a Arcadia ultramarina Silva Maia, Abreu Lima, Cunha Barbosa, Pereira da Silva, e iguaes historiadores sem estudo e rhetoricos sem critica, são como bem diz Norberto « méras supposições ». O conego Januario, que algures se queixa do pouco caso dos contemporaneos em informar dos homens notaveis do seu tempo, apenas deixou de Silva Alvarenga, de quem se ufanava de haver sido discipulo e amigo, a mais pallida e vaga noticia. Confundiu-o até com Alvarenga Peixoto, errou-lhe a naturalidade e lhe não sabia a data do nascimento ou sequer a idade! E são em geral assim as nossas autoridades nestes assumptos.

Com Norberto Silva, não creio se possa admitir a existencia real, pratica, de uma sociedade de poetas com o titulo de Arcadia Ultramarina. De uma tal existencia, além das indicações citadas nas obras de Claudio da Costa e em poemas de Silva Alvarenga, só conheço um documento que a presume, é a *Saudação á Arcadia Ultramarina* por aquelle poeta. Mas essa mesma óde, para ter todo o valor documentario, precisava de ter a sua data authenticada e ser estudada mais de perto, e com vagar que me falta. Com



aquelle titulo saiu á primeira vez na *Collecção das poesias ineditas dos melhores poetas portuguezes*, (Lisboa 1809-1811,) depois no *Parnaso brasileiro* do conego Januario (Rio, 1829-30) e, si não erro, em terceiro lugar no *Florilegio* de Varnhagen, mas com o titulo de *Saudação a José Basilio e outros novos arcades*. Que autorizaria Varnhagem a mudar-lhe a epigraphe por que era tradicionalmente conhecida? Varnhagen, com todo o seu valor, foi, como historiador e critico, um homem de subterfugios, de fazer mysterios e difficuldades de seus achados e descobertas e até das suas fontes, para, acharia elle, dar mais realce e singularidade ao seu saber e opinião. A óde, digna do bom poeta que era Claudio, começa por uma saudação do poeta aos « campos delcitosos » que estão dando os louros mais frondosos á nascente Arcadia em grato estudo ». O poeta descobre esses campos, morada ou lugar (estancia) do pastor Termindo (Basilio da Gama). Chega-lhe uma musica deliciosa. Vê nelles novos pastores. Como entre tristes e grosseiros povos, de nova gala os campos se matizam? pergunta. Quem fórma estas cadencias? Quem produz tão mimosas influencias? inquire. Descobre gravados nos troncos os nomes dos pastores : Briareu, Ninfeu, Eureste. Numa faia mais copada viu o de Termindo, cujo nome o sol



raiano vem, invejoso, primeiro illuminar.

Eterno o nome, eterno o tronco seja.

Quem lhe dá ao poeta ser digno da gloria de ver insculpido o seu nome « na bella Arcadia nossa »? Mas onde ir pôr-se quem habita longe do Tejo e do Mondego, e vive ali no Ribeirão do Carmo? Mas lhe vale o agasalho daquelles pastores, o qual lhe consente que « despertando do silencio antigo » erga « sem vergonha o canto ». Glauceste (era o nome arcadico de Claudio) está com elles e com elles toca a sua « flauta agreste. » E termina dirigindo-se áquelles campos (a Arcadia) :

Em vós, ó campos, cresça

A vegetante pompa

Cresça o verde esplendor, em vós floresça

A murta, o loiro, e na doitada trompa

Do monstro sempre errante,

O nome de *Termindo* se levante.

Realmente, si analysamos este poema, nos parece que elle canta a criação ou nascimento no Brasil, (« entre tristes e grosseiros povos »,) de uma arcadia da qual fosse o primeiro *Termindo*, que é o nome arcadico de Basilio da Gama. Mas quem são aquelles arcades, cujos nomes estavam insculpidos nas arvores : Briareu (ou Driario?), Ninfeu, Eureste? Identificação difficil, sinão impossivel, pois não cabem a algum dos



arcades brasileiros ou portuguezes conhecidos. E' de notar que Ninfeu e Eureste apparecem nas suas poesias italianas publicadas nas *Obras* como « pastores arcades, romanos, ultramarinos », o que, penso, quer dizer que eram da Arcadia romana, mas de naturalidade ou domicilio no ultramar. E quem nos diz que de facto essa denominação de « ultramarino » acompanhando o nome arcadico de Claudio ou de Silva Alvarenga não seja meramente geographica? Norberto nota que nas poesias de Silva Alvarenga á inauguração da estatua de D. José I, em 1775, elle poz sob o seu nome a indicação : « Estudante ultramarino. » A ausencia do nome de Dirceo (Gonzaga) nesta óde faz Norberto suppôr que ella é de antes de 1784, anno em que chegou a Minas o desventurado amante de Marilia. Basilio da Gama, segundo o sr. Th. Braga, em 1763 figurava como membro da Arcadia romana, com o nome de *Termino Sepilio*, apenas com 21 annos, si é exacta a data do seu nascimento em 1742, deduzida pelo critico portuguez do assento, até agora desconhecido, do navio em que Basilio regressou do Brazil ao Reino em 1768 e ao qual figurá com a idade de 26 annos. Norberto e todos os demais biographos dão a de 1740. (1)

(1) É' possivel que a verdade esteja entre estas duas datas. Não ha documento que garanta a de 1740



Tendo deixado Roma, onde estivera quatro annos, em 1767, conforme o sr. Theophilo Braga, Basilio não se teria demorado mais de um anno aqui, pois que segundo aquella relação de passageiros, em 30 de junho de 1668 se embarcava de novo para Portugal. Norberto desfez com boas razões (*Rev. do Inst. Hist.* tomo 58) a noticia de alguns biographos fantasistas, como o incomparavel inventor Pereira da Silva, da ida á Roma de Claudio Manoel da Costa, e pensa que para pertencer á Arcadia romana não precisaria de lá ter ido. Varnhagen, que se não refere a essa viagem, e dá Claudio vindo directamente de Portugal para o Brazil, acha natural « que á recommendação de Basilio da Gama devessem Claudio e outros literatos brasileiros a entrada na Arcadia de

geralmente aceita, e os assentos como aquelle em que baseia a sua conjectura o Sr. Theophilo Braga não têm por via de regra granda exacção. Existe, porém, (num Codice da bibliotheca do Instituto historico, que pertenceu a Norberto Silva) uma copia authentica da certidão de baptismo de José Basilio, effectuado a 6 de dezembro de 1741. E' mais de crer fosse este o anno do seu nascimento, pois naquelles tempos se não demorava o baptismo das crianças, e si Basilio houvesse nascido em 1740 teria sido baptisado com um anno ou muito perto disso, o que, vistos os costumes da epoca e da terra, é bem pouco provavel.



Roma, accrescentando : « provavelmente essa entrada se effectuou por meio de alguma filiação ultramarina, que o nosso proprio *Termino* dirigiria ». A hypothese é seductora, e encontraria talvez apoio na citada óde de Claudio, mas dessa filiação não se encontraram vestigios nos exames procedidos nos archivos da Arcadia romana por empenho de Norberto.

Para o sr. Th. Braga « a *Arcadia ultramarina* não constitue uma associação individualizada, mas uma tradição que foi tomando diferentes corpos em varias épocas e lugares. » E o sciente professor portuguez acompanha essa tradição, ao seu vêr « sempre mal comprehendida » desde o primeiro quarto do seculo XVIII, da fundação em 1724 da *Academia dos Esquecidos* e depois da dos *Renascidos*, já na segunda metade do seculo, até a criação das sociedades literarias do começo do seculo XIX, e nella vê a estirpe e filiação dessa Arcadia é da brazileira. Esta ultima academia foi fundada pelo desembargador Mascarenhas Pereira, segundo o Sr. Braga despeitado por não haver sido convidado para a Arcadia luzitana. « Entre os academicos *renascidos* supranumerarios encontra-se o nome de Claudio Manoel da Costa ; isto explica o titulo de *Arcade ultramarino* nas obras impressas em Coimbra em 1768. » Vimos já como se póde explicar esse



facto de outro modo. Os crimes de Mascarenhas e a sua prisão e castigo dissolveram « essa tentativa de uma Arcadia, que no Rio de Janeiro parodiava a de Lisboa. » Não sei si é possível chamar indifferentemente Arcadia a uma academia, como a *brazilica dos Renascidos*.

Fundado na fallia e erronea biographia de Silva Alvarenga pelo conego Januario, affirma o sr. Th. Brága que este poeta fixando a sua residencia no Rio de Janeiro tentou « a renovação de uma Arcadia ultramarina ». E mais adiante : « Com a chegada de José Basilio da Gama ao Rio de Janeiro, a fundação de Alvarenga toma o character de « uma Academia á maneira da Arcadia de Roma ». Ha aqui uma difficuldade : é que é muito duvidosa esta vinda de Basilio da Gama ao Rio de Janeiro depois de 1768, que daqui regressou á Lisboa. Salvo as palavras do conego Januario, que aliás não indicam precisamente que Basilio estivesse no Rio, podendo aconselhar Silva Alvarenga desde Lisboa, não conheço, nem cita o sr. Braga, nenhum documento que autorize a crer nesta viagem. Varnhagen cala sobre ella, o que parece indicar a não conhecia e Norberto lhe não dá credito. E', entretanto, singularissimo que Basilio da Gama, dado por inspirador ou fundador dessa Arcadia, não tenha nome arcadico, sinão o de Termindo Sipilio, que era da Arca-



diã rómãna, e nunca appareça o seu nome, o vulgar ou esse arcadico, acompanhado da menção de « ultramarino », como acontece com os de Claudio e Silva Alvarenga. Continuando, o sr. Th. Braga identifica, como atrás ficou dito, a « Arcadia do Rio de Janeiro » com a Sociedade literaria, e diz que « teve com a de Minas uma sorte desgraçada » sendo acoimada de Club de jacobinos e presos os seus socios. Ha manifesta confusão, não com a sociedade literaria, que tinha estatutos approvados pelo vice-rei Vasconcellos e funcionára sob a sua protecção, mas com uma sociedade secreta que se accusava Alvarenga de reunir na sua casa, como se vê dos seus depoimentos. « Propriamente com o titulo de *Arcadia brasileira*, diz o sr. Th. Braga, apparece designada em 1789 no folheto *Saudosa Cantilena* que repetiram os pastores... na *Arcadia brasileira*... por Joaquim José de Santa Anna Esbarra, (Lisboa, 1789).

Depois de haver escripto o que extractámos, escreve o sr. Th. Braga : « Sob o governo do conde de Rezende a *Arcadia brasileira* não foi menos desgraçada que a de Lisboa », e cita um trecho da mencionada noticia do conego Januario na *Revista do Instituto*. Ou é uma repetição escusada do que atrás ficára dito, ou indicaria a existencia de uma nova perseguição, o que não seria exacto. Aliás o que foi perseguido e cha-



mado Club de jacobinos, não foi nenhuma Arcadia mas, repito, uma sociedade politica secreta que Silva Alvarenga era accusado de reunir em sua casa. Sobre isto não deixam duvida nenhuma os documentos existentes do processo então feito, sob a jurisdicção de Antonio Diniz da Cruz e Souza, o poeta do *Hyssope*, que, de passagem se diga, se não mostrou tão parcial e duro quanto se tem escripto.

Concluindo, a mim se apresentam duas hypotheses sobre as Arcadias do Brasil : ou as designações de ultramarina e brasileira indicam apenas um nome gentilico ou geographico de poetas brasileiros que pertenciam ás Arcadias de Roma ou de Portugal, como me parece ser o caso de Claudio e de Silva Alvarenga; ou os appellidos arcadicos que tomavam e entre si se davam, como a Arcadia de que se diziam membros, era tudo puro fingimento de poetas. Uma sociedade constituida como foram a Arcadia romana e a Arcadia lusitana, parece-me, não houve no Brasil — pelo menos se lhe não poude até agora demonstrar a existencia.



II

Não sei si não foi Garrett o primeiro a notar como na segunda metade do seculo XVIII entrou a litteraturã portugueza « a avultar e enriquecer-se com as producções dos engenhos brazileiros ». Mas esse facto ninguem posteriormente o poz mais systematicamente em evidencia que o sr. Theophilo Braga. Elle o verifica de novo neste seu livro de *Filinto Elysio*, do qual, como disse, parte consideravel é consagrada aos poetas brazileiros daquella época. « No ultimo quartel do seculo XVIII a poesia portugueza — assevera o erudito historiador — recebe um impulso de renovação, impresso por alguns talentosos brazileiros embora ainda ligados ás normas do Arcadismo. Fazem lembrar em relação a Portugal a situação de Roma, quando os talentos literários das Gallias, da Hespanha e da Africa do Norte enriqueciam a litteratura latina com novas creações... »

Os poetas brazileiros de que neste volume se occupa o sr. Th. Braga, são : Francisco de Mello Franco, José Basilio da Gama, frei José de Santa Rita Durão, Alvarenga Peixoto e Gonzaga. Reunindo-os sob a designação generica



de Arcadia Brasileira, parece indicar o sr. Th. Braga que não toma essa denominação sinão como um titulo geral, apenas significativo das tendencias communs a esses poetas e não como o de uma « associação individualizada ». Para ser completo, porém, devia o historiador da literatura portugueza incluir nella Claudio Manoel da Costa e Silva Alvarenga, dos quaes, como tambem de Alvarenga Peixoto, apczar da menção do seu nome no titulo, só incidentemente trata. E' certo que aquelles dois figuram individualmente no precedente livro *A Arcadia Lusitana*, mas era neste, penso eu, o seu mais adequado lugar. Sem elles, ha alguma cousa de incompleto no estudo particular da Arcadia Brázileira, quer ella fosse uma realidade, quer, como prefiro crer, uma criação mental de poetas. Em qualquer das hypotheses, Claudio da Costa e Silva Alvarenga são, com Gonzaga, os primaciaes arcades brazileiros. A inclusão na Arcadia Brasileira de Santa Rita Durão e de Mello Franco, que se não podem chamar arcades sinão com muita largueza, que não tiveram ou usaram nomes arcadicos, bem está mostrando tambem a accepção geral e indeterminada em que se serviu daquelle colectivo o sr. Th. Braga. No seu pensamento elle comprehende todos os poetas brazileiros daquella época, todos, é certo, influenciados de



arcadismo, que tomaram parte no movimento poetico portuguez do tempo.

Gonzaga propriamente não a tomou pessoal ou directa, como os outros poetas com elle irmanados pelo critico portuguez. A sua actividade poetica é toda do Brazil, ao qual deveu o estímulo que fez d'elle um grande poeta. Mas sendo o mais eminente talvez dos chamados arcades brazileiros, embora portuguez de nascimento, entre elles devia incluil-o, como o fez, o sr. Th. Braga.

Francisco de Mello Franco, mineiro de Paracatú, não é verdadeiramente um poeta. Comquanto antes do *Reino da Estupidex*, que é a obra pela qual o faz o sr. Th. Braga entrar na Arcadia Brazileira, houvesse versejado, segundo era vulgarissimo no tempo, alguma ode ou epicedio de occasião, isso, e ainda aquelle poema, o não consagrariam poeta, desde que não é certo, ao contrario da asserção não provada do sr. Th. Braga, que sejam suas outras obras que, diz-se, compoz, como as *Noites sem somno*. O *Reino da Estupidex* é um accidente na sua vida intellectual, mais de homem de sciencia que de poeta. E, salvo pelo seu effeito no tempo, não se lhe póde chamar um accidente feliz; quer pelo fundo, quer pela forma, é um mediocre e descolorido poema, já quasi, sinão de todo, illegivel. Diz o sr. Th. Braga que elle



« merece fixar-se na historia litteraria, como affirmação do poder da obra esthetica quando verdadeira e opportuna, ». Eu preferiria dizer mais simplesmente, e sem lhe encarecer o valor chamando-lhe de « obra esthetica », que elle só vale como documento da luta entre o espirito novo e o espirito retrogrado, de que Portugal, e particularmente a Universidade de Coimbra, foram o campo depois da queda de Pombal. No meio universitário, entretanto, mostra o sr. Th Braga, produziu uma grande impressão. Correndo manuscripto em numerosas copias, foi a sua autoria attribuida simultanea ou successivamente a varios sujeitos, alguns dos mais conspicuos do mundo universitário, como o dr. Antonio Ribeiro dos Santos, o nosso futuro padre Caldas, o que devia ser o traductor dos psalmos e poeta religioso, mas que então andava em cheiro de herege, refugiado em Pariz, depois de haver figurado num auto da fé, e tambem a Mello Franco. O sr. Th. Braga historia com bastante individuação a impressão causada pelo poema, dizendo as perseguições que provocou do partido da reacção contra as reformas pombalinas, as respostas e discussões que suscitou, os que foram suspeitados de serem seus autores. Nota que já em 1813 (o poema segundo elle fôra elaborado em 1782) José Agostinho de Macedo, no seu poema *Os*



burros o attribuia a Mello Franco, de colaboração com o doutor Francisco José de Almeida, medico e autor portuguez. Informa ainda que no manuscrito do *Reino da Estupidez* da Bibliotheca de Evora vem Mello Franco apontado como seu autor. Dizia-se tambem que com elle collaborára José Bonifacio, seu collega de Universidade. O sr. Th. Braga, que tem absolutamente por certo ser de Mello Franco o *Reino da Estupidez*, repete a versão tradicional de o ter escripto em quinze dias, « ajudado no trabalho das copias manuscriptas, que se lançaram na circulação clandestinamente, pelo seu patricio José Bonifacio de Andrada e Silva. » Si é exacta esta ultima versão, dali viria ter-se dado a José Bonifacio parte na composição do poema, o que aliás não me parece estar inteiramente fóra de toda a duvida. Mello Franco, apesar da alta situação scientifica e social a que chegou, como vice-presidente da Academia das Sciencias e medico do paço, teve um destino infeliz. Da sua vida e das suas obras dá boa noticia o sr. Th. Braga, e informando que durante a vida de Mello Franco se fizeram cinco edições anonymas do *Reino da Estupidez*, julga « provavel que não tivesse conhecimento de uma tal homenagem ».

Mais completas e mais curiosas que as até agora publicadas, são as noticias que consagra



a Basilio da Gama, Durão e Gonzaga. Infelizmente ainda o sciente historiador da literatura portugueza confiou demais nos expositores brasileiros pouco fidedignos, como Pereira da Silva e o mesmo conego Januario. Assim aceita a segunda viagem de Basilio da Gama ao Rio de Janeiro, a protecção que por essa occasião mereceu do vice-rei Luiz de Vasconcellos, e outros factos, que me não parecem provados, e que notarei.

Todos os biographos de Basilio da Gama o têm dado como nascido em 1740; o Sr. Th. Braga lhe assigna para o nascimento a data de 1742, fundando-se, ao que parece, numa *Relação das pessoas* que em 30 de junho de 1768 foram do Rio de Janeiro para o reino, existente na Torre do Tombo e na qual figura o poeta com 26 annos. Não pude apurar em que documentos se firmavam aquelles biographos para lhe marcarem o nascimento em 1740; (1) mas si não é outro que aquella relação de passageiros o em que se apoia o Sr. Braga para delles divergir, não me parece esse bastante concludente. Taes declarações não têm muitas vezes exactidão rigorosa, e nós veremos que Gonzaga, nas suas declarações perante a alçada, errava, de boa fé, a idade. O documento revelado agora

(1) Veja a nota anterior.



pelo Sr. Th. Braga tem porém um valor maior, mostrando, ao contrario do quo asseguraram os seus anteriores biographos, que Basilio da Gama não foi daqui naquella viagem preso para Portugal, « como ex-jesuita desertor ou cousa semelhante », segundo vagamente disse Varnhagen, e repetiram todos. Aquelle assento declara expressamente depois do seu nome, naturalidade, filiação e signaes caracteristicos: « Estudante, vae para Coimbra », o que exclue a idéa de prisão, dando-o como um passageiro de destino certo. Eis, segundo esse documento, os seus signaes phisicos: « Estatura ordinaria, de cabello castanho e crespo, rosto comprido, moreno, olhos pardos, nariz pequeno e grosso, pouca barba, com falta de um dente na frente do queixo de cima ». Basilio da Gama, diz o Sr. Th. Braga, « era amigo intimo de Filinto Elysio », a quem acompanhára nas lutas dos arcades. No processo da Inquisição contra Filinto, fala-se numa tragedia intitulada *Mahometismo* (o *Mahomet* de Voltaire, certamente) traduzida por « um José Basilio, hoje official da secretaria dos negocios do Reino », a qual o depoente desta especie vira na mão de Filinto. Isto bastava, como reflecte o Sr. Th. Braga, para pôr contra elle a reacção clerical.

Acompanha o Sr. Th. Braga a sua interessante noticia do poeta de uma bibliographia das



suas obras, que é a mais completa e perfeita que conheço. As oito edições por elle apontadas do *Uraguay* cumpre ajuntar uma nona, publicada com annotações de J. Arthur Montenegro, por Echenique Irmãos e C., Pelotas (Rio Grande do Sul) em 1900.

Aceitando como certa uma segunda vinda de Basilio da Gama ao Rio, durante o governo de Luiz de Vasconcellos, para fugir ás perseguições da reacção anti-pombalina, pois que elle se conservára honradamente fiel ao marquez de Pombal, seu protector, affirma o Sr. Th. Braga que pelo influxo daquellê vice-rei se viu o poeta « congraçado com o mundo official, obtendo por sua via, por carta regia de 6 de agosto de 1787, o diploma de cavalleiro fidalgo da casa real ». A noticia desta mercê já nos era conhecida pelas biographias de Varnhagen e Pereira da Silva, que dá por extenso aquella carta regia. Não vejo donde se infira a protecção do vice-rei. E' certo que ao tempo da mercê Luiz de Vasconcellos governava o Brasil, mas não é de modo algum certo, nem provavel, que aqui estivesse Basilio da Gama. E que estivesse; teria elle por tal fórmula entrado nas boas graças do vice-rei para que este, desde o Rio, se empenhassê por ellê, mal visto na corte portugueza? Eu prefiro erêr que a perseguição de José Basilio não era tal qual



se afigurou aos seus biographos e ainda ao Sr. Th. Braga. Quando foi da mercê, havia já dez annos da morte de D. José I e da queda e desgraça de Pombal. A reacção anti-pombalina estaria acabada. Si por lhe fugir foi Basilio da Gama forçado a deixar temporariamente o seu cargo e regressar ao Rio de Janeiro, não é muito de crer que Luiz de Vasconcellos, delegado do governo rector, o protegesse por tal fórma. No caso de perseguição, dar-lhe-iam uma licença para elle a evitar? E' duvidoso. Mas o mesmo alvará da mercê induz a crer que nem elle deixou o seu cargo, nem estava por esse tempo fóra d'elle, pois diz que a rainha « attendendo a José Basilio da Gama... estar servindo ha 13 annos, 2 mezes e 8 dias contados de 25 de junho de 1774 (o que aliás não daria sinão 13 annos, 1 mez e 11 dias) de official da secretaria de estado dos negocios do reino... no meu real serviço em que continúa » resolve fazer-lhe a mercê indicada naquelle diploma, c como se evidencia do mesmo, pelo poeta requerida, allegando um precedente. Sabe-se que na contagem do tempo de serviço de um funcionario para qualquer mercê se não apura em geral sinão o tempo de exercicio effectivo do cargo. Dois annos depois a mesma rainha fez a Basilio da Gama uma outra mercê, a do habito de San Thiago. Na carta de Padrão em que lh'a



faz, declara a soberana que lh'a concede « em satisfação dos serviços... obrados no emprego de official da secretaria de estado dos negocios do reino e no gabinete do marquez de Pombal... por espaço de mais de treze annos desde 25 de junho 1774 até 20 de agosto de 1788, em que ficou continuando sempre com honra e desinteresse... ». Estas mercês davam-lhe, a primeira 750 réis de moradia por mez, e um alqueire de cevada por dia, e a segunda, do habito, 80\$000 de tença effectiva por anno, o que era magnifico para o tempo. Já do reconhecimento dos seus serviços « no gabinete do marquez de Pombal » se vê que em 1790 o ter sido parcial do grande ministro não era motivo de desgraça. Os infortunios de Basilio da Gama não merecem portanto as lamentações romanticas de Pereira da Silva e outros. O que ainda me faz suppôr que elle não teve a protecção de Luiz de Vasconcellos, da qual talvez nem precisaria, é que não consta lhe haja votado, segundo o uso do tempo e seu proprio, nenhum poema gratulatorio, o que, dada a sua reputação de homem agradecido, contra a qual aliás protestaram em tempo, e não talvez sem razão, os jesuitas, não deixaria de fazer.

Referindo-se incidentalmente a Silva Alvarenga neste seu estudo de Basilio da Gama, o Sr. Th. Braga ainda repete com o conego Ja-



nuario e outros, que simplesmente o copiaram, que aquelle poeta morreu em 1 de novembro de 1814 com perto de 80 annos. A data da morte é exacta, mas não a idade que lhe dá. Desde 1864 que Norberto Silva a rectificou, verificando dos depoimentos de Alvarenga no processo que soffreu, que o anno do seu nascimento foi o de 1749, e que falleceu portanto com 65 annos.

Tambem a noticia sobre Santa Rita Durão é no livro do Sr. Th. Braga por mais de um titulo estimavel. A Torre do Tombo, as secções de manuscriptos da Bibliotheca Nacional de Lisboa, da de Evora e da Universidade de Coimbra, forneceram-lhe novos elementos para a vida do cantor do *Caramuru*. A data do seu nascimento, até agora incerta, diz o Sr. Th. Braga que « pôde hoje fixar-se entre 1718 a 1720 relacionada com successos decisivos da sua vida ». Um documento publicado nas *Ephemerides mineiras* de J. P. Xavier da Veiga, corrigindo erros de Pereira da Silva na biographia de Santa Rita Durão, confirma as illações do Sr. Th. Braga, sobre a data provavel do nascimento do poeta. Esse documento é o testamento do pai de Durão, existente em copia authentica no Archivo mineiro. O professor portuguez limita aquella data entre 1718 e 1720, o escriptor mineiro põe-na « pelos annos de 1717 ou nos seus



immediatos ». Fico julgando que, si Durão professou com 20 ou 21 annos, — e salvo licença especial não poderia professar com meños idade, — a data do seu nascimento deve limitar-se aos annos de 1717 e 1718.

Frequentou Durão o collegio dos jesuitas desta cidade e nelle terminou, em seis annos de curso, os seus estudos. Seguiu depois para Portugal, onde professou na ordem dos Gracianos em 1738. Seu pai deu 2 mil cruzados á Ordem para sustento do filho. Depois de haver seguido em Lisboa os estudos theologicos no convento da Ordem, foi á custa daquella tença para o Collegio da Graça em Coimbra, onde se formou na Universidade. Tornou-se, ao que parece, amator da lingua hebraica e foi com o celebre D. frei Manoel do Cenaculo, com quem privou intimamente, um dos propugnadores dos estudos orientaes ali, contra o voto dos jesuitas. Em 1750, já era doutor e substituto de theologia naquelle Collegio. Desse tempo será uma ode inedita que o Sr. Braga publica e um poema em latim macarronico, cujo manuscripto existe na Bibliotheca Nacional de Lisboa. Os motivos que, segundo o Sr. Braga, o levaram a Roma são os mesmos já assignalados por Pereira da Silva (*Varões illustres*, I, 302), particularizados e ampliados pelo escriptor portuguez. Outras noticias já conhecidas de Durão



tambem as amplia e desenvolve o Sr. Th. Braga, dando a sua maior interesse. Diz-nos as relações de Durão com José Agostinho de Macedo e sua influencia neste. « Algumas das composições, julga elle, que nos manuscritos do fim do seculo XVIII apparecem em nome de Macedo, como *O Ouro*, *A Caducidade*, e *A Morte*, é provavel que sejam de Durão, e copiadas no tempo da sua convivencia; Macedo nunca as incorporou nas suas obras ».

III

Dos poetas agrupados pelo Sr. Th. Braga no que chama a Arcadia Brazileira, é Thomaz Antonio Gonzaga porventura o maior, não por que nelle houvesse mais, nem talvez tanto, genio como em Basilio da Gama, ou mais talento e virtuosidade que em Claudio Manoel da Costa, ou mais versatilidade de engenho que em Silva Alvarenga, mas porque, entre todos, elle fez a obra immortal de um unico poema de amor, que pela objectividade do seu thema, pela sinceridade da sua emoção, pela belleza da sua fôrma, pela generalidade humana do seu sentimento e expressão, escapou já ás contingencias das modas literarias, á caducidade das escolas,



e viverá como um dos primores da nossa literatura. Vive tambem o *Uruguay*, como lhe vaticinou inspirado o seu proprio poeta, mas vive principalmente para os amadores do verso terso e bello e dos gestos e palavras epicas, como desde Camões ninguem talvez as dissera melhor. Viverá uma escolha dos sonetos de amor de Claudio Manoel, que os tem comparaveis aos melhores da musa portugueza. Viverá acaso ainda a lembrança mais que a obra de Silva Alvarenga, talento poetico multiplo, versatil, cuja *Glaura* tem por vezes accentos que não destoam do todo dos de *Marilia*. Mas não ha, pensô eu, na obra de nenhum destes verdadeiros e excellentes poetas as virtudes que fazem as obras immortaes em tanto grau como nesse delicioso canto de amor que é *Marilia de Dirceo*.

Teve, pois, motivo o sr. Th. Braga de lhe dar maior espaço na sua revista dos poetas da Arcadia brazileira. Não se póde dizer com certeza si Gonzaga pertenceu a alguma outra Arcadia, como a lusitana ou a romana, que não a Arcadia ideal que elle e os poetas seus vizinhos e contemporaneos se crearam. Elle, parece, ainda a creou mais sua, mais intima, porque o seu appellido arcadico, Dirceo, de um só vocabulo, é uma singularidade na nomenclatura dos arcades, que de todos exigia dous



nomes. Nelle, portanto, mais que nos outros, a Arcadia brasileira é apenas uma tradição. Essa tradição poetica, elle a seguiu espontanea e de boa mente, mas as circumstancias da sua vida, objectivando o seu sentimento, realizando o poema intimo que todo o grande poeta deve trazer consigo, revivesceram uma tradição esgotada, dando aos seus poemas a vida que se não encontra em nenhum dos seus similares contemporaneos, e aquella originalidade sobre excellente que não consiste na novidade da invenção, mas está sobretudo na renovação dos *themas* estheticos e da sua expressao, pela força do genio ao impulso de um sentimento profundamente verdadeiro.

E' caso ainda para discutir, em face dos documentos, e segundo boa doutrina critica, as imitações de Gonzaga. Um rapido exame que fiz das reminiscencias e imitações que lhe imputam, convenceu-me da sem razão dos censores. Que elle imitou ou, e direi melhor, que nelle ha imitações, e mais reminiscencias que imitações, algumas quasi certo inconscientes, de Anacreonte, de Moscho, de Horacio, de Metastasio, que por sua vez imitou a todos esses, e aos elegiacos latinos, não o negarei; sómente elle imitou como Virgilio, como o mesmo Horacio, como Shakespeare, como Molière, como Camões, como todos os genios,



sem escapar um só, imitaram, ou copiaram, propositada ou inconscientemente.

Desde mais de meio seculo cessou a duvida que existia sobre a naturalidade de Gonzaga. Bastavam os seus depoimentos perante a alçada (ser portuguez foi até um dos seus argumentos contra a accusação de conjurar pela independencia do Brazil) para decidir a questão; mas, além desses documentos, acham-se outros, como a sua certidão de baptismo e a justificação para casar-se em Moçambique, que o dão como natural do Porto, onde nasceu, segundo aquella certidão, em agosto de 1744. O dia se não sabe, porque estava apagado ou comido no livro dos assentos. O sr. Th. Braga accrescenta mais aos conhecidos « as provanças de filiação para ser admittido á leitura de bachareis na Casa de Supplicação. » Seu pai era brasileiro, do Rio de Janeiro, e sua mãe portuense, filha de inglez. Chamava-se Thomazia Isabel Clark, e do seu prenome tomaria elle o seu. Seu pai, o desembargador João Bernardo Gonzaga, em 1759 veiu do reino, onde exercia a magistratura, para a relação da Bahia. Nesta cidade passou Gonzaga, como diz na lyra VII da 2ª. parte « a flor da mocidade » (em outras edições, « flor da minha idade »). Este facto, pensa o sr. Th. Braga, não deixou de « influir na



fôrma poetica das lyras suscitada pelo tom das modinhas bahianas. »

Não é certo que ainda sem elle não houvesse o poeta dado ás suas lyras as fôrmas das canções italianas e tambem da redondilha portugueza. Mas pôde ter-se por certo que desses annos da cidade tão brasileira por tão mestiça, da terra das nossas tradições poeticas nacionaes, da nossa poesia popular, da *modinha* em summa, viria a Gonzaga o que da inspiração popular ha na sua poesia. Isto mesmo notava eu, si me não levam a mal recordal-o, quando num ligeiro estudo consagrado a Gonzaga (1) escrevia que o não julgava « brasileiro apenas pelas circumstancias da sua vida aqui vivida, sinão tambem pela feição do seu estro e inspiração, pelas condições mesmas do seu lyrismo e do seu sentimento. » Não me inscrevo entretanto contra o conceito do sr. Th. Braga, pois de facto se verifica nas lyras de Gonzaga alguma cousa que as distingue de identico lyrismo arcadiano, que se não confunde totalmente com elle e que tem já reconheciveis feições do nosso lyrismo brasileiro.

Da Bahia, com 18 annos, dos quaes tres pelo menos passados entre « as palmeiras » da « gran cidade », regressou com seus pais a

(1) *Estudos de Lit. Brasileira*, 2ª série.



Portugal. Ali, em Coimbra, formou-se em leis em 1768, com 24 annos.

Destinando-se ao professorado, continuou entretanto a frêquentar a universidade, matriculando-se no livro dos oppositores da faculdade juridica da nova reforma e fundação da universidade, conforme documento agora publicado pelo sr. Th. Braga. Pensa este que o esperançasava o regimen univversitário que a reforma de Pombal de 1772 iria crear. « Para se fazer recommendavel ao reformador e visitador da universidade, Gonzaga escreveu um *Tratado de Direito Natural* e dedicou-o ao omnipotente ministro, offerecendo-o em volume de boa calligraphia e encadernado. » Esse manuscrito existe na colleção pombalina, com o titulo completo de *Direito natural accommodado ao Estado Civil Catholico*, e no frontespicio do livro Gonzaga assigna como *Oppositor ás cadeiras na Faculdade de leis, na Universidade de Coimbra*.

O sr. Th. Braga transcreve a dedicatoria ao marquez de Pombal e o prologo, autographo. « Pelas doutrinas deste livro, observa o critico portuguez, vê-se que Gonzaga era um regalista por tal fôrma exaggerado que tudo submettia ao poder summo conferido por Deus aos monarchas, que dominavam até sobre o poder pontifical. » A queda de Pombal, que elle teria



por seu protector, fel-o mudar do intento de seguir o professorado na universidade; e, segundo documentos agora pela primeira vez publicados pelo sr. Th. Braga, em 1778 concorria aos lugares da magistratura. Depois de servir como Juiz de fóra em Béja, apparece em fevêreiro de 1782 nomeado Ouvidor de Villa-Rica, hoje Ouro Preto, capital da capitania de Minas-Geraes. Vem já com o titulo de desembargador, « o que é explicavel pelo gráu superior que attingira para ser oppositor na faculdade de leis. »

Ao mesmo tempo que Ouvidor, foi nomeado Provedor da fazenda dos defuntos e ausentes, capellas e residuos da comarca e capitania de Villa-Rica.

Não crê o sr. Th. Braga na culpa de Gonzaga na chamada conjuração mineira, e attribue a inimigos que se fizera o poeta como magistrado, á sua mesma opposição ao governador Luiz da Cunha e Menezes em negocios de contractos, e tambem á hostilidade do tio e tutor de Marilia, a sua injusta participação no processo e os rigores de que foi objecto.

Não obstante a excellente monographia de Norberto Silva sobre aquella conjuração, esse facto da nossa historia precisa de ser ainda estudado, com outro methodo que o seguido pelo diligente investigador. Creio que um estudo



mais aprofundado do assumpto e sobretudo mais despreoccupado dos preconceitos entre nós sobre elle correntes, diminuiria notavelmente a importancia que ás confabulações dos implicados na chamada inconfidencia de Minas deram os governadores e magistrados, desejosos de manifestarem o seu zelo e serviços, e que resulta das devassas procedidas sob esta inspiração. Não estou bem certo de que a relevancia da conjuração mineira não seja principalmente a que lhe deu o processo, mas inclino-me a crer que é sobretudo essa. Talvez não tivesse havido propriamente conspiração, combinação assentada para fim determinado, com um plano ou programma ainda indeciso, mas em todo o caso definido. Conversas e discussões academico-literarias de hypotheses, de possibilidades, mais que resoluções e escolha de meios para um fim deliberado, isso sim. Quando se lhes apresenta um homem de acção, que quer passar dos bellos discursos aos actos, elles se recolhem, desconfiam d'elle, consideram-no um estouvado, um louco, evitam-no, fogem-lhe. Naquelle seu vehemente protesto de innocencia da lyra XXXVIII da 2.^a parte, perguntará Gonzaga:

Ama a gente assisada
A honra, a vida, o cabedal tão pouco,
Que ponha uma acção destas
Nas mãos d'um pobre, sem respeito e louco?



Tiradentes não era em verdade homem a quem pessoa alguma de bom juizo se confiasse ou siquer ouvisse. De parté o seu procedimento ulterior, nos seus segundos depoimentos, em que assume proporções de um herôe — tanto é facil ser herôe ! — nem os seus antecedentes, nem a sua figura de « espantado », nem os seus habitos de intemperante loquacidade, a loquacidade desesperadora do popular orador e que se crê sabido, e de leviandade, que frizava á loucura, nada, em summa, a não ser a sua virtude de homem servçal e prestadio, o podia recommendar a quem quer que cuidasse de empreza tão arriscada como uma conjuração politica. Nem eu conheço naturezas entre si mais antipathicas, que reciprocamente mais se pudessem repellir, que a do doce poeta de Marilia e a do desastrado alferes. Na conjuração mineira ha, parece-me, duas partes, uma das confabulações dos homens da boa sociedade da capitania, poetas, advogados, clérigos, militares, que, na previsão de um acto governamental odiosissimo, como seria a derrama, imaginavam a possibilidade de um levante popular e a hypothese da independencia á maneira das colonias inglezas da America do Norte, tambem determinada por um facto economico ; outra de um individuo, exaltado por temperamento e exasperado pelo caiporismo



da sua vida, como elle diria, espirito infantilmente credulo, absoluto, irreflectido, que tomava os seus desejos por possibilidades, e que o amor ingenuo da sua terra e um exagerado sentimento da superioridade della, uma singular ambição, muito acima das suas capacidades, e até o seu interesse immediato (nessas naturas podem casar-se ás inspirações mais altas os mais mesquinhos calculos), tudo ajudado por uma extrema ignorancia, desvairava. Hoje, que atravessamos um periodo revolucionario, que assistimos a conspirações e reveltas, que conhecemos revolucionarios e conjurados em acção ou figurando em processos, podemos comprehender melhor o que se chama a conjuração mineira e seus actores. Com os mesmos methodos de então não era difficil, e aliás já se tentou fazer, transformar as confabulações dos nossos monarchistas, as suas hypotheses, as suas velleidades e esperanças, manifestadas nas incontinencias da nossa facil familiaridade, as ingenuas creações da sua imaginação anciosa da restauração, em conjuração. E só por não satisfazer ao seu malsão appetite de reclamo, não escrevo o nome do sujeito que quando leio o processo dos inconfidentes se me apresenta como o nosso Tiradentes de hoje, com todas as suas feições moraes, menos talvez uma certa bondade do caipira.



Nunca pude crer na comparticipação de Gonzaga na conjuração mineira, qualquer que seja a importancia que lhe demos. Não me convenceram as razões de Norberto na sua *Historia* e na biographia do poeta, nem a quasi unanimidade dos historiadores que aceitam a sua cumplicidade naquella acção, querendo alguns á viva força fazer delle um martyr e um heróe da nossa independencia, esquecendo que elle protestou seguidamente e com boas razões contra a accusação de a desejar e promover. O sr. Th. Braga não é o primeiro a negar terminantemente a sua inconfidencia, apoiando o seu juizo em bons motivos. Já Varnhagen o fizera na 2.^a edição da sua *Historia*, também com excellentes fundamentos. O exame dos motivos do escriptor portuguez para suppôr Gonzaga victima de perseguições de inimigos creados pela sua recludão de magistrado, e do proprio parente e tutor de Marilia, excederia os limites e a mesma natureza deste estudo.

O Sr. Th. Braga deu grande importancia a esta parte da vida de Gonzaga, fazendo com ella um paragrapho separado do seu estudo do poeta. Com muita habilidade, aproveita os depoimentos do processo e as especies biographicas das lyras, e do seu exame resulta um Gonzaga que me parece o verdadeiro, um poeta sómente cheio do seu amor, inteiramente preoc-



cupado de o realizar pelo casamento proximo com a mulher muito amada, cujo vestido de noivado bordava, não tendo, nem podendo ter, cabeça e gosto para conspirações e levantes. Naquelle estado d'alma de sobrehumano egoismo, quem acreditará que os tivesse elle, um puro poeta, estranho a toda a condição que pudesse explicar a sua intervenção numa tentativa cujos perigos ninguem melhor do que elle conhecia? Aliás, as razões de sentimento e as conjecturas são no caso dispensaveis ; basta, creio, a prova dos autos.

· Numa memoria biographica de Gonzaga publicada em 1849 na *Revista do Instituto* (T. XII, 2^a. edic. p. 120), Varnhagen duvidou do casamento do poeta em Moçambique, até então, e ainda depois por todos aceito. Contra informação escripta do conselheiro Rezende Costa, um dos condemnados da Alçada de 1792, de que Gonzaga ali casára, allegava o nosso historiadór que do contrario o informaram « pessoas que o conheceram em Moçambique ». Acho nesta declaração desautorizada e vaga bem fraco fundamento para que só por ella ponha em duvida o sr. Th. Braga o casamento de Gonzaga no desterro. Si não possuímos a certidão do casamento do poeta, possuímos o termo de inquirição dos contrahentes para esse casamento, o que leva a crer que elle se effec-



tuasse. Aceitando a versão de uma depressão mental sobrevinda a Gonzaga em Africa, aventa o critico portuguez a hypothese de que ou «abusaram da alienação do desventurado» ou aquelle «documento foi forjado para produzir o seu effeito em Villa-Rica e trincar assim todas as esperanças que alentavam... a *bella Marilia*. » E pelo resto da pagina sustenta a sua hypothese, que me parece gratuita. Eu por mim acho humano, simplesmente humano, que Gonzaga se casasse em Moçambique com a mulata Mascarenhas, como acho inhumano que d. Maria Dorothéa Joaquina de Seixas (1) morresse com oitenta annos, após os seus esplendidos amores e a horrenda desgraça que os rompeu. Com todo o seu amor de Beatriz, não veio tambem Dante a casar e a ter sete filhos? Contra a authenticidade daquelle documento, não prova nada apparecer nelle, como quer o sr. Braga, Gonzaga com a idade errada. Depondo perante a alçada, declarou tambem elle «quarenta annos, pouco mais ou menos», quando já tinha quarenta e cinco feitos. Vaidade de poeta namorado, como a teria depois Garrett?

Em paragraphos especiaes estuda o sr. Th:

(1) Tal é o nome exacto de Marilia, segundo se lê no seu testamento, publicado nos fascs. I e II da *Revista do Archivo Mineiro*, p. 403.



Braga as « fórmãs poeticas da Marilia de Dirceu » e a « historia externa das lyras de Gonzaga », seguindo este paragrapho de uma excellente bibliographia desse livro, que, segundo essa resenha, conta já 33 edições. Julgo haver nella um lapso, respeito á edição da Bahia, que, mal informado por Norberto, dá o sr. Th. Braga como de 1813, é que, segundo Valle Cabral (*Rev. Brasileira*, t. I, p. 415, 1879), é de 1812.

Sem se decidir pela authenticidade ou não da terceira parte das lyras, por quasi todos os criticos tida por apocrypha, acha elle que « em uma edição critica meréce ser incorporada; contem alguns sonetos que se ligam com a vida de Gonzaga ainda nos tempos de Coimbra. » Com este dizer deixa o sr. Th. Braga suppôr que a terceira parte a que se refere, pois que ha duas, é a da Imprensa Regia de Lisboa de 1812, sendo nessa que existem os sonetos que diz se ligarem á vida de Gonzaga em Coimbra, o que não sei si não será uma conjectura sem fundamento, como infelizmente as tem o illustre critico. Antes mostrara-se inclinado a aceitar uma « deducção plausivel » da memoria atrás citada. « E' mui possivel, diz nella Varuhagen, que a maior parte das lyras que se publicaram com o título de 3^a. parte... que são estranhas ao romance amoroso de *Marilia de Dirceu*, e os bons criticos têm rejeitado em varias edi-



ções como, espurias — é possível, dizemos, que entre ellas haja varias legitimamente de Gonzaga, mas do numero que elle diz ter rejeitado. » Sem pretender resolver a difficil e talvez insolúvel questão, direi entretanto que muito me inclino a crer que nenhuma das terceiras partes — a da edição de 1800 e a, differente, da edição de 1812, ambas de Lisboa — pertence ao poema, si assim posso chamar, de *Marilia de Dirceo*. Sobretudo parece-me não lhe poder pertencer a 3.^a parte da edição de 1812, justamente aquella a que se referem, nos trechos citados, Varnhagen e o sr. Th. Braga. Essa 3.^a parte não tem nada da composição e arranjo das duas partes por todos aceitas como authenticas; é uma misturada de lyras, canções, sonetos e odes, em que se trata de assumptos estranhos ao poema, se cantam outras bellas que não Marilla, e se consagram outras personagens e memorias que não a sua. Póde ser que ali existam poesias de Gonzaga, mas que essa colleção disparatada se possa ter pela 3.^a parte da *Marilia de Dirceo*, não me arreceio de contestar. Nem me parece « plausível », como ao sr. Th. Braga se antolha, a « deducção » de Varnhagen. Apoia-se ella na lyra XXXIV da 1.^a parte, na qual confessa o poeta ter feito outros versos que não a Marilia; mas na mesma declara logo que os destruiu todos. A menos que



não existissem delles copias em outras mãos ou que o poeta haja enganado á sua amada e a nós, não se explica o seu apparecimento posterior, ainda assim pouco aceitavel.

Mais admissivel que essa, parece-me a 3^a. parte da edição de 1800, que anda reproduzida nas edições correntes. Tenho-a ainda assim por muito suspeita. As duas primeiras partes constituem, cada uma separada e as duas juntas, um todo completo, e, salvo alguma rara discrepancia, lógico, e são, por assim dizer, datadas. A primeira de antes da prisão do poeta, a segunda da prisão em Minas e no Rio de Janeiro. São ambas biographicas, objectivas, e não exprimem sómente os seus sentimentos de amor, as suas emoções diversas, mas circumstancias exteriores da sua vida e tambem relativas ao seu meio, aos seus amigos mais intimos, como Claudio e Alvarenga Peixoto, á sua amada. Logicamente essa 3^a. parte, para que fosse o natural remate das duas, devia conter as lyras compostas depois da condemnação ou no desterro, com as circumstancias que dão áquellas duas o sabor doloroso e ineffavel das cousas sentidamente vividas. Tal não succede nellas. Embora parecendo-se materialmente mais com áquellas duas partes do que a 3^a. parte de 1812, são ainda assim vagas, imprecisas, indefinidas. Com excepção das lyras III e XI, consoan-



tes ambas á situação do poeta, e que têm, aquella principalmente, o seu toque, as mais se não accordam com ella, parecendo antes um postigo que obra sua. A sua inferioridade esthetica, comparada com as outras, si não julgo mal, é evidente. Nenhuma das suas lyras soffre confronto com as mais afamadas da primeira e segunda parte.

Incidentemente occupa-se o sr. Th. Braga de Alvarenga Peixoto, a quem, como outros criticos que o precederam, julga poder attribuir as *Cartas Chilenas*. Transcrevendo dois sonetos de Alvarenga Peixoto, achados num manuscrito da Bibliotheca nacional de Lisboa, declara o sr. Th. Braga tel-os por ineditos. Não o são; acham-se publicados na edição das *Obras poeticas* do poeta feita por Norberto Silva, editada pelo livreiro Garnier, desta cidade, em 1865, paginas 207 — 209. Um desses sonetos, « Eu não lastimo o proximo perigo », que apparece com variantes na versão do sr. Th. Braga, já havia sido aqui publicado em 1853, diz o mesmo Norberto, na *Miscellanea poetica*.



IX

PAGINAS SOLTAS

DO SR. JOAQUIM NABUCO

Escreptos e Discursos Litterarios — de JOAQUIM
NABUCO, H. Garnier.

Um livro do sr. Joaquim Nabuco, mesmo uma simples collecção de artigos já publicados, é sempre um regalo, porque como escriptor o sr. Joaquim Nabuco é sempre interessante. Nas nossas letras elle tem um lugar duplamente distincto, ou, si preferem, differente : pela sua maneira, o seu estylo de escriptor, e pela feição dos seus assumptos. Elle é ao mesmo tempo politico, moralista, critico, historiador, philosopho, estadista, sem ser especialmente nada disso. De parte os seus preconceitos (eu peço perdão por lhes chamar assim) politicos ou religiosos, que tem aliás



o refinado bom gosto de deixar transparecer o menós possível, dá-nos a illusão de um espirito livre, de uma singular aristocracia de juizos e sentimentos, que mil objectos e assumptos interessam, que em todos sabe descobrir aspectos nobres e curiosos, mas que nenhum detem particularmente. Ainda nisto elle se mostra o homem sobretudo preocupado dos multiplos e variados aspectos sociaes da vida, que é o politico. Mas o politico num sentido que não é a corriqueira designação dos que profissionalmente se occupam da cousa publica, e della vivem. Assim a politica do sr. Nabuco comprehende talvez menos a administração e direcção dos povos, que o estudo das grandes correntes espirituaes, moraes e affectivas que os agitam e movem, a sciencia e a arte, a literatura e a historia, as questões economicas, no que ellas têm de mais superior ás soluções praticas, e as questões sociaes, no que ellas não importam numa revisão da propria sociedade. Sem o seu fundo fidalgo, e sem a reacção do seu catholicismo, aliás mais conhecida pelos que não ignoram pessoalmente o sr. Nabuco que pelos que ainda assidua e attentamente o têm, penso que o seu abolicionismo generoso, verdadeira batalha de paladino, o poderia ter levado a uma concepção mais larga dos interesses geraes da enorme massa soffredora... Mas de facto o seu libera-



lismo póde chamar-se simplesmente generosidade de sentimentos, que é ainda uma virtude de fidalguia, revelando os habitos senhoriaes da dadiva, da benevolencia, da protecção, do amparo. Mas dentro della está o seu espirito accordado a todas as vozes que não affrontem com demasiada violencia a harmonia do seu universo — cosmos, que cada um de nós se constróe com a arte consoante á sua intelligencia.

Este novo livro do sr. Joaquim Nabuco diz-nos quão delicioso não deve ser o seu. Ha nelle um pouco de tudo, e tudo, o melhor e o que não é o melhor, é sob esse aspecto de representação do seu universo, igualmente interessante. Paginas publicas e paginas intimas, memorias e recordações, estudos de historia contemporanea e ensaios sobre a nossa velha chronica, perfis e retratos de artistas, de politicos, de escriptores, paginas politicas, confissões, chronicas, artigos de jornaes, tem tudo; pela fórma, uma das mais bonitas da nossa lingua hodierna, e pelo conceito, um dos mais originaes nas nossas letras contemporaneas, um realce singular. Quanto faz o sr. Joaquim Nabuco é eminentemente a obra de um escriptor, e por isso ainda as paginas somenos da sua producção de jornalista não são jámais desinteressantes. Vivia ainda Chateaubriand, quando Sainte-Beuve,



que não passa por seu devoto, escreveu pensando nelle que « *rien de ce qui échappe à certaines plumes ne saurait fuir et pâlir.* » Sem forçar o tom do apreço, creio posso repetir, a proposito do sr. Joaquim Nabuco, a frase do grande critico. Nem a approximação que accidentalmente faço, por mais de um ponto legitima, aponta a ser uma comparação ou um paralelo que, no meu pensamento ao menos, não seria todo em beneficio do nosso escriptor. Sei que — ai de nós! — se escreve demais e se recolle demais a pagina ephemera e volante que talvez melhor fôra deixar perder-se depois de escripta. Mas de quem é a culpa sinão nossa mesma, da sofrega curiosidade com que corremos a ella, do gosto indiscreto com que nos fazemos cúmplices do escriptor? São dois deliciosos peccados os de ler e de escrever; si em alguns podem ser grosseiros e desgraciosos, noutros têm verdadeiramente o sainete damnado e seductor das voluptuosidades transcendentis. Que os que não têm gosado delles atirem a primeira pedra ao peccador endurecido...

Quaesquer que sejam hoje as falhas da sua erudição camoniana, e não são taes que mereçam reparadas, disse o sr. Joaquim Nabuco no seu soberbo discurso do centenario de Camões, as palavras que devia dizer, e que foram novas: « O Brasil e os *Lusiadas* são as duas



maiores obras de Portugal » (1) Nas suas encantadoras palavras sobre João Caetano, achareis que a « vida é a verdadeira aula do genio em todas as vocações ». A proposito de Sarah Bernhardt, numa chronica que teria o seu lugar na primeira columna do *Figaro* entre H. Fouquier e E. Arène, escreve que « como na arte de escrever, assim tambem na arte de representar, só a França attingiu essa perfeição nas medidas sonoras e visuaes da expressão, a que se pôde chamar estylo. » Falando outra vez de Portugal e do Brazil, com um exacto sentimento das relações historicas e sociaes entre os dous paizes, porá numa frase, que é uma exacta e admiravel synthese, a parte grande do glorioso pequeno reino no feito de Colombo : « causastes pela agitação em que vivieis diante das ondas o descobrimento da America ». Aos seus antigos eleitores do Recife e Nazareth falará politica, mas as suas mensagens

(1) Respeito ao Brazil não totalmente novas. Como nada ha novo, mas tudo é apenas renovado, João Lisboa, em 1862, já dissera (*Obras, IV, 493*) referindo-se ao Brazil : « A maior de todas as grandes obras que prefez Portugal nos dias da' sua gloria e poderio, é tambem a unica de todas ellas que sobrevive á geral ruina e decadencia. » Esqueceu os *Lusiadas*. Lembrando-os e ajuntando-os ao Brazil, deu o Sr. Nabuco ao seu pensamento toda a originalidade de que é susceptivel o pensamento humano.



se não assemelharão de fôrma alguma ao que conheceis e desprezais, nò genero. Confessando toda a inteireza da sua fé monarchica, já escreve : « Não pretendo desinteressar-me de nenhum dever de brasileiro ou de pernambucano. Sempre considerei a mais singular obliteração do patriotismo, a declaração do partido republicano, de que nada tinha com a abolição, proclamando-a um problema só da monarchia. O patrimonio, o prestigio e o credito do Brazil, a integridade do territorio, a liberdade des cidadãos, a autoridade da magistratura, a disciplina militar, a moralidade administrativa. não são interesses exclusivos de nenhuma fôrma de governo, como não é privilegio de nenhum partido o esplendor da nossa radiante natureza. Não é preciso ser republicano sob a republica, como não era preciso sob a monarchia ser monarchista, para cumprir os deveres de um bom brasileiro. Basta ter clara a noção de que nunca se tem o direito de prejudicar a patria para prejudicar o governo ». Como o jornal de Rodolpho Dantas, sai esse documento de um gabinete de estudo, e não do baixo estrado donde falam os politicantes. Desse homem raro pelas peregrinas qualidades de coração — as melhores de todas — elle traçou num « perfil de jornal » um aspecto do escorço admiravel, podendo acrescentar, como na dolorosa previsão



inconsciente do seu desaparecimento proximo, que « Rodolpho Dantas combinou em si qualidades e faculdades que entre nós nenhum outro joven politico reuniu, e pertenceu a uma escola inteiramente diversa da de todos ». Sua dôr de monarchista, idealizando a figura do seu velho rei morto no exilio, como um Lear abandonado dos seus, faz reviver, num quadro de poeta, « o enterro do imperador », desenvolvendo-se imponente e commovedor desde a capital do mundo em dô até ao seu tumulo familiar em São Vicente de Fôra. « Na nave da Magdalena o cortejo funebre tomára as feições de um congresso do espirito humano... Pela primeira vez se apresentam aos olhos da Europa, conduzindo os funeraes da realeza, as sciencias e as letras... Pariz viu desfilar esse prestito, pôde-se dizer, com essa especie de emoção impessoal que produz uma grande pagina da historia, quasi uma fórmula d'arte. O velho soberano não era conhecido daquellas multidões sinão pela sua legenda, a mais bella que a realeza moderna consêguiu produzir. A glorificação mesma era de tal ordem que substituiu no pensamento de todos a idéa da morte, que é triste, pela da immortalidade, que é radiante. » Da revolução do Rio Grande procura falar « com esse interesse especulativo com que o historiador no meio da sua bibliotheca se



apaixona pelas figuras e lutas do passado ». Mas não se póde exigir d'elle « como só na *Divina Comedia* o exige a justiça divina, dos que assistem á execução dos seus actos, que não sintam compaixão pelas victimas ». Que bellissima generalisação historica, que eloquentê ensaio a sua « significação nacional do centenario anchietano »?

E' uma das mais bellas paginas deste livro, em que quasi todas são bellas. Opulenta de imaginação, de invenção, de idéas graciosas, severas ou originaes, não sei si não é rica tambem de heresias. Literatura religiosa e religião literaria digna de um discipulo de Renan, em que, com infinita arte, refinado gosto, rara elegancia de estylo, qualidades excepcionaes de composição, se dobra e affeição a regra dura, a inflexibilidade do dogma, ao geito das cousas mundanas e deliciosas. « Não tenhamos medo de voltar as costas á liberdade moderna e á sciencia livre, honrando a Companhia de Jesus. A liberdade, em todas as suas manifestações sociaes, não se póde basear sinão sobre a noção do livre arbitrio, e elles foram os grandes sustendores desse principio. Não acrediteis que perigasse a liberdade intellectual nos collegios de que saíram Bossuet, La Rochefoucauld, Montesquieu, Descartes, Diderot, Rousseau e Voltaire... Não serão a religião e a sciencia movimentos, ape-



nas de intensidade diversa, de um mesmo meio — a liberdade — commum ao universo todo? » *De la littérature, de la littérature...* diria desdenhoso o cardeal Nani.

Passemos esse longo e bem informado artigo sobre a rainha Victoria, em que se compraz tão singularmente o seu profundo gosto pelas instituições e costumes politicos inglezes. Sendo principalmente votado á apothese da antes feliz do que grande soberana — e já quasi não pôde haver grandes soberanos — não houve nelle lugar para as manchas e escuros do quadro, todo banhado de uma luz de glorificação. O seu discurso da inauguração da Academia Brasileira poderia ter sido dito na franceza, sem demerito para a illustre companhia. Raras vezes a musa da eloquencia academica terá sido tão feliz na nossa lingua. Mas passemos, e é ainda outro seu delicioso discurso, no Instituto Historico, prodigo na arte magica de inventar para cada um dos socios fallecidos, quasi todos de molina illustração, e todos de reputação muito acima do seu valor real, as mais exalçadoras características, e isso sem cair na banalidade insupportavel de quejandas peças, ali desde longos annos annualmente pronunciadas.

Temos aqui um animado perfil de um diplomata, pensador e poeta chileno, Palma-Tupper. E' ali que elle nota que « as raças levam secu-



los a se formarem; nós, sul-americanos, que aspiramos no seculo XIX á vida superior, quize-mos nascer antes de tempo e por isso ficámos todos fallhos. Os melhores deixam um sulco; nenhum deixa uma obra. Palma pertence a essa lista de insignes *manquês*, politicos, literarios, philosophos, artistas que compõem os nossos dictionarios de biographia nacional. »

Eis aqui as sentidas palavras ditas á beira do tumulo de Taunay, e as commovidas expressões ditadas pela morte de Barros Sobrinho, um desses homens obscuros sem os quaes fôra talvez mais difficil a victoria das grandes causas, como foi aqui a da abolição. Imagens amigas, como a de Soares Brandão ou a de Souza Correia, despertam-lhe outras lembranças, suscitam-lhe outros juizos. E' despedindo-se d'aquelle, conselheiro da monarchia, com todo o siso e a compostura que a função requeria, que o sr. J. Nabuco escreve duplamente saudoso: « O paiz, esse, não morre; e ficará elle eternamente olhando para os monarchistas patriotas, como o grande rio para as esphinges meio enterradas na areia do deserto? » O barão do Rio Branco e o seu novo triumpho do Oyapock, o congresso anti-esclavagista de Pariz — que lhe desperta as saudades das batalhas passadas e a nostalgia da luta finda, caros objectos de um enthusiasmo legitimo, dil-os ambos com-



toda a effusão de velhas e fundas affeições.

E por fim vem Renan, a sua influencia, o seu prestigio, o seu dominio, a sua hegemonia espiri-
tual, ainda forte, evidente, palpavel, apesar de to-
das as denegações contrarias. Oh! sim, *voici ton
maitre, il l'est, le fut, ou le doit être*. Esse capi-
tulo, como *Massangana*, aquella deliciosa pagina
de *Minha formação*, é tirado de um livro que vae
sendo assim publicado aos pedaços. A mim me
não interessa que o autor nol-o dê todo; salvo nas
almas voladas á reformação religiosa da huma-
nidade, um Luthero, ou tambem um Tolstoi,
esses grandes conflictos de consciencia reli-
giosa não me parece tenham uma importancia
consideravel. Desobriego-me de conhecel-os,
quando são um mero caso pessoal, mais de in-
teresse da parochia ou do confessorario que da
communidadade. Não me assombra o catholi-
cismo todo esthetico, todo de imaginação, todo
de poeta do sr. Joaquim Nabuco. Escrevendo,
elle é tão deliciosamente leigo que eu não dou
siquer pela feição religiosa da sua arte. Uma
ou outra figura, um ou outro tropo, uma ou
outra allusão ao dogma ou ao maravilhoso
christão, não me inquietam mais que identicas
imagens mythologicas nos poetas pagaos. Leio-
o com o mesmo deleite que a Chateaubriand ou
a Renan, nas suas paginaes sentimentaes. Oh!
elle pôde protestar como quizer — e a sua sin-

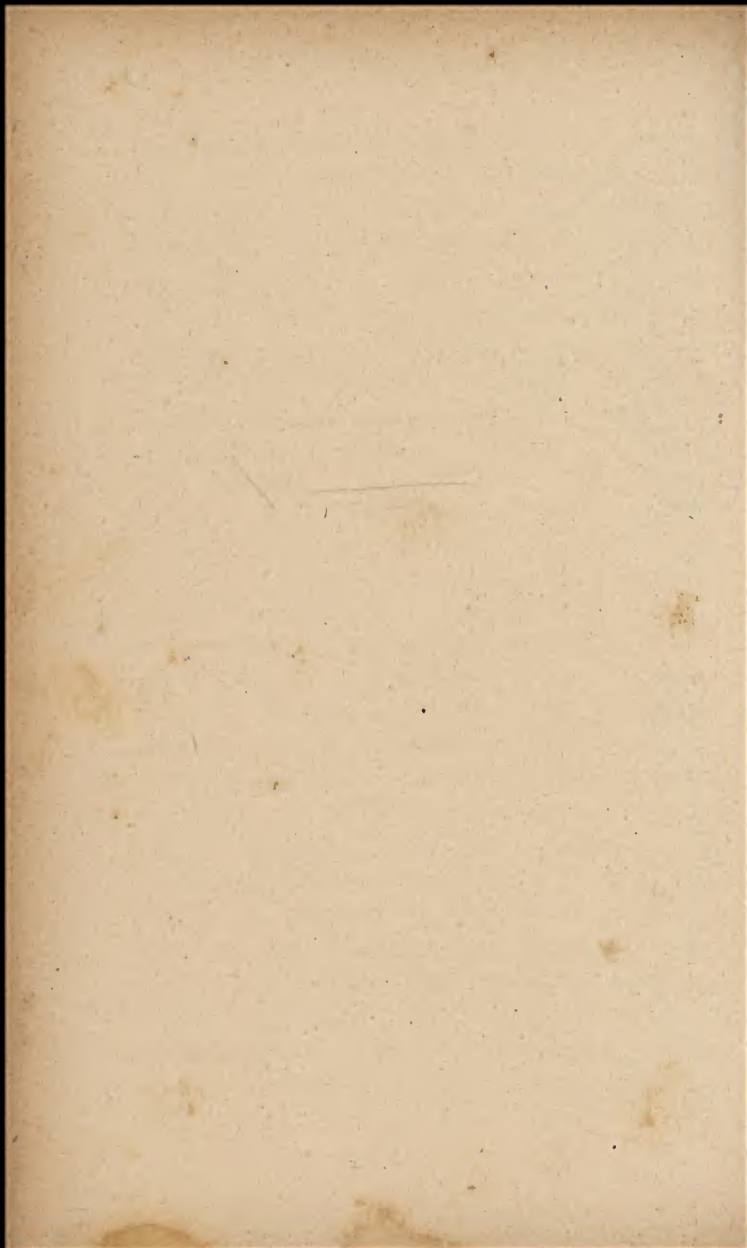


ceridade está de todo fóra de duvida — mas elle continua por muito sob a seducção de Renan; elle o ama ainda mais talvez do que o admira, si um tal amor pudesse ser desacompanhado de admiração. Quando, após havermos estado sob o prestigio fascinante do magno encantador do seculo XIX, falamos ainda delle como fala o sr. Nabuco, declarando lhe haver de todo escapado, é que lhe não escapamos inteiramente. Lá ficou a garra do diabo, luminosa, vibrante, esplendidissima. Em livros e periodicos catholicos, do unico catholicismo que tenho por bom e genuino, li muitas vezes de Renan, mas nunca sinão como um malvado, um infame, um fautor do demonio. Nao é assim que o trata o sr. Nabuco; confessando-se desiludido delle, tem ainda por elle todas as caricias de um enamorado; não se lhe sente mesmo a dôr de romper com elle, porque a ruptura se fez suavemente, sem separação completa. E', como uma mulher amada, quando uma doce amizade substitue o amor apaixonado. A sua confissão rodeada de restricções e attenuações, está ainda cheia da graça de Renan, do encanto delicioso do seu pensamento, da magia do seu estylo, da subtil delicadeza do seu sentimento. Oh! o sr. Nabuco continua a ser um dos « degustadores do falerno opimo que elle nos serviu », e ainda bem, porque o melhor do



sr. Nabuco como escriptor, vem da correlação do seu proprio pensamento com o renanismo. Eu imagino que um sacerdote de severa consciencia catholica, não um desses padres de amavel devoção mundana, cheios de casuistica facil e de indulgentes accomodações, si lhe lesse essa pagina amoravel lh'a anathematizaria como um peccado. Delicioso peccado para os que, como eu, dominados pelo Maligno, espiam, curiosos e sofregos, peccados tão encantadores...





cm

1

2

3

4

unesp

7

8

9

10

11

UMA INNOVAÇÃO NA MÉTRICA
PORTUGUEZA

De Roma nos manda o sr. Magalhães de Azeredo, em nilido folheto, tres elegias A *Leão XIII*, poeta latino.

O que, a meu ver, torna interessante esta nova producção do joven escriptor, hoje um dos mais laboriosos, e por varios respeitoos um dos nossos mais estimaveis homens de letras, não é o seu objecto, o Papa-poeta, nem mesmo o seu autor, por tantos titulos digno de consideração da critica, nem tambem a obra em si, mas a tentativa metrica que por ella se manifesta em a nossa poetica.

Estas questões de metrica e poetica, que não são ao cabo sinão questões de rhetorica, pare-



çiam acabadas e até ridiculas. A reforma parnasiana pol-as de novo na ordem do dia: escreveu tratados, ditou leis; promulgou regras, doutrinou aphorismos, e os poetas e a poesia voltaram á escola, inda ha pouco escarnecida. A reacção contra o parnasianismo, com mais ou menos propriedade chamada symbolismo, sem embargo das suas declarações de independencia, de liberdade, de revolta, das suas pretenções á completa emancipação da inspiração e da expressão poeticas, não escapou ao doutrinarmismo. Ella tambem teve os seus compendios de versificação, tambem editou regras e preceitos, tambem condemnou umas fórmãs e preconizou e applaudiu outras. Mais uma vez se provou que não ha escola, corrente, estylo literario ou poetico sem uma rhetorica correspondente, e que, portanto, a tão malsinada rhetorica não é uma cousa tão artificial e tão futil quanto se dizia. E que o não é mostra-se por não se terem os maiores reformadores philosophicos des- preocupado della. Ha em Kant e Hegel toda uma rhetorica; comprehende-a a philosophia synthetica de Spencer, e o positivismo comtista; este possui uma rhetorica completa, minuda e meticulosa. Augusto Comte regulou até, conforme os assumptos, que numero de partes e capitulos deve ter um livro, quantos paragra-phos deve ter cada capitulo; quantas frases ou



periodos cada paragrapho, quantas palavras cada frase. E á sua rhetorica nem falta a parte da poetica, pois que tambem a composição poetica regulamentou.

As questões de versificação e de metrica, o que se póde chamar a parte exterior da poesia, são agora momentosas para os poetas. Além do que sobre o assumpto apparece em livros, occupam-se frequentemente dellas o que os francezes chamam as revistas da vanguarda. E não se pense que só em França; as mesmas preoccupações verificam-se na Allemanha, na Inglaterra, na Italia e nos outros paizes da mesma corrente de civilização. Um critico mal humorado não se privaria de notar que talvez — e póde ser não puzesse o « talvez » — esta preoccupação das exterioridades da poesia revê uma decadencia do intimo sentimento poetico, um amesquinhamento da inspiração, que se não sabendo renovar pela idéa e sensação, busca ramoçar-se com afeites e novidades de fórma.

Não indagarei da procedencia do possivel reparo; verifico o facto, o que todos aliás já terão feito.

Leão XIII é por inspiração e gosto um poeta latino, comquanto tambem poeta, embora em proporção muito menor, em italiano. Os encargos do seu officio não o fizeram, para falar



uma lingua que porventura lhe seria grata, menosprezar as Camenas. A ser poeta, não devia um papa ser sinão poeta latino; ao seu proprio anachronismo convinha casar o archaismo da sua emoção e da sua lingua poetica. Admiro e prezo a poesia romana; comprehendo, sem ir até á devoção, muitas vezes senil, o apreço, o gosto, a admiração por um Virgilio, um Horacio, pelos elegiacos, e ainda por alguns outros. Nunca mais uma literatura tão pouco original, como a latina, quasi simples reflexo da grega, pode ter o brilho immortal que essa adquiriu. Fóra, porém, do seu tempo e do seu meio e das condições por que ainda hoje nos assombra, nos interessa e nos commove, não posso sentir, em toda a sinceridade o digo, a poesia latina. Admiramos, maravilha-nos, faz-nos talvez inveja a vida de um Lucullo, de um Petronio, ou de quejando patricio romano; nenhum de nós supportaria hoje um dos seus jantares. A hodierna poesia latina é uma cousa eminentemente artificial, postiça, falha sempre como toda a traducção, pois mesmo a de um poeta que possa, como o papa Leão XIII, pensar em latim, não é sinão uma traducção. Tal poesia é uma pura obra de erudição; e como é relativamente facil fazel-a, mostra o ser ou ter sido um exercicio corrente nas aulas de latim, onde com frases feitas dos poetas romanos estudados e o *Gradus*



ad Parnasum todos os escolares faziam versos latinos. Certo os de Leão XIII serão muitissimo melhores, incomparavelmente superiores, mas não serão menos uma obra mais de erudição que de inspiração; como poesia latina, a obra mais de um excellentè versejador que de um poeta. Quem pôde imaginar hoje um Virgilio ou um Horacio? E no entanto os tempos modernos têm poetas tão grandes ou maiores. E' impossivel ser um grande escriptor sinão na propria língua; mais impossivel ainda é ser um grande poeta. Demais a inspiração puramente religiosa, qual a que unicamente é permittida a um papa, nunca deu de si nada verdadeiramente grande em poesia. A historia geral da literatura ahí está para o attestar. E os que lerem o *Cancioneiro* de *Leão XIII*, com o texto latino e italiano, e a excellentè traducção pelo padre Abreu Campo Sancto, si a sua devoção pelo Santo Padre não lhes empannar o senso critico, o reconhecerão mais uma vez. Tanto, porém, quanto poetando hoje em latim é possivel ser um bom poeta, parece que Leão XIII é, sem favor, benemerito deste titulo.

Eu disse, porém, que não é elle que me interessa no opusculo do sr. Magalhães de Azeredo, que sinceramente lastimo enveréde por uma poesia palaciana, de cõrte, da qual todo o seu talento não é capaz de fazer nada de



recommandavel. Como duvidei da possibilidade de um grande poeta latino hoje, duvido tambem que a atmospherá dos paços, falem embora elles á alma de um artista com a voz incomparavel das paredes e adornos do Vaticano e S. Pedro, seja propicia a uma alta e nova inspiração poetica. Para o que quero despertar a attenção dos nossos poetas e dos que, sem o serem, se occupam de cousas de poesia, é para a fórma que ao seu novo poema deu o sr. Magalhães de Azeredo. Explicando a metrica das suas tres elegias, diz elle : « Escolhi como os mais consentaneos ao assumpto os disticos modernos (ou, segundo aqui lhes chamam, *barbaros*) que imitam, não na quantidade está claro, mas no effeito harmonico, os hexametros e pentametros latinos. Esses e outros versos semelhantes se usam, largamente e com bello exito, na lingua italiana. Ao portuguez são perfeitamente adaptaveis... »

Não é a primeira vez que o nosso poeta emprega essa fórma métrica. Em o fasciculo de julho de 1899 da *Revista Brasileira* publicou elle um poema *Em Vallombrosa*, nessa fórma composto, acompanhando-o desta nota : « Creio que ainda se não fizeram em portuguez versos deste genero. Em italiano os têm feito, com uma ou outra modificação, poetas como N. Tommaseo, Carducci, Fogazzaro, D'Annunzio. A mim



parece-me que embora afastando-se das medidas habituaes, conseguiram dar-lhes uma grande harmonia e a grave magestade dos versos latinos. Effectivamente destes se tomou exemplo para os compôr; é claro que em rigor, quanto alguns digam o contrario, se trata, não de pés, mas de syllabas; o rythmo é, porém, o mesmo. Si em italiano são elles possiveis. (já não falando do inglez e do allemão) porque não o hão de ser em portuguez! Tanto mais que, pensando bem, é facil reduzil-os a combinações de metros conhecidos; nestes meus, o primeiro de cada grupo consta de um de seis e outro de oito syllabas; o segundo de um de seis e outro de quatro. O francez pela pobreza de palavras graves, e pela falta de exdruxulos não se accomoda de versos sem rima; já Voltaire o lastimava dedicando a *Merope* a Scipião Maffei.

« Mas na nossa lingua tão cheia e variada, a rima, si é um ornamento delicado e nobre que augmenta o valor das estrophes, e a certos metros é necessario, não se deve, entretanto, considerar, como alguns julgam, em todos os casos indispensavel. O parnasianismo reagiu contra o decassyllabo solto, de que se abusara realmente por muitos annos, como o romantismo reagiu contra o soneto, que pela sua predominancia excessiva nas Arcadias se tornara banal e monotono. Foram, porém, restricções opportunas e



temporárias, não proscricções perpetuas. Afóra casos desses, e não cogitando por certo de escolas ou pequenos cenáculos para mim sem autoridade, eu entendo que todas as riquezas de um idioma devem ser aproveitadas para fim artistico, assim como numa orchestra todos os instrumentos concorrem com as vozes particulares para a belleza geral da symphonia ». E concluia : « Até, si tecnicamente a minha obra literaria, apenas encetada, pudesse aspirar a uma significação, eu desejaria que fosse essa (1). »

Para dar idéa desses versos ao leitor, que acaso os não conheça, copiarei aqui quatro grupos delles :

O' clara e fresca fonte, camena adoravel do bosque,
Tão doces são teus labios como teus hymnos!

De longe vens, de longe, pisando calháus e espi-
Com limpida elegancia, com graça casta. [nheiros,

(1) Cumpre dizer que a tentativa do sr. M. de Azevedo não é de todo nova. O hexametro alternado com o pentametro já foi usado nos principios do seculo passado por alguns poetas portuguezes, particularmente por Vicente Pedro Nolasco da Cunha (1773-1884), hoje em completo esquecimento. J. M. da Costa e Silva, poeta de melhor renome e autor conhecido do *Ensaio biographico critico sobre os melhores poetas portuguezes*, tambem preconizou esta innovação.



Às hervas do caminho teus beijos sem mácula deste;
E em troca ellas te deram os seus perfumes.

O sol candente, a lua, como ella os mil astros da
Pousaram-se amorosos no teu espelho. [noite,

Remettendo-me as suas elegias *A Leão XIII*, escrevia-me o sr. Mágalhães de Azeredo, explicando e justificando a sua innovação: « Eu quero introduzir na nossa lingua esses versos e outros semelhantes, que, já cultivados por um ou outro na epoca do Renascimento em Italia, foram neste seculo renovados por Tommasseo, e triumphantemente impostos por Carducci... Já vê que as bases estheticas são excellentes. Quanto a serem importados da Italia, só ha nisso razão para louval-os; primeiro, porque a propria Italia os tomou das letras latinas, que nos são igualmente maternas; segundo, porque da Italia tambem nos veiu por mão de Camões e outros poetas contemporaneos a oitava real; terceiro, porque o alexandrino e o octosyllabo os recebemos nós de França, e comquanto a lingua desta por indole diste mais da nossa que o italiano, aquelles versos se revelaram logo perfeitamente adaptaveis ao portuguez. Estes meus, como já terá visto no poema *Vallombrosa*, não são menos. Não existindo entre nós a mesma cultura classica e o mesmo conhecimento do latim que ha na Italia, seria arriscado imitar pre-



cisamente, como fez Carducci, todos os typos de hexametros e pentametros dos poetas latinos, segundo o effeito que hoje produzem no nosso ouvido. Mesmo na Italia ha quem combata o methodo de Carducci, e até certo ponto com razão; porque o facto é que se perdeu irremissivelmente a noção do modo como os romanos antigos recitavam seus versos, isto é, das quantidades propriamente *musicæ* que os compunham. Assim, eu escolli entre os hexametros e pentametros, como para as odes, entre os outros versos empregados, aquelles que se podiam reduzir a versos modernos ou combinações de versos modernos, faccis portanto de ser apprehendidos por nós, pelos leitores de hoje. Foi o que fez D'Annunzio, mais ou menos, nas *Elegie romane...* O hexametro *barbaro* que eu uso, consta de um verso de seis syllabas e outro de oito: o pentametro de dois de seis syllabas, sem elisão entre os dois hemistichios (o que o differença do alexandrino) ou de um de seis e outro de quatro, ou finalmente é um simples decasyllabo.»

Propositadamente quiz pôr diante do leitor, especialmente dos poetas a quem mais de perto interessa o assumpto, todas as razões do innovador, ainda, com sacrificio da discrição, aquellas dadas na intimidade de uma carta.

Sem ter feito da metrica nenhum estudo par-



ticular, e sem possuir della siquer o vulgar conhecimento que a pratica do verso dá aos poetas, não estou em todo o caso longe de crer, com Sully Prudhomme, que a genesis da versificação (elle diz franceza, e eu julgo poder estender a observação á portugueza) se explica pela lei physiologica do menor esforço, applicada á acustica da linguagem rythmada. Pessoalmente sinto a verdade do conceito. Mas esta sensação poderia ser apenas uma resultante do habito. Como quer que seja, tenho duvidas sobre a legitimidade da innovação do nosso distincto poeta, apesar dos illustres exemplos e das razões, algumas, não nego, procedentes, com que a justifica. Esses versos ainda me não agradam, por mais que eu sinta a arte que lhes poz, com a sua emoção, o poeta. Dão-me tambem a sensação de que são antes para serem recitados por um recitador excepcional, que os saiba fazer valer, que para serem lidos. Mas, repito, estas impressões podem nãc ser sinão falta de habito, absoluto descostume de ouvido, longamente affeito a outras e diversas sonoridades. Mas, inda com as modificações introduzidas pelo sr. Magalhães de Azeredo, até que ponto pôde ser com vantagem resuscitado nas linguas modernas o verso latino é que não sei.

As elegias *A Leão XIII* são acompanhadas de traducções latina e italiana; e só na latina é



que me pareceram verdadeiramente harmoniosas. A falta da quantidade na metrica das nossas linguas modernas, e que era a base da metrica latina, me parece torna improvavel o exito seguro e definitivo de todas as tentativas de restaurar, mesmo sob a fórma desses disticos modernos, a versificação latina. Diz o sr. Magalhães de Azeredo que elles, não podendo imitar na quantidade os hexametros e pentametros latinos, os imitam no effeito harmonico. E' o que me não parece, pois o effeito harmonico do verso latino provem, si não erro, justamente da quantidade. Que valerão, porém, estas minhas razões contra a prova pratica que nos possam dar poetas da legitimidade da sua innovação, não sei. E as que já deu o sr. Magalhães de Azeredo, si me não convencem de todo, não deixam de abalar-me. Mas esses seus poemas ainda exigem de mim um esforço de attenção, um estudo, um exercicio de ler-os e comprehendel-os. Não nego, antes de boamente reconheço, o que ha de belleza, de bem succedido trabalho esthetico, nestes, por exemplo, da sua terceira elegia :

E' a hora ideal do occaso. Dulcissimo occaso de
As cupulas airoças fulgem no céu ardente; [Roma]
Nas villas, nos palacios, as brancas estatuas parecem
De quasi imperceptiveis fremitos agitadas,
Pela aura vespertina, que aromas de rosas e myrtos
— Pagãos aromas — move. Do Tibre as flavas ondas



No curvo dorso levam o sangue do poente abrasado
— Ellas que tanto sangue de povos já levaram...

mas me parecem ainda pouco naturaes, difficeis, e, francamente, não posso sentir-lhes a harmonia do nosso verso solto por exemplo, para não citar sinão esse verso, como aquelles sem rima. Não é portanto a falta de rima que me faz não os achar ainda bastante harmonicos, e menos melodosos, nem julgo a rima absolutamente indispensavel á poesia, a não ser talvez á franchezza, por condições phoneticas especiaes a essa lingua, reconhecidas pelo sr. Azeredo.

Estas objecções, ou antes reparos, não pretendem, entretanto, contrariar uma tentativa poetica digna de consideração e estima, e, a despeito dellas, quicá legitima. O sr. Magalhães de Azeredo já mostrou aliás que possui a capacidade para a obra de technica poetica, da qual, confessa, quizera fazer, como os Carduccis e os d'Annunzios na Italia, um dos empenhos da sua vida litteraria. Não hesito em reconhecer que alguns poemas seus, como esse soberbo canto do centenario da India, verdadeiramente renovaram a ode portugueza. A innovação de que as elegias *A Leão XIII* são a segunda tentativa publicada, pois que outras existem ineditas e virão breve á luz, faz parte, diz-me elle na carta citada, do seu programma, « que é apro-



veitar quanto possivel todos os thesouros verbaes do nosso idioma, e unir — ah! si o alcançarei um dia! — a paixão moderna ao puro sentimento da belleza antiga. »



CAMARAS E POLITICOS

DA MONARCHIA

Oito annos de parlamento. Reminiscencias e notas
por AFFONSO CELSO, Laemmert e C.

Mais de uma vez tenho tido occasião de lamentar a falla na nossa litteratura das memorias proprias ou alheias, correspondencias, depoimentos pessoaes e intimos, tão curiosos e interessantes á leitura e geralmente tão uteis á historia, quando ao valor documentario reúnem o merito literario da exposição. Pouquissimo, e falho, e na maioria ruim, é o que temos no genero, de sorte que estamos quasi reduzidos a fazer a historia sómente com os seccos documentos officiaes. O pitoresco, os aspectos psychologicos, a vida intima, as feições



familiares das cousas e dos homêns, são elementos quasi impossiveis de pôr na nossa historia moderna por carencia de verdadeiros documentos de vida, que não o são certamente as peças dos protocollos. Os nossos homens publicos não deixam memorias, e os seus proprios papeis, muitos dos quaes em bom direito pertenceriam ao Estado, desapparecem ou escondem-se tão rigorosamente que o mesmo é desapparecerem. Nem, parece, ha quem se preocupe com isso. Caso typico deste deleixo e menos preço é o que succedeu com os papeis do marechal Floriano Peixoto, a grande maioria dos quaes devia naturalmente pertencer aos archivos nacionaes, e que quasi todos seriam interessantes, e muitos fundamentaes, para a apreciação de uma época para cuja falsificação ha grande interesse e manifesta tendencia.

Livros como o que acaba de publicar o Sr. Affonso Celso são excepçoes na nossa literatura, e si o seu não tem maior interesse, não é tanto porque o seu autor não chegou a representar na politica e no parlamento brasileiro papel considevel, como porque não nos conta de facto nada que já não soubessemos. O encanto de taes livros está principalmente na novidade, no inedito, nas revelações das cousas menos sabidas ou intimas, até — e alguns acharão que sobretudo — na indiscrição. Esse



encanto falta quasi inteiramente ao livro do Sr. Affonso Celso, que não tem tambem aquella franqueza e desplante no contar, sem o que as memorias e confissões perdem muito da sua graça. Tudo quanto nos refere é vulgarmente sabido, e a sua educação, o seu temperamento, a sua nimia benevolencia, além da sua singular situação politica, lhe não consentiam sempre julgar homens e factos com o desprendimento e liberdade de espirito e de opinião indispensaveis ao realce dos seus juizos. Não é, entretanto, de todo desinteressante recapitular com o Sr. Affonso Celso os ultimos oito annos das camaras da monarchia, e ouvir as observações de um homem cuja vida parlamentar, apenas em começo, e certamente fadada a uma cheia carreira politica, a queda do regimen cortou.

Não foi agradavel a impressão do primeiro contacto do Sr. Affonso Celso com a Camara :

« Impressionou-me, antes de tudo, a ausencia de gravidade nas relações dos deputados entre si. Ouvia-se nos corredores a mais livre linguagem, contavam-se anedotas improprias, e, sobretudo, falava-se horriavelmente mal da vida alheia, mais da dos amigos que da dos adversarios. Observei defeitos identicos aos notados nas reuniões de estudantes ; intrigas, pequenas rivalidades, invejas, leviandades, sem o entusiasmo e o desinteresse caracteristicos dos



rapazes, mas revestidas, em compensação, de calculo e astucia. Amarga decepção! Será esta a grande politica da minha terra?! — indagava eu, de mim para mim. Affligia-me o que se me afigurava incomprehensão das obrigações contraidas.

« Tudo me parecia levado á ligeira, de modo negligente e confuso.

« Dominava os espiritos a tendencia pessimista. Só se contavam nos grupos narrativas de abusos praticados por autoridades subalternas, queixas, vaticinios desagradaveis. Os ministros eram maltratados sem pena, mesmo ou mórmente por aquelles que os apoiavam.

« No dia do pagamento do subsidio, tornava-se grotesco o espectáculo. Compareciam os menos assíduos. Havia, a principio, luxos, reluctancias fingidas, affectações de se não lembrarem de que iam receber dinheiro. Depois, agglomeravam-se na sala em que o empregado do Thesouro effectuava a distribuição. Que ares theatralmente indifferentes, ao embolsarem as notas! Que sofreguidão noutros! Estes verificam attentamente a quantia. Repetem aquelles conhecidas graçolas: « Eis a verdade do systema representativo... E' o nervo da guerra! Ninguem imagina quanto isto estimula o patriotismo e esclarece as idéas! »

Para quem, como o nosso joven deputado,



vinha da Academia com « a mente povoada de chimeras e illusões », o espectáculo devia ser realmente repugnante ; mas emfim a gente se afaz a tudo, e o Sr. Affonso Celso tem certamente a nostalgia do parlamento. E eu não sei porque elle não ha de voltar para lá. Seu illustre pai, com a sua legitima autoridade do mais eminente dos chefes monarchistas, já facultou, em documento publico, aos seus jovens correligionarios o disputarem na Republica os lugares de eleição popular. Quem sabe o que desse contacto de monarchistas com os republicanos do parlamento poderia resultar para uns e outros e para a causa publica? Seria uma curiosa experiencia politica a tentar, si os nossos costumes eleitoraes de todo se lhe não oppõem.

De cada um dos presidentes do Conselho, que viu passar na Camara, traça o Sr. Affonso Celso um retrato. A maior parte delles não chegam a ser uma boa photographia, e nenhum é uma daquellas soberbas pinturas, pouco reaes talvez mas cheias de vida, feitas pelo Sr. Joaquim Nabuco na vida de seu pai.

Ficam todos num tom médio, no qual aliás não são raras as linhas e traços exactos. Talvez o seu merito esteja em que não fazem sinão reproduzir a physionomia commum de cada uma dessas personagens, a idéa que todos geralmente se faziam ou fazem dellas. Nenhum



traço novo, todos os conhecidos, o que aliás garante a fidelidade da copia, a parecença, ao menos externa, com o modelo. As facecias de Martinho de Campos, os abraços do Dantas, as pilherias de Cotegipe, Paranaguá que « dava mui correctamente o seu recado, desempenhava judicioso o seu papel », os chistes e recursos de Lafayette, a taciturnidade astuta de João Alfredo e todos os trocos miudos da psychologia dos nossos homens politicos do tempo. Ha, porém, nessa galeria de retratos um que se destaca dos outros, com maior relevo, pelo cuidado que em fazel-o pôz o artista: é o de Saraiva. Dizem que a sympathia é um elemento de intelligencia; não sei si a antipathia não o será tambem. De todos os retratos feitos pelo Sr. Affonso Celso o unico que não é inteiramente favoravel ao modelo é o do conselheiro Saraiva, e, como obra de escriptor, é seguramente o melhor. Pena é que para fazel-o pedisse o nosso pintor a Macaulay o seu pincel, do que resulta ser do grande ensaista inglez o que ha talvez de mais notavel no seu quadro:

« Eis um dos nossos homens publicos — assim introduz elle o leitor á visita do seu retrato — mais famosos e de cuja personalidade ainda ninguem instituiu sério exame completo. Ha quem o denomine varão de Plutarcho. Talvez quem o estudar minuciosamente não adopte



sem reservas essa denominação ». O grande merito de Saraiva foi ser feliz. « Sim, Saraiva foi o chefe politico mais feliz dos ultimos trinta annos da monarchia. Nunca encontrou lutas ou difficuldades na carreira politica ». E enumera o seu *curriculum vitæ* de felizardo ; a veneração do seu partido, o respeito do contrario, a illimitada confiança do imperador, para concluir : « Por conseguinte, si o imperio, no derradeiro periodo, seguiu rumo errado e commetteu faltas, a maior responsabilidade cabe a Saraiva, que podia ter orientado de modo diverso esse rumo e evitado taes faltas ». Até as condições especiaes da vida favoreceram a Saraiva « que nunca se achou em situação que pudesse determinar duvidas a seu respeito. Sem filhos, sem parentes proximos, sem zelo partidario, com raros amigos intimos, provido de bens de fortuna, facil lhe era desafiar a calumnia ». Era probro ? Não é isso um merito. « A prohibidade é uma obrigação estricta ; não constitue titulo, por si só, para elevar um homem ás culminancias sociaes e lhe grangear universal consideração ». E depois de relembrar o dito attribuido a Tavares Bastos sobre Saraiva : « Ave de vôo curto, mas sabendo bem onde pousar », resume nesta pincelada, a melhor em todos os seus retratos, a feição do velho homem de estado : « Locomotiva de carros



vasios, Saraiva arrastava após si extensa fila de politicós mediocres, mas devotados, que o acompanhava cegamente em todos os lances, emprestando-lhe aos actos e orações alcance sobrenatural e esposando-lhe não só as idéas como os rancores e prevenções ».

« Locomotiva de carros vasios » é bom, mas sae do diapasão delicado e affavel do livro tão prodigo de elogios e exaltações com todos os proceres do Imperio; dum livro em que se affirma que em 54 ministros com quem em oito annos de parlamento tratou o auctor, « nenhum ascendeu ao governo sem algum titulo, por mero favoritismo ou capricho », e das centenas de deputados que « sabiam todos, mais os menos bem, dizer duas palavras em publico ». Ninguém, que conheça a epoca e a gente, aceitará qualquer destas proposições do Sr. Affonso Celso.

Os seus perfis de ministros, como os dos oradores, afóra a banal pareença, que em geral é completa, não têm tambem nenhum vigor de traço que nos faça perceber sob as vulgares feições physionomicas um character, uma alma. Ferreira Vianna, um dos bons, é « um completo actor da tribuna ». — O escriptor insiste sobre o comportamento deste homem politico, conservador, monarchista, respeito ao imperador. Por mais de uma vez refere « as suas



terríveis e lendarias apostrophes : — O Imperio é o *deficit* ; quarenta annos de oppressões e usurpações ; o principe conspirador ; Cesar caricato e outras... » E dos seus discursos : « Afinal de contas, no conjunto, era iconoclasta e destruidora a acção desses discursos. Conservador, não cessava Ferreira Vianna de desfechar tremendos golpes contra as instituições imperiaes, buscando desconceituar sobre tudo, directa e individualmente, o monarcha ». Não talvez sem alguma leve malicia nota o Sr. Affonso Celso que « apezar da seriedade com que Ferreira Vianna a miudo manifestava seus sentimentos religiosos, de cuja sinceridade não é licito duvidar, ninguem alludia sem sorrir a similhantes manifestações ». Tem talvez razão o Sr. Affonso Celso quando, notando que « a arte refinada deste eminente mestre da palavra muito encantou e divertiu seus contemporaneos », observa que « quem mais se encantou e divertiu com ella foi o proprio orador ».

No julgar os homens e as cousas, tem o Sr. A. Celso processos de apreciação por exclamações que me parecem pouco recommendaveis. De Lafayette : « Inimitavel nas respostas ás interpellações que se multiplicaram no seu governo ! » — « Indiscriptivel o effeito causado por aquelle discurso, de que se citam até hoje pedaços inteiros ! » Do ultimo discurso de Cote-



gipe : « Quanto vaticinio desse nobre e corajoso discurso não se effectuou ! » Do grito de *Viva a Republica!* do padre João Manoel : « Imagine-se a agitação produzida ! » De Andrade Figueira : « Admiraveis a sua hombridade e o seu civismo ! »

Não é perfeitamente edificativa a impressão que nos dá o ex-deputado da monarchia das suas Camaras e dos seus collegas, e si é justa, não será sensível para peor a differença na Republica. Nota-lhes a *pose*, a pretenciosidade, a tola convicção de innegável merecimento, de aptidão para qualquer cargo. Mostra-os bajulando os jornaes e os seus mais subalternos agentes, intimos dos reporters por amor de vêrem seus nomes nas folhas. Pinta-os assíduos junto aos poderosos do dia, esforçando-se por adquirir intimidade em casa dos ministros, fazendo-se até serviçaes das familias destes. Uns julgam rélevantissimos quaesquer discursos que profiram, fazem-nos transcrever nos jornaes, publicar em folhetos ; outros fazem-se impene-traveis, importantes ; outros arvoram-se em Catões, e da sua assoallhada honradez fazem factor da propria elevação ; aquelle é o deputado trefego, intrigante, novelleiro, enredeiro ; este apenas diverte-se, desfructa a Côrte, levando vida de solteiro, com a familia na provincia ; alguns fazem economias residindo nos andares



altos de casas commerciaes, comendo á mesa dos caixeiros. Mas é vasta a galeria do Sr. Affonso Celso e eu não tenho espaço para ella. Pelo que della aprendo, vejo que não ha nada mudado na Cadeia Velha ; outros nomes, as mesmas pessoas. « No commum, faltava aos discursos senso pratico e descortino ». Não havia sessão nos sabbados, e o escriptor instruenos que isso « decorria da indole do systema ».

Depois de nos dizer que a causa immediata do levante de 15 de Novembro foi a perversão politica que fez dos conservadores os autores revolucionarios da abolição em 5 dias, conforme viu Cotegipe, e verificar que o ministerio Ouro-Preto veio tarde, quando toda a disciplina estava abalada, reconhece o Sr. Affonso Celso que « a aspiração republicana vinha de longe, que a Republica, como a abolição, teve causas geraes e profundas, longos antecedentes ». Em um capitulo especial, « prodromos da Republica », prova elle da maneira mais evidente e com um rico apanhado de factos, que a Republica era uma aspiração nacional, e portanto, penso eu, inevitavel. « Todos os politicos, repete elle com a sua autoridade de monarchista posterior á monarchia, concorreram para a Republica, deste o soberano até ao ultimo deputado... » E depois de citar factos e expôr considerações, que lhe justificam o asserto, escreve :



« Nas denominadas fileiras monarchicas, a fé e o enthusiasmo haviam geralmente desapparecido. De ha muito se cogitava na possibilidade da republica ». E, respondendo aos que lhe attribuem o triumpho « exclusivamente aos suppostos erros do ministerio Ouro Preto », affirma: « Quem percorrer os *Annaes* sentirá o lento caminhar da idéa, cuja victoria podia ser adiada, ou encaminhada a ponto de não produzir grandes males, mas era fatal ». Em summa, esse capitulo é, em toda a nossa litteratura politica posterior á republica, o melhor arrazoado que conheço a favor do seu advento, e não percebo que quem o escreveu possa logicamente ser um intransigente monarchista. Não esqueço, porém, que a logica nada tem a fazer com o sentimento.

Tive já occasião de notar no talento do Sr. Affonso Celso um instincto pratico, que se revela ainda nos seus livros de pura litteratura, e até de poesia como *Giovanina* e *Lupe*. Verifico-o ainda neste, que conclue por uma especie de « manual do perfeito deputado ». Aviso aos nossos parlamentares.



OS JESUITAS NO PARÁ

Os Jesuitas no Grão-Pará Suas missões e a colonização por J. Lucio d'Azevedo, Lisboa, Tavares Cardoso e Irnãõ.

Quando os jesuitas, em 1653, pretenderam estabelecer-se no Pará — depois da catastrophe da primeira missão que com o seu chefe, o padre Luiz Figueira, pereceu quasi toda, em seguida a um naufragio, ás mãos do selvagem Aruan, em Marajó — os moradores da cidade, comquanto não passassem talvez de cem, oppuzeram-se formalmente ao seu proposito. Oriunda na maioria do Maranhão e do Brazil, aquella gente estaria já escarmentada dos padres da Companhia com indios e colonos. Assim, não foi sem custo que a camara de Belém consentiu afinal que elles — e este era



o habitual pretexto da sua entrada — abrissem aula de latim e doutrina para os filhos dos brancos, obrigando-os entretanto a assignar um termo de que se não intrometteriam com os escravos dos colonos, nem com a administração dos indios. Certamente o padre João de Souto Maior, quando firmou este compromisso, fez as necessarias reservas mentaes; sem o proposito de quebral-o, logo que ali fossem estabelecidos, não tinha para elles nenhuma importancia e merecimento a sua entrada naquella terra de tão rica gentildade. E mal postos nella, e a despeito do pactuado com os seus habitantes, começaram a luta que devia dar á historia do Pará a sua feição dominante, e, com certeza, a mais dramatica e interessante.

Esse longo e quasi ininterrompido conflicto de um seculo, que só terminou com a expulsão dos jesuitas da capitania e extincção da companhia, é o principal objecto do forte volume em oitavo do sr. João Lucio de Azevedo. O autor deste livro de raro merito é um luso-brasileiro. Filho de Portugal, veio menino para o Pará, e ali se criou no commercio, onde, casando excepcionalmente um peregrino talento literario a um seguro tino mercantil, prosperou. E', como o seu compatriota Manoel de Mello, um autodidacta; como este, apenas talvez com mais imaginação e mais sentimento



de arte, de uma extensa e segura erudição, applicada principalmente aos estudos historicos, em particular á historia da terra que adoptou por sua e onde constituiu familia. Para trabalho de tanta monta como este, eusaiara-se galhardamente o sr. Lucio d'Azevedo, com um volume, publicado no Pará em 1893, *Estudos de historia paraense*, que era já a obra de um escriptor feito, e mais que a promessa de um historiador. Os *Jesuitas no Grão-Pará* cumprem plenamente essa promessa. Quaesquer que sejam os reparos que se lhe possam fazer, não creio sejam taes que lhe tirem o merito de ser um dos raros livros de historia verdadeiramente notaveis ha muitos annos escriptos no Brazil, pelo acurado, sério e largo do estudo, pela sciencia do assumpto, e pela excellencia da composição e da fórma.

A historia dos jesuitas no Brazil tem sido feita com a precipitação e descuido com que tem sido por via de regra elaborada toda a nossa historia. Um grande historiador francez nosso contemporaneo e um dos maiores do seu seculo, Fustel de Coulanges, dizia que « para um dia de synthese, precisam-se annos de analyse », e todos podem sentir a justeza do conceito. Nós, a quem a analyse é difficil, por demandar tempo, esforço, estudo, quasi começamos o nosso trabalho historico pela synthese,



antes de qualquer trabalho critico dos textos e documentos, antes do trabalho preliminar da erudição minuciosa e segura. Encetados por um ou outro erudito, e entre todos cumpre, contemporaneamente, destacar o nome do sr. Capistrano de Abreu, não lograram esses labores transformar-se em uma corrente seguida e que se generalizasse a todas as partes da nossa mal estudada historia.

Sem pretender diminuir o importante papel dos jesuitas nella e na civilização brasileira, creio que o estudo mais profundo da sua acção aqui, si o não reduzisse de muito, o poria á melhor e mais verdadeira luz que aquella a que habitualmente a vemos. Para exagerar a sua influencia, basta o facto de serem elles, entre todas as ordens religiosas que para cá vieram, a commuidade mais literaria, que mais de si falou, que mais contou e louvou os seus proprios feitos. Si obraram mais que nenhuns outros, tambem mais que nenhuns outros falaram e escreveram, não deixando por mãos e bocas alheias a narração dos seus actos, o encomio das suas proezas. Palavras, faladas ou escriptas, são uma grande força. E póde-se sem exagero dizer que, em certos limites, sómente com o que deixaram escripto os jesuitas, é possível escrever a historia do Brasil e que principalmente com isso tem ella sido escripta. Não



admira, pois, tenha sido viciada por uma evidente parcialidade pelos padres da Companhia de Jesus. E' natural que ao homem caiba na pintura o melhor papel: o pintor é elle proprio.

Desta insufficiencia de estudo, poderia resultar outro inconveniente, o de, julgando as cousas do passado com as nossas convicções e sentimentos presentes, faltarmos áquelles padres com a justiça e o reconhecimento exacto do que aqui fizeram. A ambos estes precalços parece-me escapou superiormente o sr. Lucio d'Azevedo, e este não é o menor merito do seu livro. Não escrevendo uma historia geral do Pará, não lhe cumpria dizer qual a acção das differentes religiões, das Mercês, da Piedade, dos Capuchos, e outras, que ali concorreram com os jesuitas na obra da catechese e da evangelização; não foi tão somente talvez, como parece, mas foi seguramente muito menos consideravel, e sobretudo muito mais modesta. A obra dos homens vale tambem pela somma de immodestia que elles lhe põem. E os roncadores não têm sempre a sorte que lhes attribue um grande roncador o padre Vieira. Como quer que seja, o papel dos jesuitas no Pará sobrelevou sem duvida pela sua importancia effectiva ao de qualquer das outras religiões; mas principalmente foi a todos superior pela



importancia social e politica que teve na historia da capitania, que em certo momento tomou a dianteira á do Maranhão, e, mais, pela sua repercussão directa e effectiva na politica da metropole. Na verdade, como demonstra o sr. Lucio d'Azevedo, é a resistencia dos jesuitas do Pará ás suas reformas, á Companhia do Commercio, á liberdade dos indios, ao assentamento dos limites com as possessões hespanholas, que determina e precipita a acção de Pombal contra elles, quando para acolá mandára executar os seus disgnios e decisões o seu proprio irmão e amigo querido, Francisco Xavier de Mendonça Furtado.

E' de vêr como os jesuitas do Pará, e já então nenhum nome ali havia que saisse da obscuridade, incommodam o todo poderoso ministro, como o zangam e exasperam. Não é mais a hostilidade do estadista convencido de que o bem da nação exige a demissão desses padres da sua funcção e até a sua expulsão da capitania; sente-se nelle a raiva do homem, o odio do sectario, a colera perversa do potentado a quem pretenderam resistir. São esses ruins e mesquinhos sentimentos que accenderão a fogueira do já louco Malagrida, o ultimo talvez dos missionarios jesuitas do Pará, em cuja alma reviveu a flor mystica da idade heroica da catechese.



Pouco depois de haver o padre Souto Maior, vencendo a resistência dos paraenses, com a promessa de se não metter com negocios de indios e colonos, assentado a modesta casa da Companhia no Pará, desembarcou ali o padre Antonio Vieira. Que vinha fazer naquelle « rincão da America », naquellas « quatro choupanas » com o nome de cidade, como della diria depois, aquelle homem extraordinario, já festejado de monarchas e grandes da terra? A disparidade entre a situação social e religiosa de Vieira, o seu proprio character certamente amigo dos grandes papeis e dos grandes scenarios, e a elles affeito, os seus antecedentes e essa mofina posição de obscuro missionario do Pará-Maranhão, quando aquillo era ainda uma das somenos possessões portuguezas, tem embaraçado quasi todos os que delle se occuparam. Atribuir o seu procedimento puramente á vocação religiosa, a um rasgo de devoção como o que fez os Figueiras e os Anchieta, é um processo commodo de biographos mais panegiristas que historiadores. Não é licito contestar-lhe a dedicação completa, o devotamento ardente, a alta honestidade com que se empenhou na obra das missões. O padre Antonio Vieira era dos que, em quaesquer circumstancias, se dão todos em tudo, e não regateiam o seu esforço á proporção da empreza ou do



espectaculo. E' verdade que lhes sobra em geral a imaginação para avultar uma e outro, até á satisfação do seu amor proprio. Os sermões com que elle assombrava os seus mesquinhos ouvintes das rusticas igrejas de S. Luiz e de Belém não eram menos cuidados que os pregados ao escól da cõrte portugueza, nos seus templos magnificos. Por sobre as cabeças pardas da caboclada sandia, e maltrapida, e do rudo colono, que lhe não perceberia talvez as indirectas, as allusões, as malicias, e menos os equivocos, apertados ali entre ás grosseiras quatro paredes mal rebocadas da miseravel capella de tejuco e palha, elle certamente via a cõrte esplendorosa que, nos templos cheios de luz e ouro, sentira tantas vezes vibrante e commovida sob o seu verbo eloquentissimo. Ao cabo, da sua palávra facunda o que porventura mais o interessaria era o seu éco a milhares de leguas dali. Sabem-se as irresoluções que á ultima hora assaltaram o animo de Vieira, já hesitante entre vir á sua missão e ficar em Lisboa, e querendo talvez provocar uma ordem real que o obrigasse a ficar.

Foi um transe cruel por que passou a sua alma, um momento de desfallecimento, que lhe não impediu aliás de, resolvido o caso pela vinda, entregar-se com toda ella á sua missão. O sr. Lucio d'Azevedo porventura desco-



bre os motivos que trouxeram o padre Vieira, no apogeu da sua celebridade e gloria, ás missões do Maranhão. « A subita retirada da politica, escreve elle, e a resolução de voltar á America, foram-lhe talvez impostas pelo geral. Era costume na Companhia apear os padres quando chegavam á mais elevada proeminencia politica, mas aqui é de crer tivessem parte instancias do gabinete de Madrid. Nas contendas diplomaticas, Vieira era um temido adversario. Em Roma, o embaixador duque do Infantado, desesperando de vencel-o, mandara attentar-lhe contra a vida: o jesuita salvou-se pela fuga. Que muito era agora que o retirassem das funcções politicas, e o fizessem partir para um remoto exilio? » E, depois, mais affirmativamente, não sei aliás, si com sufficiente fundamento: « Mallograda a sua partida com a frota, julgava-se elle talvez exonerado de toda a obrigação... Interveiu a autoridade dos superiores desacatada, e indubitavelmente a razão de estado, pelo compromisso com Castella. » Não acredita o historiador, e eu com elle, na sinceridade da vocação de Vieira de vir ao Brazil catechizar indios. Esperou até o ultimo momento uma contra-ordem do paço ou dos superiores. E viu, certamente pezaroso e resentido, « sumir-se no horizonte Lisboa e a terra da patria, que por assim dizer o expellia



de si. Então no abatimento dessa hora de angustia, uma revolução principia em seu intimo. *Venceu Deus!* diz elle escrevendo ao principe d. Theodosio. *Eu agora começo a ser religioso!* exclama com orgullo no Maranhão». Si a missão de Vieira no Pará-Maranhão não tem a unção da de um Anchieta, e de outros mais obscuros, mas não menos pios evangelizadores do nosso indio, nenhuma talvez a exceda no esforço, na dedicação, no inteiro sacrificio com que a ella se entregou, padecendo privações. soffrendo injurias e contrariedades de toda a ordem, affrontando intemperies e inhospitos caminhos, tribus selvagens e, talvez mais que tudo, a constante má vontade, ou antes hostilidade manifesta, dos colonos que por fim pegaram d'elle e em um ruim calhambeque o mandaram expulso e vilipendiado para Lisboa.

A historia colonial da America, não só portugueza como hespanhola, é mais um documento da incapacidade das leis para reger os costumes ou estabelecê-los. Tudo o que de mau nas suas relações com o indigena cometeram os portuguezes, e os hespanhóes ainda mais do que elles, foi feito na vigencia de uma legislação liberal e humana. Foram muitas, e bem inspiradas em geral, as leis e decisões com que os reis portuguezes pretenderam garantir os seus subditos selvagens do Pará-Maranhão



contra a cobiça e a maldade dos seus subditos civilizados e christãos, sem entretanto jamais o conseguirem. Outra noção que se tira do estudo desta época, é da não suspeitada effectiva fraqueza desse governo absoluto, realmente impotente para fazer respeitar as suas deliberações, e cedendo sempre diante das exigencias das populações, representadas pelas suas camaras. Não é menos de notar a energia, direi mesmo a capacidade e a intelligencia, com que estas, em mesquinhas cidades como Belem e S. Luiz, arcavam não sem vantagem, até sob o aspecto da fórma e da doutrina, com um lutador da força do padre Antonio Vieira, achando argumentos que o confundissem e frases que finamente o ferissem. Não me pareceu que o sr. Lucio de Azevedo desse bastante relevo, como talvez merecia, a este aspecto do conflicto.

O conflicto, esse era inevitavel, porque, como assenta com razão o sr. Lucio d'Azevedo, o preconceito geral da população fazia consistir toda a riqueza do Estado na escravização dos indios, e contra esta, apoiados nas leis do reino, muitas dellas obra sua, levantavam-se os jesuitas. Nesta sua campanha pela liberdade dos indios, ha duas partes bem distinctas que o livro do sr. Lucio d'Azevedo perfeitamente destaca. A primeira, a heroica, toda desinteressada, em que os fervorosos missionarios,



inteiramente consagrados á catechese e á defesa da liberdade dos selvagens não cedem, no que a esta respeita, sinão nos termos das mesmas leis, ou no que fôra demasiada justiça não ceder; a ultima, em que influenciados já pelo meio, perdido o primeiro estimulo desinteressado, cedendo ás circumstancias, tomados de um espirito de soberba e ambição, transigem com os vicios da terra, exploram elles tambem o indio, chatinam, e acabam finalmente por ser os adversarios mais resolutos e temiveis daquella mesma liberdade dos indios de que haviam sido os apostolos, quando a mão potente de Pombal quiz emfim definitivamente realizal-a. Naquella primeira phase, que não durou talvez mais de vinte annos, o padre Antonio Vieira podia desafiar indignado os detractores da sua sociedade a que declarassem em que os padres occupavam e divertiam indios, si tinham engenhos, si tinham cannaviaes, si tinham lavouras de tabaco, si agricultavam ou beneficiavam alguma droga naquelle estado, « mas depois, escreve o sr. Lucio d'Azevedo, com a sobeja razão que lhe dá o seu estudo, respondem a estas interrogações as cartas régias, permittindo aos religiosos receberem do reino mercadorias, e embarcarem géneros do paiz, mesmo durante o tempo dos monopolios; responde dali á cem annos o arrolamento dos



bens (da companhia, feito por ocasião da expulsão dos padres); respondem em todo o tempo as reclamações dos habitantes, e frequentes vezes as advertencias do geral da companhia ».

Responde mais, posso accrescentar, todo este livro dos *Jesuitas no Grão-Pará*, superabundante de provas da veniaga jesuita, na segunda phase da sua historia e dominio no Pará. De facto, a primeira phase, heroica e desinteressada, é a de Vieira. Os seus successores ainda continuaram a luta, é certo, mas já sem aquelle ideal superior de completo dominio espiritual do indio, e, por esse, do proprio dominio temporal, sonho que o grande padre sonhou, e sem o altivo desprendimento dos bens terrenos, ainda como factores daquelle proposito. Que esta é a justificativa dos padres desta nova concepção: que as fazendas que amanhã, o cravo, a baunilha, o cacáo que exportam, as mercadorias importadas que revendem nos seus collegios transformadôs em armazens, o algodão que fazem fiar pelas mulheres indias, assim fabricando moeda, porque novellos de algodão eram a moeda do Estado, era tudo applicado á manutenção das aldeias. « Ali tinham o seu imperio que queriam dilatar, como uma tentativa brilhante que era, como uma esplendida conquista da fé. A isto tendiam seus esforços e não



á satisfação da ignobil cobiça que seus defectos lhes exprobravam. Entretanto, apertados entre uns e outros, padecendo violencia de ambas as partes, eram os indigenas os sacrificados. »

Convenhamos que era quasi, poderíamos mesmo dizer de todo impossível, que o não fossem, e, como reconleece o sr. Lucio d'Azevedo, entre os dous que lhe disputavam a posse e os serviços para elle ainda o melhor senhor era o jesuita. E si a historia ha de attender ao ponto de vista do indio, e não ao da civilização que, bem ou mal, eram os colonos que representavam, certamente aos jesuitas ha de dar toda a razão contra estes. Não que a escravidão com os padres fosse isenta dos males que lhe são inherentes; tambem nas suas casas e aldeias havia castigos barbaros e trabalho violento e demasiado, mas em todo o caso era ella mais suave — si havemos de admitir suavidade na escravidão — que no dominio do colono. E a historia póde reconhecer, com o sr. Lucio d'Azevedo, que si o indio não foi totalmente extincto no Pará, si se conservou o bastante para servir de factor principal da população daquelle estado, o instrumento efficiente da penetração do seu territorio, do desbravamento do seu sólo, do aproveitamento das suas riquezas naturaes, isso se deve aos jesuitas. Sem elles,



sem a resistencia que oppuzeram á exploração desordenada e devastadora do indio pelos colonos, o indio teria sido logo extinto, e a verdade é que sem elle a colonização, o povoamento, o aproveitamento daquellas regiões houvera sido impossivel.

Este é o grande serviço dos jesuitas ao Pará; sómente elles não tinham em mente prestalo nestes termos. O seu pensamento era certamente outro, e posto com toda a clareza de manifesto pelo livro do sr. Lucio d'Azevedo. No ardor da sua fé, na fervorosa e desvairada devoção por seu instituto, elles pensaram em fazer de toda aquella gentildade cousa sua. « Quem tiver o indio, escrevia o padre Antonio Vieira, terá o Estado ». E tudo fizeram para o ter. Pena foi que o sr. Lucio d'Azevedo, pondo um pouco de pitoresco, que talvez falte ao seu bello livro, não nos houvesse descripto uma daquellas numerosas e interessantes missões jesuiticas. Teriamos visto a obra intelligente e pertinaz para açambarcarem o indio e furtal-o ao dominio do colono, segregal-o da sua convivencia, afastal-o da sua influencia, apartal-o á sua civilização. Para isso vedavam-lhe ciosamente todo o contacto com os brancos, e para melhor isolal-o não lhe deixavam aprender o portuguez, servindo-se elles proprios em todas as suas relações com o indio da lingua tupi, que ensinaram, como



lingua geral, aos mesmos selvagens que a não falavam. Com este pensamento — que, por extraordinario, tem sem duvida a sua grandeza — e com terem por fim conseguido acumular bens enormes para a terra, serem dominadores de numerosas aldeias, donos de milhares de escravos, e proprietarios das mais ricas fazendas e engenhos do Estado, encheram-se de uma tal soberba que perderam a noção da realidade e desvairaram. Estado no Estado pretendiam ser. Correspondendo plenamente ao unanime sentimento da população paraense, e satisfazendo inconscientemente, como força cega que em geral são os estadistas, as necessidades do progresso, Pombal os destruiu. Tambem o effeito util dos jesuitas estava produzido.

Essa luta de um seculo entre o espirito theocratico e o espirito leigo constitue no scenario da nossa historia todo esse drama interessante e por vezes pathetico, que se lerá com proveito e aprazimento no livro distincto do sr. Lucio d'Azevedo.



ALGUNS LIVROS DE 1901

Ave-Maria, versos lyricos por LUIZ GUIMARÃES (filho), Rio de Janeiro, Laemmert e C. — *Rosa Mystica*, symbolo tragico de JULIO AFRANIO, Leipzig. *O Urso*, por ANTONIO DE OLIVEIRA, Sorocaba, casa Durski, 1901. — *Horas do bom Tempo*, por LUCIO DE MENDONÇA, Rio de Janeiro, Laemmert. — *Palavras que o vento leva*, por GUERRA Duval, Bruxellas, 1900 — *George Mareial*, por VIRGILIO VARZEA, Lisboa, Tavares Cardoso e Irmão. — *Uma pagina do « Quo Vadis »*, sonetos por LUIS GUIMARÃES (Filho). Rio de Janeiro, Laemmert e Ca. — *Festas, tradições populares do Brazil*, por MELLO MORAES FILHO. Rio de Janeiro, H. Garnier.

Mais talvez que nenhum outro aspecto da vida social, resente-se a literaria das condições do meio e do momento. Isto posto, não era de esperar que a nossa vida literaria tivesse no anno de 1901, a que este livro se refere, mais vigor, mais



intensidade, mais riqueza e brilho do que leve. Apesar da sua mesquinhez, póde não ser de todo vão examinal-a nas suas principaes manifestações, procurar descobrir-lhe alguma feição característica, ou siquer notavel, si a tem, e, si tanto fôr possível, fazer-lhe a synthese. A critica, porventura mais que outra indagação de ordem theorica, não deve esquecer jamais o conceito que o philosopho tinha pelo unico principio absoluto, de que tudo é relativo. Por isso aquella incontestavel — e, até certo ponto, natural — mesquinhez não deve ser motivo de menosprezo da vida literaria nacional, que, miseravel ou opulenta, é sempre uma manifestação, unica representação della, e, como tal, interessante. Só uma especie de bairrismo literario que, com todo o meu amor pelas letras patrias, absolutamente não tenho, póde pretender que uma nação nova, apenas civilizada, na maxima parte. analphabeta, de escassa, superficial e deficiente cultura — e de facto, em que pese á quasi unanimidade da opinião contraria, pobre — possua uma literatura que se aproxime siquer da dos povos na posse de todas essas condições, que nos fallecem.

Com excepção dos governantes, sempre em toda a parte, em todos os tempos, até nas vespas e na imminencia das revoluções e das catastrophes, optimistas, todos sabem e sen-



tem as desgraçadissimas condições, materiaes e moraes, do nosso paiz. E desta vez não é um lugar commum das opposições politicas, « coisa que não ha », como de christãos dizia muito bem o D. João do poeta portuguez, sinão factó real, incontestavel, tangivel por assim dizer. E' claro que em tal momento a literatura, a poesia, a alta cultura do espirito, os estudos liberaes, as artes tanto da escripta como do desenho, não podem absolutamente florescer. Já é assombro que não desapareçam de todo, e que contra as circumstancias do meio e do momento teimem em viver. Não ha talvez maior prova de que são, digamos assim, uma função social necessária, a representação de alguma sorte não deliberada e proposital da mesma sociedade, mais do que o factó da vontade individual.

Não sei si não se poderia chamar á literatura brasileira, tomada a expressão no seu sentido mais comprehensivo, um factó consuetudinario, si posso dizer assim, da nossa mesma existencia de povo differenciado do portuguez pelos cruzamentos, pelo clima e demais condições, tanto physicas como moraes, do meio. E esse factó é por tal fórma constante e evidente através da nossa historia, que qualquer que seja o seu valor como manifestação da nossa nacionalidade, por minimo que seja o seu merito sob o aspecto



esthetico, ainda, observador menos disposto a lhe exaggerar a importancia, não o póde desconhecer. Pouco intenso, sempre defeituoso, quasi nada original, embora, o phenomeno literario existe aqui. Antes de ser a espontanea manifestação do nosso proprio sentir, elle foi a continuação, a herança si quizerem, da tradição literaria portugueza, a alguns respeitos riquissima. A ella, creio, devemos a nossa predisposição literaria; é ella talvez o principal fundamento e estimulo da nossa producção espiritual nos seus começos, isto é, na época essencial das origens. Creada por ella, a nossa disposição literaria, ainda em antes que se manifestasse como uma definição da gente nova aqui em formação, só teve de desenvolver-se sob a influencia de outros factores, procurando naturalmente cada vez differenciar-se mais, conforme se differenciava a sociedade cuja revelação era. Porque ainda a falta de originalidade, de caracter, de força mental ou de vigor imaginativo patenteia correspondentes falhas do espirito nacional.

Entremos, porém, em a nossa revista. Literariamente o anno de 1901 não se póde dizer fosse fertil, nem ao menos daquella fertilidade esteril de que falou um critico hespanhol, boa expressão que já mais de uma vez tive de applicar á nossa producção literaria.

Em todas as literaturas, é hoje o romance, a



epopéa da vida democratica e burguezia moderna, o genero predominante e mais numeroso. O verso vem depois. Em a nossa acontece o contrario : os livros — eu diria melhor os folhetos — de verso são a nossa produccão mais copiosa, incomparavelmente mesmo mais copiosa que qualquer outra. Não pretendo dar aqui uma resenha ou estatistica exacta dos livros apparecidos no anno de 1901, sinão só daquelles que recibi, li e me occupei nas minhas revistas literarias semanaes. Certamente muitos não chegaram ao meu conhecimento. Livros de versos — na grande maioria folhetos, repito — conto trinta : *Amaryllis* por Cicero Leal (São Paulo); *Estrophes* por Freitas Guimarães (S. Paulo); *Ave Maria* por Luiz Guimarães Filho (Laemmert e C.); *Mementos* por Garcia Junior (Laemmert e C.); *Ephemeras* por Adherbal de Carvalho, (Aillaud, Paris); *Palavras que o vento leva* por Guerra Duval (Bruxellas); *Rondas nocturnas* por Mario Pederneiras (Laemmert e C.); *O Cavalleiro do luar* por Gustavo Santiago (Rio); *Sombras* por João Coutinho (Rio); *De Amor* por Jayme Guimaraes (H. Garnier); *Uma pagina do Quo Vadis*, por Luis Guimarães Filho (Laemmert e C.); *Poesias completas* por Machado de Assis (H. Garnier); *Poema de maio* por Rodrigues de Carvalho (Ceará); *Horas mortas* por Guimarães Passos (Laemmert e C.); *Poe-*



ma da morte por Emilio de Menezes (Laemmert e C.); *Tabernaculos* por Augusto Cavalcanti (Laemmert e C.); *Campesinas* por D. Eduviges de Sá Pereira (Recife); *Vermes* por Lopes Netto (Minas); *Lyra de hontem* por Chichorro da Gama (Rio); *Alma em flor* por José Henrique (Recife); *Sulamites* por Marcio Cavalcanti (Rio); *Poesias* 3ª edição por Carlos Coelho (Aillaud, Paris); *Profissão de fé* por Azevedo Cruz (Campos); *Elegias a Leão XIII* e o *Poema da paz* por Magalhães de Azerêdo (Laemmert e C.); *Sombras* por Julio Salusse (Rio), *Sonho* por Thomaz Lopes (Laemmert et C.); *Hellenos* por B. Lopes (Rio); *Torre de Marfim* por Tristam da Cunha (Paris); *Magnificat* por Orlando Teixeira (Rio); *Musica Saera* por Mario de Artagão (Pelotas).

A maior parte destes poetas não têm editores, publicam-se a si mesmos, á sua custa e certamente alguns com grande sacrificio. Mostra isso uma das feições da nossa vida literaria, e as precarias condições materiaes da literatura e do homem de letras aqui, condições que, dada as da vida moderna, não podem deixar de influir na propria produção. E mais evidentemente o mostra quando — e é bom que se diga como informação dessa vida — grande numero desses livros que figuram com a firma de um editor, ou foram gratuitamente cedidos a este



ou até foram impressos á custa do autor. Este costume não se estende sómente aos livros de versos, mas tambem a toda a especie de producção, salvo talvez os livros propriamente didacticos, alguns desses ainda assim impressos de meias entre livreiro e autor. E', porém, com os de versos que elle está mais generalizado, naturalmente porque, segundo me observava um dos nossos editores, « isto é uma terra em que todo o mundo faz versos, mas onde ninguem os compra. »

Ainda na juventude, publicou já o Sr. Luiz Guimarães (filho), com *Ave-Maria*, nada menos de cinco livros de versos. E todos esses seus numerosos versos são, igualmente, dos primeiros publicados em 1864 com o titulo de *Versos intimos*, aos ultimos agora saídos em nitida e formosa edição da casa Laemmert, faceis, bons, ligeiros como borboletas, leves como petalas de flôres, fantasiosos como devaneios de poeta, bonitos e viçosos como frescas raparigas de quinze annos.

A primeira impressão que nós deixa a leitura da copiosa obra poetica do Sr. Luiz Guimarães — a que a mim ao menos me deixou — é que estamos em face de um poeta, isto é, de um individuo de excepção, que nasceu com o dom particular de pensar e de exprimir-se em uma lingua especial, em que as palavras dispondo-



se, arrançando-se, combinando-se de um modo especial também, produzem um rythmo e sons que lhes dão um relevo e um sabor próprios e deliciosos. É um poeta de nascimento, cuja lingua natural é o verso. Não quero saber si o é de herança, porque o pai foi um dos nossos lyricos mais encantadores. Acredito que haja nelle, embora não no seu estro ou inspiração, elementos de herança psychologica; mas grandes poetas têm nascido de pais que nunca fizeram um verso, e têm deixado filhos de todo alheios á poesia. Mas pôde-se nascer poeta, ter naturalmente como fôrma de expressão sentimental o verso, sem jámais se elevar ás alturas da grande poesia, áquella regio escassa, mas gloriosamente habitada, onde a sensação de particular se faz universal, onde a lingua poetica dá ao sentimento o sublime da fôrma immortal, e grava para todo o sempre, como em uma medalha que o mesmo tempo respeita, o texto sagrado em que as gerações successivas acharão sempre a mesma emoção da vida.

Não habita essa região o Sr. Luiz Guimarães; e de facto, qual dos nossos, si não fôr um Basilio da Gama, um Gonzaga ou um Gonçalves Dias, a habita? Insinuei acima que o joven poeta de *Ave-Maria* é o mesmo dos seus primeiros versos, isto é, que, nascendo poeta, nasceu poeta feito, sem ter soffrido mudanças nem varia-



gões, nem também melhorias. Si o quizesse catalogar, eu o poria entre os parnasianos, mas na variedade parnasiano-symbolista, a dominante em a nossa poesia do momento. Muito mais parnasiano que symbolista, que do symbolismo só ha nelle a impressão de certas modalidades de forma e de vocabulario, de alguns themas predilectos da escola no Brazil, como o mesmo titulo do seu livro, sem nenhuma das feições intimas do symbolismo, nem preocupação social de nenhuma especie, nem o recolhimento da vida interior, nem idéas.

Não as ha, com effeito — e é claro que só a idéas poeticas e do dominio do poesia me refiro — no livro do Sr. Luiz Guimarães, como não ha intensidade nas emoções que elle nos quer transmittir. O que ha é correção do verso, esforço de perfeição technica, quasi sem excepção alcançada, lindeza, elegancia, graciosidade, colorido, certa preciosidade madrigalesca de poeta donzel e cortezão, qualidades sem duvida estimaveis, mas não primarias ou precellentes, para os que procuram na poesia alguma cousa mais que a musica, embora encantadora, do verso. Ainda assim, no meio da nossa desanimada poesia de hoje, *Ave-Maria* é um dos melhores livros de versos ultimamente publicados.

Não é em verso, mas é de um poeta, que por:



ventura tem mais alguma cousa que a fôrma, a *Rosa Mystica* do Sr. Julio Afranio. O formato, os dizeres, todo o habito externo, como se exprimem os medicos, do seu livro, está revelando o grupo ou partido literario a que pertence o joven poeta. Chamo-lhe joven sem o conhecer, nem nada saber delle, sómente pela impressão que o seu livro, fôrma e texto, me produziu. O titulo é assim : *Rosa Mystica — Symbolo tragico — de — Julio Afranio — Imprimido — em — Leipzig — Allemanha — MDCCCC — em letras encarnadas*. Abunda em citações latinas tiradas dos diversos livros biblicos, é dedicado a Gabriele (*sic*) d'Annunzio, a Maurice Maeterlinck, a Eugenio de Castro « a trindade santíssima que eu adoro » — escreve o autor, e na errata fala esta lingua : « Impressa distante dos carinhos do autor, a *Rosa Mystica* notôou-se de imperfeições... ». O exemplar com que me brindou o poeta, traz, em tinta carmin, numa clara e sympathica calligraphia, estes preciosos dizeres : « j. a. (Julio Afranio) dá esta *rosa* ao senhor J. V., contentando-se em vê-la esfolhada por suas mãos de justo. »

O' Manes de Gongora! Eis-nos, em plena Phenix renascida, e os « novos » estão justificando Braz Mascarenhas, Jeronymo Bahia, Soror Violante do Céu e outros sublimados en-



genhos. Não nos detenham, porém, estas exterioridades de mau gosto, estas facilimas originalidades, estas singularidades e exquisites que revêem a invejavel mocidade, forçosamente estranha á medida, á discrição, á verdadeira belleza, que é calma, simples, serena.

Il faut que jeunesse se passe, na literatura, como na vida, e só os verdadeiramente privilegiados não têm estes peccados de mocidade. A critica indigena, e me não exceptuo do meu proprio reparo, usa e abusa de qualificar de « poeta » (é emfim um poeta, mas é um poeta; em summa, é um poeta; é entretanto, um poeta) a quantos autores de versos lhe apparecem, e de « promessa » (esse livro é uma promessa; o escriptor... é uma auspiciosa promessa; este volume promette um romancista, um poeta, um grande escriptor, etc.) a maioria dos livros e autores que surgem. E' um processo commodo, e sem consequencias; sómente essas « promessas » por via de regra jámais se realizam e esses « poetas » desaparecem com os seus folhetos, não se descobre onde.

Com todas aquellas ridicularias de titulos, de epigraphes, de impressões polychromicas, de manifestações pessoaes, este opusculo do Sr. Julio Afranio, não duvido dizer, com sinceridade e não por fugir ao desgosto de maguar um autor, promette nelle um poeta em que haverá talvez



alguma cousa de superior ao que de ordinario nos têm dado os que commungam na mesma igreja. O seu livro tem uma idéa, o que já é alguma cousa, si bem essa idéa ainda seja exposta muito em fórma de these, o que o prejudica como obra de arte. E' preciso que a arte, mesmo servindo a idéas de qualquer ordem, não perca jámais os seus caracteres e que o livro de arte não descambe em sermonario ou em pamphleto doutrinario. O Sr. Julio Afranio nem sempre evitou este escôlho, tanto mais saliente e de fugir no estylo e no modo literario que adoptou. Antes ficar na maneira por vezes abstrusa de Maeterlinck — que é o seu principal mestre neste poema ou que melhor nome tenha — que cair nas tiradas de Egregor na segunda parte.

Acima disse que esta obrinha do Sr. Julio Afranio tinha uma idéa. O Sr. Afranio é feminista; tem, pois, ao contrario dos seus emulos de novidade na literatura indigena, um principio, um pensamento social, o que não logrei ainda descobrir nos outros. No feminismo, que não é aliás sinão uma fórma das aspirações libertarias e individualistas contemporaneas, a idéa do Sr. Julio Afranio — e elle a reclama bem alto — e a inspiradora do seu livro, é que a mulher não será verdadeiramente livre enquanto se não houver « abolido a mais pesada



de todas as servidões que a degradam — a servidão do amor. Por ella, pelo amor, assegura elle convencido e indignado — nós a léremos sempre jungida ao carro de nosso triumpho. E' della sobretudo que é preciso libertal-a ».

Não quero discutir a idéa do autor. Mas ao meu irreductivel realismo ella me parece extravagante, puro paradoxo de literato á procura de uma idéa singular. Não concebo o mundo sinão como elle é, ou sêgundo as mutações que pôde soffrer, mas que se acham determinadas pela sua propria natureza physica e moral. Assim, não o comprehendo sem amor, como o não entendo sem ar atmospherico. Libertar a mulher do amor? Mas como? Só haveria um meio : era destruir na especie o instinto de continuidade e de procreação e no individuo os instintos a esse correspondente, e que os sancionam. Que faz Egregor para arrancar sua filha Atma a esta fatalidade da vida? Mata-a. E' uma solução impossivel, que generalizada acabaria o mundo... e não resolveria o problema do feminismo sinão supprimindo-o. Buscando na realidade da vida actual, em uma questão de economia social, uma idéa de poema, o Sr. Julio Afranio estava obrigado a tratál-a mais no mundo da realidade que no da pura fantasia. Nem na sua obra ha a necessaria objectividade para nos dar a emoção do mal do



amor. Essa está toda na mente de Egregor, que, segundo a definição do poeta, « é o espirito de todos os tempos, que soffreu o passado, mas que entreviu o futuro, alma contradictoria de homem que tem por vezes as fraquezas de uma syncope pessimista para elançar-se depois na subjectivação de uma arroubada idealidade »...

A these do Sr. Julio Afranio não é, tanto quanto elle talvez pensa, nova; é a mesma das heroínas Pirnitz, Frederica e outras da *Vierges Fortes* de Marcel Prévost, que para conseguirem a completa emancipação da mulher praticam e prégam a abstenção do amor, que pretendem vencer, aliás sem exito, como era de vêr. O Sr. Afranio põe no fim do seu livro muitas explicações e commentarios. Sou dos que pensam que a obra d'arte, que é por si mesma expressão, dispensa esse recurso; deve pelo menos dispensal-o si é superior. Taes explicações e commentos denotam que ella não conseguiu o seu fim, que lhe faltou capacidade de expressão, sem a qual é falha. E realmente é o que acontece com esta do Sr. Julio Afranio. Maeterlinck, d'Annunzio, Eugenio de Castro, seus mestres, não as acharam necessarias. Dão os seus livros e deixam que elles se interpretem e definam por si. Ao redor daquella idéa principal do poema ou romance do Sr. Julio



Afranio, reúnem-se outras que mostram no novo escriptor preocupações, como já disse, que o distinguem entre os seus jovens confrades, cuidados graves pela humanidade soffredora, amor humano, attenção aos problemas sociaes.

A fórma de que as reveste, como a de que recobre a sua idéa principal, sem ser ainda um primor, por lhe faltarem a simplicidade e a pureza, tem excellencias que não estamos habituados a vêr nos da mesma escola.

Ainda ha nella feições que não são legitimamente portuguezas, um abuso reprehensivel de fabricação de palavras, principalmente verbos, e expressões e metaphoras gongoricas (« espirito vitriolado por um mixto infernal de venenos corrosivos »; « oxydação moral »; « pupilla d'alma », e quejandas). O Egregor do Sr. Julio Afranio proclama-nos que a Arte de hoje occultou ao homem « a Belleza san e forte para ensinar-lhe o requinte acrobatico da Forma Torturada ». Uma grande verdade, que o Sr. Julio Afranio deve ter sempre presente para dar á nossa literatura uma obra verdadeiramente humana e verdadeiramente bella, do que, si o meu juizo me não engana, é talvez capaz. O Sr. Julio Afranio, ao que parece, sabe allemão. Atrevo-me, eu que desgraçadamente o ignoro, a recommendar-lhe que releia o seu Goethe : ninguem lhe dirá melhor, com a lição



e com o exemplo, o que é em summa a fôrma verdadeiramente artistica, que faz a obra viva e immortal.

De um fôrmató particular, quasi quadrado, cartonado em imitação de pergaminho, com um fio de seda para fechal-o como um elastico a uma carteira, dourado por folhas, bom papel *moyen âge*, vinhetas artisticas segundo o gosto dos novos romancistas, impressão bichromica, é o livro *Palavras que o vento leva*, de um novo poeta, o Sr. Guerra Duval.

A' primeira pagina, em uma invocação a Deus — que se tornou ultimamente um tropo a que muito recorrem os vates de certas escolas, — implora-lhe o poeta :

Tu, que és o Bem, a Verdade e o Amor,
Faze, ó meu Senhor.
Que os Criticos, os Tolos e os Perversos
Não leiam os meus versos.

Apanho logo o poeta em flagrante delicto de insinceridade — ao meu vêr o mais grave que um escriptor, um artista, um poeta possa commetter — pois que elle me remetteu o seu livro, e para que não houvesse duvida a quem o endereçava, poz: « Ao Sr. J. V., critico literario do... » Si não quer a leitura dos criticos, para que m'ó enviou então? Singular contradicção esta dos autores: que vivem a desdenhar a cri-



lica e a requestal-a. A critica, uma cousa muito pedida e pouco accita, disse bem um critico portuguez. E' que com a sua vaidade irritadiça, propria, como já Horacio ensinava, á raça, poetas e não poetas, no fim de contas, e com raras e altas excepções, o que querem é o banal louvor, o elogio infundado, o adjectivo laudatorio e insignificativo, sem se lhes dar da competencia, da honestidade, da sinceridade que os inspira. O critico eminente é o que diz bem de nós. A critica para esses taes não ha de ser um julgamento, mesmo leal e sympathico, mas um reclamo. Fingem desprezal-a, ao menos á que se não presta a ser isso — mas não têm a força de animo para não a solicitar, que outra cousa não significa a remessa de um livro a um critico. Que favor me não fariam grande parte dos que me mandam livros, si os não mandassem! Os bons, os que merecem que com elles se perca tempo e esforço, esses, ai de nós! tão raros, eu os saberia descobrir, com o faro que acaba por adquirir todo o homeni que trata de livros e cousas de literatura. Para julgar da maioria delles basta as mais das vezes ler-lhes uma pagina; como o vinho para o proador professional, por um góle verifica-lhe a qualidade, a procedencia, o tempo.

Salvo o primeiro, não se entendem propriamente com o Sr. Guerra Duval estes reparos.



A uma segunda leitura os seus versos, mesmo os extravagantes, os que são filhos apenas de uma viciosa e acanhada preocupação de escola, si não me agradaram todos, e lhe direi mesmo que a maioria me não agradou, mostram que ha nelle um poeta. Si o Sr. Guerra Duval é um homem de espirito, como me praz crer, sorrirá, vendo no meu dizer um subterfugio de critico que não tem a coragem de dizer todo o seu pensamento. Far-me-ia injustiça; é sinceramente que me pareceu reconhecer nelle um poeta. Si se nasce poeta, ninguem nasce grande poeta. Esses tambem fazem-se pelo estudo, pela reflexão, pelo amadurecimento dos annos e das faculdades. E' uma verdade tão incontestavel como que dous e dous são quatro. Justamente quando eu relia os versos do Sr. Guerra Duval, encetava a leitura do ultimo livro de um grande poeta, Sully-Prudhomme. Com uma alta superioridade de philosopho, e uma raciocinada e grande imparcialidade de poeta justamente seguro de sua obra, Sully-Prudhomme analysa argutamente, e com esclarecida sympathia, as causas, os motivos, as tendencias, os meios, da mais recente poesia. Sinto faltar-me autoridade para recommendar este livro, de um mestre na sua arte, á meditação dos nossos jovens poetas. Depois de verificar a scisão que se operou na poesia pessoal franceza, com o



Parnaso contemporaneo, « repertorio de trechos disparatados, cuja feitura é diversissima mas igualmente escrupulosa », assenta elle que hoje o leitor não reconhece nada de si mesmo, e até as mais das vezes, nada de humano nas affecções Moraes de certos poetas. Parece-lhe haver nellas uma provocação á natureza; são casos de teratologia psychica, até á sciencia inuteis, *porque é suspeita a sinceridade do monstro* ». Achei destes falsos monstros no livro do Sr. Duval. A nossa poesia hodierna, nos chamados novos, é, sob este aspecto, um museu teratologico; sómente é de imitações, em cêra, gesso, pasta de papel, ou pannos e algodão, mais ou menos felizes. Esta artificialidade pôde contentar a curiosidade lorpa dos que se satisfazem com vêr nos museus especiaes a representação em cêra das altas personagens contemporaneas; para os que quizerem vêl-as a ellas proprias, vivas, para surprender-lhes a alma, são inuteis e sem interesse.

Eu tomo a liberdade de dizer ao Sr. Guerra Duval, poeta estreante: ha no seu livro dons de poeta, mais não ha infelizmente personalidade alguma; é um reflexo dos symbolistas estrangeiros, especialmente portuguezes. O symbolismo, como nelle parece concebido, é uma cousa moribunda, sinão morta. Em vinte annos, que tantos tem de idade, não deu nada de real-



mente grande para a arte e a literatura. Sua principal acção, aliás util e que será fecunda, foi mais exterior que íntima, mais metrica que essencial. Nos seus poetas de valor, poudo ser uma prestadia reacção contra o vasio parnasianismo da esfalfada poesia dos ultimos tempos, uma volta á supremacia da idéa sob a fôrma. Na maioria dos seus cultores, no Brazil sobretudo, onde não ha absolutamente idéas nos poetas seus seguidores, não tem passado de um parnasianismo disfarçado sob a mascara mal posia do symbolismo. Elles não têm feito, de facto, sinão continuar os cansados themes do parnasianismo, quebrando os versos, multiplicando as maiusculas, desavindo-se com a lingua, rebellando-se contra a tradição poetica da raça, fingindo uma religiosidade, um idealismo, um myticismo que está bem longe da realidade da sua existencia, das suas convicções, do seu modo de ser.

Nunca houve na literatura brasileira um movimento mais artificial, menos espontaneo, menos sincero, e, direi, menos intelligente que o nosso canhestro symbolismo, todo exterior, todo de imitação, todo artificial, pelo que ainda não deu nada de si. E já agora, estou que não dará. Felizmente os seus poetas são em maioria moços, alguns mal saídos da puericia. Elles verão, daqui a vinte ou trinta annos, quem



tinha razão. Creio não de precisar repetir que não nego o symbolismo e a sua legitimidade ; apenas não posso estimar como quizera os seus productos nacionaes, e que, pelos motivos dados, me parecem na sua maxima parte inferiores.

São dous bons livros de versos os dos Srs. Guimarães Passos, *Horas Mortas*, e do Sr. Emilio de Menezes, *Poemas da morte*. Fala-se agora muito em morte na poesia. A morte é com effeito um dos grandes themas lyricos, e um critico já fez do modo e força de cantal-a — e a mais um ou outro thema — a medida do merecimento dos poetas lyricos. Não lhe aproveitarei o criterio para apreciar estes dous livros, editados com elegancia.

O Sr. Emilio de Menezes, nestes seus *Poemas da morte*, pareceu-me um poeta de grande virtuosidade. Nos seus versos antigos, de 1885 a 89, que additou nesta collecção aos seus versos de agora, a sua poesia, já de rebuscada correcção, é ainda principalmente descriptiva, e tambem de um subjectivismo muito pessoal, si posso dizer assim, e sem distincção da poesia corrente. Sob estes dous aspectos, os *Poemas da morte* são, si não me illudo, um evidente progresso. Ainda com manifesta rebusca da fórma, que se sente trabalhada, mas que em summa lhe sae bella, embora mais brilhante e ruidosa que realmente commovida, o subjecti-



vismo do Sr. Emilio de Menezes alargou-se, um raio de luz interior penetrou a sua poesia e a pura e cansada descripção parnasiana cedeu lugar á representação das emoções intimas. O symbolismo evidentemente pegou-lhe alguma cousa do que tinha de bom, sem felizmente contaminar-o do que tinha — do symbolismo já se pôde falar no passado — de extravagante e ridiculo. Esta estrophe é bella e de uma belleza que não é commum nos nossos poetas :

Dentro do funeral dos seus olhos presagos,
Enlutados talvez por algum sonho extincto,
Como na stagnação sinistra de dous lagos
Mira-se duplamente a mesma flor do Instincto.

Não direi que o resto do soneto que estes versos abrem tenha a mesma belleza; acho mesmo que o poeta, como dizem os musicos, não sustenta a nota; mas nos seus poemas occorrem frequentemente notas tão distinctas como essa. *No Golgotha* é, entre os diversos poemas da suas collecção, o que prefiro. Ha nelle, com uma idéa, um pensamento poetico, uma inspiração forte, que apenas ganharia em traduzir-se em uma fôrma menos emphatica. E' o defeito que noto no Sr. Emilio de Menezes, defeito aliás muito da nossa poesia, feita mais de eloquencia que de sentimento. Creio poder notar que os mesmos que aqui se chamaram



symbolistas ou « novos », não se puderam livrar deste peccado original, e, contra a inspiração e poetica da escola, foram rhetoricos, emphaticos, empollados, discursadores. A maioria dos nossos poetas, parece, fazem versos para serem declamados em publico. No *Golgotha* teria lucrado, penso eu, si fosse escripto num tom mais baixo, mais doce, e que nos fizesse sentir melhor, lido no recolhimento, a dôr do poeta em luta por seu ideal. Fala-nos ainda em grita, directamente, antes affrontando que tocando a nossa sensibilidade. Mas, emfim, o Sr. Emilio de Menezes é um poeta de grande virtuosidade.

Poeta delicado, de emoção ligeira e superficial, risonho, de inspiração commum, mas de estro facil, como o seu verso, natural e espontaneo, poeta despretençioso, poeta no sentido popular da palavra, é o Sr. Guimarães Passos. O seu novo livro é nova demonstração deste conceito. Nem no fundo, nem na fórma, não ha nelle novidades, rebuscas, esforço. O verso e o pensamento vêem-lhe de fonte pouco abundante talvez, nada caudalosa, mas clara e correntia. Alguns dos seus sonetos lembram os moldes camonianos, sem aliás a força lyrica do maximo poeta da nossa lingua. A musica dos seus versos não é a combinação trabalhada de sons, as symphonias estudadas dos mestres classicos



que alguns poetas recentes tiveram a pretensão de pôr nos seus poemas, mas a toada simples e embaladora dos mestres populares. Ouvi :

Figuremos : tu vaes (é curta a viagem),
Tu vaes e, de repente, na tortuosa
Estrada vês, sob arvore frondosa
Alguem dormindo á beira da passagem.

Alguem cuja fadiga angustiosa
Cedeu ao somno, em meio da romagem,
E exausto dorme... Tinhas tu coragem
De acordal-o! responde-me, formosa.

Quem dorme esquece... Póde ser medonho
O pesadelo que entre o horror nos fecha;
Mas soffre menos o que soffre em sonho.

Oh! tu que turvas o pallor da neve,
Tu que as estrellas escureces, deixa
Meu coração dormir... Pisa de leve.

E' gracioso, é mesmo bello, de uma belleza especial, não muito alta, mas que começa a ser rara em a nossa poesia, e que cumpre conservar-lhe. No novo livro de versos do Sr. Guimarães Passos ha mais variedade de fórma e de expressão poetica que no primeiro, o campo da sua poesia evidentemente alargou-se, mas sem ultrapassar jamais as raias que a sua notada feição poetica marca. *Triumpho da Morte*, um bom poema, novo na maneira costumada do poeta,



exemplifica o que quero dizer. São graciosos alguns dos seus *Villancetes*, e mostram bem, como de resto todos os seus versos, a corda dos tons tradicionaes da nossa metrica e sentimento poeticó, que ha na sua lyra. E dessa corda sabe elle tirar sons de uma melodia talvez um pouco ouvida, mas que no meio das sabidas e complicadas symphonias em vóga, dão ao seu canto um aprazivel sainete.

Relativamente, o numero de romancistas, excluidos os simples contistas, é aqui muito escasso, si o compararmos ao de poetas. que por mal nosso é legião. Dos que merecem, ou podem ser citados sem encarecimento, lembram-me os nomes dos Srs. Machado de Assis, Aluizio Azevedo, Coelho Netto, Inglez de Souza, Affonso Celso, D. Julia de Almeida, Rodolpho Theophilo, Xavier Marques e Virgilio Varzea. Ainda contemplando nesta lista aos somenos que estes, ella se não alongaria de muito. Entretanto, talvez umas paginas me não déssem para inscrever os nomes dos poetas, quando mesmo me limitasse aos que metrificam razoavelmente. Alguns outros escriptores nossos estréaram-se no romance, uns, como os Srs. Salvador e Lucio de Mendonça, mui dignamente, e sem motivo literario que os justifique, aos meus olhos, o deixaram logo. Recentemente houve outras estréas, nem todas talvez indignas



de menção, e algumas até esperançosas, como a do Sr. Emanuel Guimarães. Creio, porém, que contando bem, reduzindo mesmo o estalão do julgamento, não ultrapassaríamos de muito a duzia de romancistas vivos, benemeritos de lembrança. Espero ter em breve a felicidade de apresentar-lhes um, cuja estréa não será de fórma alguma ordinaria, e que, acredito, tomará logo lugar entre os primeiros. Seu livro se chamará *Chanaan* (1). Hoje apenas posso acrescentar um nome áquella curta lista, o do Sr. Antonio de Oliveira.

Não saberia dizer que sentimentos este nome lhes desperta. A mim não era de todo desconhecido, embora nunca o houvesse lido. Chegara-me, aliás, acompanhado de louvores de noticiario ou de confrades. Vira um seu livro, *Sinhá*, mas a epigraphe de « romance naturalista » me afastou d'elle. Tenho ogerisa a taes epigraphes, e em 1898 um romance fazendo praça de ser naturalista, era um anachronismo. Não havia já lugar para o naturalismo profissional, morto na sua patria de origem e por toda a parte onde houvesse gosto e educação literaria. Apesar de ter tido esse romance duas edições, não creio seja muito conhecido, e tenha

(1) Depois publicado pelo editor H. Garnier, teve com effeito grande e merecido exito.



sido tão lido quanto isso indicaria. No Brazil ha livros que se esgotam e que ninguem leu, ou antes ninguem comprou. Os autores fazem delles uma larga distribuição pela imprensa e por amigos, ou simples conhecidos, que em geral não os lêem, pela razão que livro dado não se lê — sinão quando se tem, como eu, obrigação de o fazer.

Não indagarei agora o porque desta escassez relativa de romancistas numa terra em que a producção litteraria, acho eu, superabunda. O romance é um genero difficil, apesar da sua vulgaridade, ou talvez por isso mesmo. Difficilimo é já hoje exceder á banal perfeição que elle attingiu e fazer nelle, si não novo, o que seria exigir muito, renovações felizes. Será essa a causa da sua mingua em a nossa vida litteraria? Póde ser, mas não creio pelo menos seja a principal. São tão corajosos em letras os meus compatriotas!

Acaba o Sr. Antonio de Oliveira de publicar um outro romance, um grosso volume, como o primeiro, e achou — bemaventurado escriptor! — um editor em Sorocaba. Quem diria que de Sorocaba nos viriam litteratos, livros e editores! E' verdade que a, por outros motivos, famosa cidade paulista já nos deu Varnhagen. Chama-se *O urso*, o novo romance do Sr. Antonio de Oliveira, e é a historia, simples e sem compli-



cações, de um rapaz fraco, doentio, de bons sentimentos, acanhado, modesto, tímido, um « urso », um caipira, que a capital perverte e mata. O autor, que parece gostar de epigraphies, poz ao livro a de « romance de costumes paulistas ». Não a achei bastante justificada, pois nada ha nos costumes nelle descriptos de peculiarmente paulista. Pouco importa, aliás, isso. O livro não é absolutamente sem merito e ha seguramente no autor capacidade para o genero. E' ainda a maneira naturalista, com a influencia do que de menos recommandavel ha nos romancistas portuguezes dessa escola, sobretudo uma brutalidade de frases em certos dialogos — e a construcção especial dessas frases — que é mais delles do que nossa. A sua lingua não tem a correccão desejavel, e tem os vicios dos escriptores noveis que, não conhecendo de fundamento a lingua e os seus recursos, acham mais commodo inventar palavras, verbos especialmente, que a estudar. Ha ainda nella impropriedades notaveis de vocabulario e frases, o que é defeito capital em um escriptor; no seu modo de dizer abundam expressões preteuciosas, falsas, verdadeiramente feias, como : « tinha o peito fugidio, protrahindo-se ao menor excesso, em frouxos cavernosos de tosse » ; « felizmente esta explosão de tendencia physiologica colheu-o em uma phase de resistencia » ;



« resvalavam sempre para o terreno dos hystericismos irremediaveis » ; « trepadeiras que se dependuravam em reminiscencias de perystilo » ; « flores... exhaustinadas de orvalho » ; ... « a consciencia fixou-se-lhe sob um oneroso fardo sem probabilidades de allivio » ; « o caso... emmoldurado ás côres de um delicto », e que taes. Quer no estylo, quer na lingua, não ha ainda neste livro nenhuma distincção especial, sinão a que lhe provem destes defeitos, que o autor póde facilmente corrigir, querendo. A sua psychologia é rudimentar, antes da que se aprende nos romances alheios que da observação propria. Em todo o caso, um livro que não é ruim, que vale alguma coisa, talvez mais que alguns por ali gabados, que revela boas disposições no seu autor e que o põe sem favoritismo entre os nossos romancistas.

Quem poderia certamente ter um lugar distincto entre estes, si houvesse perseverado, era o Sr. Lucio de Mendonça. O seu *Marido da adúltera* já é mais alguma coisa que uma promessa auspiciosa. Estimando-o, tenho como homem de letras uma queixa do Sr. Lucio de Mendonça, que não quero calar aqui : é de ter desperdigado o seu raro engenho literario, sem methodo e sequencia, em obras ligeiras e algumas futeis. Porque eu não conheço, em o nosso meio, sob o aspecto da lingua, ao menos, nin-



guem mais bem dotado literariamente do que o Sr. Lucio de Mendonça. Elle possui como poucos o dom da expressão literaria, reunindo em grau subido a correccão, a elegancia e a facilidade. Sente-se, lendo-o, em qualquer genero, que a sua lingua, como dizem os Francezes, *coule de source*, abundante, limpida, arcjada, brilhante. Este seu livro, *Horas do bom tempo*, está cheio dessas paginas que detêm a attenção e forçam a admiração do leitor entendido. Lêde *as Mãos, Guilmar*, e outras. Lêde sobre todas o *Hospede*, um conto digno de Maupassant, e que sem desmerecer, supportaria o confronto com similliantes do grande contador francez. Lêde mais *Fio reatado*, outro conto de uma classica sobriedade, escripto por um escriptor absolutamente moderno. Com este singular e invejavel dom de escripta facil, natural, espontanea, mas eminentemente literaria, conheço um outro escriptor, o Sr. Constancio Alves, que tambem, e mais que o Sr. Lucio de Mendonça, o deixou, com outras capacidades que possui, perder-se em uma obra unica, difficil, sem duvida, mas como quer que seja, secundaria.

Conhecendo como poucos o instrumento da grande arte literaria, o Sr. Lucio de Mendonça, por mal seu e nosso, deu sobretudo preferencia a essa cousa bastarda chamada literatura



ligeira, de que lia mostras demasiadas em *Horas do bom tempo*. E' como um *virtuose* de alto merito, que podendo interpretar superiormente os grandes mestres e produzir de seu, fosse principalmente ao piano para tocar valsas e polkas. E' verdade que elle dá a essas peças menores um extraordinario e ás vezes surpreendente relevo. Mas é justamente isso que nos faz lastimar que tanta virtuosidade seja applicada com frequencia deploravel a cousas somenos.

Escriptor de consciencia e trabalho, o Sr. Virgilio Varzea toma verdadeiramente pé na nossa literatura, e com um digno lugar, parece-me, entre os seus autores de ficção, com este romance *George Marcial*. Publicado primeiro em parte num diario, refundido depois para a publicação na *Revista Brasileira*, onde saíu, apparece agora novamente modificado, corrigido, evidentemente melhorado. Este trabalho de polimento, que o atilado Boileau tanto recommendava se fizesse e repetisse, e que todos quantos escrevem sem presumirem demasiado de si sentem necessario e util, aperfeiçoou notavelmente a obra, até agora a mais consideravel e estimavel, do Sr. Virgilio Varzea.

Não é certamente ainda um livro superior o do Sr. Virgilio Varzea, mas podemos lel-o com satisfação e gabal-o sem favor. Não faltam no



autor as capacidades communs para o genero; elle sabe contar e descrever sem fatigar, antes com agrado do leitor, e a sua lingua, como o seu estylo, é boa, sem relevo especial, sem uma apurada correcção talvez, mas sufficientemente limpa das tachas que maculam a de escriptores mais presumidos.

Sabe-se o gosto do Sr. Virgilio Varzea pelas cousas navaes e maritimas. Em mais de um conto seu, deu-nos elle dessas cousas alguns quadros, alguns toques, algumas sensações muito boas. Da vida e dos costumes do littoral da sua encantadora terra, Santa Catharina, traçou-nos alguns paineis deliciosos.

Este dote, que elle é, si não erro, o unico a ter entre os nossos novellistas, reaparece ainda em *George Marcial*, um romance de pura aventura romanesca, um pouco banal como enredo, mas bem contado. O seu heróe, um verdadeiro heróe de romance, é um maritimo, um anglo-brazileiró aventureiro, géneroso, grão-senhor, typo absolutamente excepcional em a nossa sociedade. A definição « romance da sociedade e da politica do fim do Imperio » — que do seu julgou o Sr. Varzea dever dar, não me pareceu feliz. Si elle se passa no fim do Imperio, não ha de facto nelle nenhuma caracterização relevante da época, mas apenas personagens e alguns factos pouco significativos,



inaptos para, só por si, definirem e retratarem o tempo. A acção do romance não tem nada de peculiar á época. E uma moça, filha de senador, casada com deputado, e enamorada de um rapaz seductor, fugir com o seu apaixonado, tanto póde succeder num Imperio em declinio como na mais florescente Republica. Nem o que ha no romance de peculiar ao imperio — e quasi nada ha — se liga de fórma alguma á acção principal, influenciando-a por qualquer modo. A epigraphie explicativa era, pois, escusada, porque não augmenta nem tira á significação e ao merito do livro. Devo reconhecer, em louvor do Sr. Virgilio Varzea, que, pondo no seu romance cousas da sociedade e da politica dos derradeiros dias do Imperio, elle permanceceu com bom gosto nos limites da sua arte, sem cair no pamphleto, nem na diatribe. Si lhe faltou força para assignalar numa novella uma época, não lhe faltou senso, nem o justo sentimento das proporções nos traços e figuras; que della esboçou. Em summa, o seu romance, embora sem distincção especial, é bom, e fio que o leitor se não desprazera lendo-o.

O Sr. Virgilio Varzea é um escriptor adum-dante. Receio sempre, confesso, que a cópia prejudique a qualidade da producção, e temo que o Sr. Virgilio Varzea me não forneça uma justificação ao meu receio. Sem indagar agora



do valor da sua obra, que já não é pequena, e a qual promette juntar numerosos livros já promptos, posso verificar que ha nella muita cousa que o autor teria porventura feito melhor deixando-as nas paginas dos jornaes onde saíram. E' o mal de fazer literatura na imprensa diaria ou periodica ; infelizmente, mal do nosso tempo, ao qual quasi não nos podemos furtar. Quando nos chega o ensejo de dar a essas producções, sinão uma publicidade maior, uma existenciã menos ephemera, o nosso amor proprio de autor, o nosso sentimento de paternidade intellectual, illudem-nos facilmente, e ingenuamente convencemo-nos de que tudo quanto escrevemos, na pressa de uma producção, que é uma necessidade material, por cumprir obrigações do jornalismo literario, merece ser recolhido e guardado. Eu, que isto escrevo, não me julgo isento desta pécha ; sei, ao contrario, que esse peccado o tenho tambem commettido, e, — ai ! desta fraca natureza humana ! — o commetterei ainda, por mal meu, outras vezes.

A minha qualidade de peccador, mais convencido que verdadeiramente contricto, me não tira, porém, penso eu, o direito, sinão a obrigação caridosa, de, com a humildade que a minha propria impenitencia me impõe, avisar o meu proximo do caminho errado em que vai...



Como quer que seja, este livro *Contos de amor* é, apesar do que ainda ha nelle de secundario, de pouco digno de ser arrecadado para a vida mais duradoura e de maior responsabilidade do livro, o melhor talvez do Sr. Virgilio Varzea, um livro que, com o seu *George Marcial*, lhe dá um lugar entre os nossos escriptores feitos. Tivesse elle tres ou quatro novellas como *Em Viagem*, e eu não teria a fazer ao seu merito si não essas restricções que apenas indicam maneiras de vêr peculiares ao critico, impressões pessoaes do leitor, e não abalam, portanto, o mesmo merecimento da obra.

Essa novella tem, com effeito, não vulgares qualidades de narração, de acção, de pathetico; é escripta numa boa lingua, natural, apropriada, expressiva, e não precisava que o autor nos avisasse para a sentirmos composta com amor e sinceridade.

Não são os dons communs de contador que faltam ao Sr. Virgilio Varzea ; tem-nos, sinão em gráu eminente, em proporeção bastante para pôr a sua obra em bom lugar entre os nossos novellistas. O que se me afigura lhe fallece é o pensamento, a idéa, uma philosophia, isto, é a sensação mental que dá ou tira aos factos da vida, ás historias que nos reconta, uma significação. Creio não preciso defender-me de que não penso numa literatura didactica ou em



contos que fossem fabulas, com a sua competente moralidade. Olho mais alto e mais fundo, e os mestres do conto, desde Voltaire até Maupassant, Eça de Queiroz e o Sr. Machado de Assis na nossa literatura, ensinaram o que o conto pôde conter de expressão mental sem descambar no apologo.

A' verificação desta falha no talento de contador do Sr. Virgilio Varzea, quero juntar um reparo, que já lhe fizeram, mas que me parece bom repetir-lhe : é o seu vezo de exotismo, e o seu quasi exclusivo gosto de um assumpto, que não só tira a naturalidade ás suas narrativas, como dá ao conjuncto da sua obra alguma monotonia. O seu exotismo não é só de personagens, de acção, de lugares, mas ainda de lingua. Não ha quasi pagina sua em que se não encontrem dous ou mais termos estrangeiros escusados. O Sr. Varzea não escreve nunca paquete, camarote, cavalheiro, senão *steamer*, *cabine*, *gentleman*; para a vulgar careta elle usa *grimace*, e os seus pilotos, em vez de lançarem as suas notas nos seus livros ou cadernos, lançam-nas nos seus *carnets*. Os seus portos e ancoradouros chamam-se sempre *rades*. As *Fräulein* e as *misses*, e nomes germanicos e anglos e personagens exoticas, geralmente inglezas, abundam nas suas historias, como as duquezas e condessas nos versos de



certo poeta. Ora, parece-me, ha nisto uma perversão da realidade. Na vida brasileira o estrangeiro, a não ser o portuguez, que nella não é estrangeiro, não tem quasi papel, nem importancia, não influe nella pessoalmente, sinão por excepção, rarissima. Quem lesse o Sr. Virgilio Varzea sem conhecer-nos, supporia justamente o contrario.

O Sr. Varzea conhece e ama e sente as cousas navaes e maritimas; nos seus contos ha bellas e commovidas manifestações deste aspecto do seu sentimento poetico: marinhas, scenas de navegação ou da existencia maritima, paizagens da sua terra natal, terra de lindos aspectos maritimos e de vida maritima. Não serei eu quem o aconselhe a abandonar estes assumptos, que não só conhece, mas que, segundo a palavra em moda, adora. Alguma variedade mais me atreverei a aconselliar, como arrisco-me a reparar-lhe que o abuso da tecnologia maritima e naval, e a mais especial, como a emprega, é um defeito. Si num quadro maritimo um ou outro termo techuico precisa o tom e reforça a exactidão, o uso constante da terminologia naval vicia-o, por tirar-lhe a generalidade, que é uma das condições da arte.

O Sr. Nestor Victor, que é um escriptor de vontade e de boas intengões, publicou este



anno um novo livro, e de critica. Compõe-se de tres estudos bastante longos sobre os *Déracinés* de Mauricio Barrès, o *Cyrano de Bergerac* de Edmundo Rostand e a obra de Ibsen. Além de um completo resumo das obras que analysa, faz o Sr. Nestor Victor, de um ponto de vista que procura ser original, e frequentemente de uma originalidade rebuscada, preciosa e paradoxal, a analyse da obra e do autor, expondo de caminho as suas idéas e opiniões estheticas.

Autores, e livros por elle estudados, e as questões de que uns e outros se occupam, como as que a sua critica levanta, lhe parecem os assumptos nesta hora momentosos e importantes no dominio da literatura; dahi o titulo do livro, que já de si revela no escriptor, e só por isso o felicito, preocupações de alguma maneira philosophicas. A não ser quando oppomos theorica e impessoalmente theoria geral á theoria geral, ou corrigimos factos, a critica da critica, principalmente fóra da erudição, onde ella pôde ser de rigor, me parece impertinente, porque redundaria as mais das vezes na simples opposição da nossa opinião individual á outra opinião individual. Mas vale, penso eu, cada um expôr a sua, sem apontar á discussão ou polemica, deixando aos que as lêem escolher entre ellas. Não refarei, pois, após o Sr. Nestor



Victor, a critica que elle fez, nem me demorei sequer em dar o meu sentimento sobre ella. No fundo, creio, não divergem grandemente os nossos conceitos; eu, por exemplo, tambem acho antipathico o Sr. Mauricio Barrès e já mais de uma vez disse o meu juizo do Sr. Rostand, « um Victor Hugo sem genio ». Uma das minhas surpresas literarias foi o assombroso ruido de admiração que provocou em França o *Cyrano de Bergerac*. Um critico de alta capacidade, o Sr. Faguet, chegou a escrever, parodiando o dito biblico de Simeão, que já agora podia morrer, pois vira nascer um grande poeta que ia renovar a poesia franceza. Era justamente o que se não dava com Rostand e a sua comedia; não começavam nada, acabavam, após uma longa interrupção, enchida pelo realismo e pelo naturalismo, uma época, o romantismo. *Cyrano de Bergerac* era apenas uma renovação de Hugo, com muito menos talento e força, e mais graça e leveza. Mesmo em França, ainda em pleno entusiasmo pela peça, o Sr. Lemaitre o percebeu e o disse. *Cyrano* é para mim o typo, si quizerem mesmo o typo superior, do bonito em arte, o que não é precisamente o bello. A' mesma conclusão chega, com escusados rodeios e com uma procura trabalhada de razões e frases, o Sr. Nestor Victor, mettendo ociosamente muito de seu na



psychologia simples de *Cyrano* e do poeta que o recreou para a arte.

Como escriptor ha no sr. Nestor Victor a nobre preocupação de pensamento e de philosophia; certo a arte não é para elle um brinco ou um desfastio; gosta de tratar as idéas geraes, e sem a capacidade de tratá-las não ha escriptor. Mas a sua cultura geral, como o seu estylo e a sua lingua, acaso não correspondem ainda ás suas dignas aspirações. Em menos copia que nos seus precedentes livros, ainda ha neste incorrecções graves, e, sobretudo, uma evidente difficuldade de expressão, traduzindo um esforço de concepção. Analysando-se certos periodos seus, sente-se que elle não possui ainda o instrumento para a expressão perfeita do seu pensamento, ou que não sabe manejar-o com desembaraço e pericia, o que redundá no mesmo. Mas no seu livro ha evidentemente intelligencia, coisa mais rara do que por ali de ordinario se julga

Continúa o sr. Mello Moraes Filho a sua boa tarefa de recolher os documentos da nossa litteratura popular e tradicional. Ninguem mais do que eu aprecia e estima este seu trabalho, mas sinto que elle mesmo lhe tire pelo menos a metade da importancia, não seguindo nestas suas colheitas pelo campo do nosso *folk-lore* os methodos, racionaes cujo emprego é indispensa-



vel para transformar uma curiosidade nüm documento valioso para a historia literaria e para a psychologia popular. Neste volume do seu novo livro *Serenatas e Saraus*, « collecção de cantos populares, lundús, recitativos, modinhas, ductos, serenatas, barcarolas e outras producções brazileiras antigás e modernás », o qual comprehende bailes pastoris, reinados e cheganças, lundús e modinhas de Caldas Barbosa, não ha nenhuma informação, ainda a menos indispensavel da origem, caracter, authenticidade dos documentos recolhidos. Um critico, um historiador, um erudito não póde conscientemente fazer obra com elles. Ha um simples trabalho de reproducção e de copia que, desacompanhado de todo o apparelho de erudição, diminue grandemente o valor desta recolta, quasi só util á vulgarização entre o povo de cousas que, si são populares, elle deve já conhecer. Si não fôra impertinencia, eu pediria ao operoso compilador que no segundo volume se não limitasse com tão descabida modestia a este inglorio trabalho de méra cópia, quasi inutil para os verdadeiros estudiosos destes assumptos.

Teve nova edição revista e augmentada, mas de facto não melhorada, outro livro do mesmo genero do Sr. Mello Moraes Filho, *Festas e tradições populares do Brazil*.



Não direi que o livro não seja interessante e curioso. Lel-o-ão certamente com prazer aquelles que amam as cousas do sentimento popular e das suas manifestações festivas, as tradições, algumas de penetrante poesia, do povo na ingenuidade das suas crenças e dos seus costumes, e apreciam também os seus typos de rua. Mas do mesmo achaque verificado naquelle, padece este, de modo que é muito duvidoso e discutível o seu valor documentario.

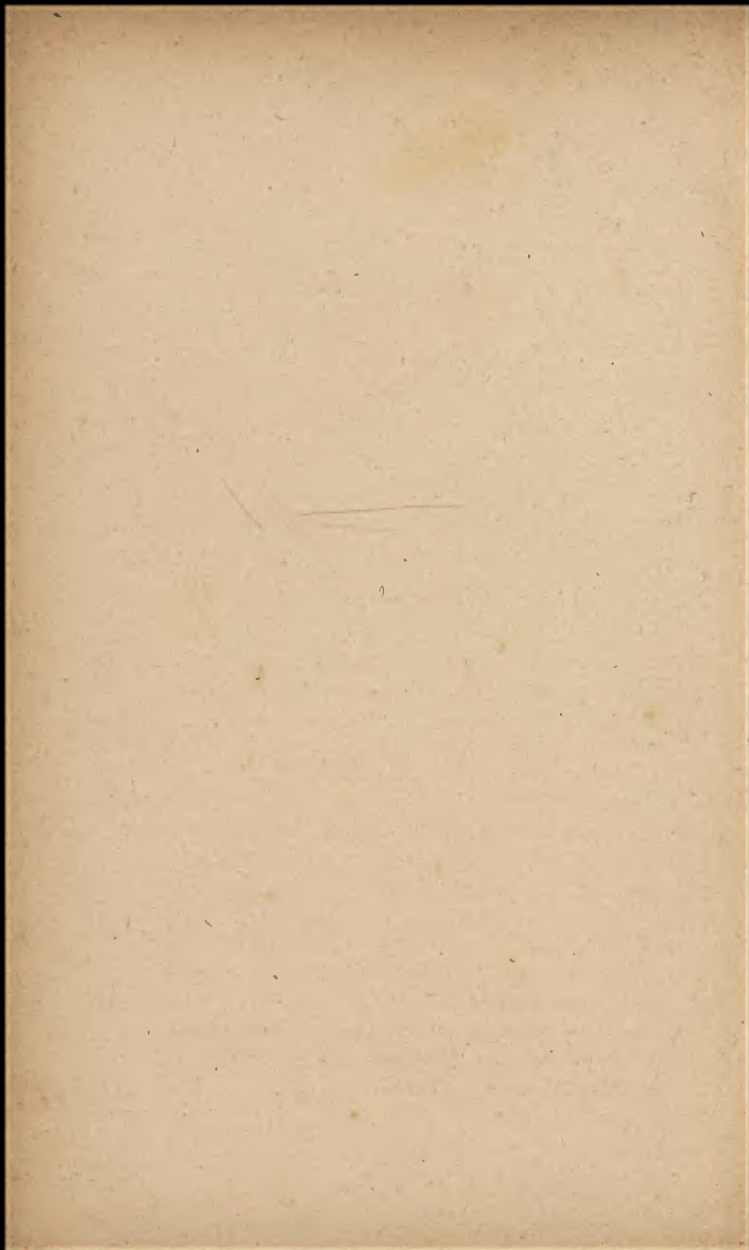
E' de lastimar que os estudos do *folk lore*, apenas iniciados entre nós, tenham logo acabado, deixando perder-se, obliterada pela civilização, uma preciosa mina de informações para o estudo da nossa psychologia popular. Pertence a um ramo dessa ordem de estudos o livro do Sr. Mello Moraes. O Sr. Mello Moraes, porém, descreve de segunda mão, não conhecendo por elle mesmo a maior parte dos costumes de que se occupa. Não seria isso insana-vel inconveniente, si se limitasse a descrever simplesmente, scientificamente digamos, como um botanico descreve uma planta que não viu vicejando pelos exemplares seccos do herbario e pelas notas do collector. O Sr. Mello Moraes é, porém, homem de imaginação e fantasia, e mette-as em alta dóse nas suas descrições. Si as torna assim mais interessantes e agradaveis ao leitor commum, diminue o character de ver-



dade e certeza do seu livro, que é preciso ler *cum grano salis*.

São uma segunda edição os *Contos fóra da móda* do sr. Arthur Azevedo, o que mostraria que ha, em materia de leituras, muita gente que não vai com a moda. Eu confesso que respeito essa gente e o seu gosto. Os casos e anedotas que nos reconta, numa lingua correcta e facil, e com graça, e sem pretensões, o sr. Arthur de Azevedo, apesar de fóra da moda, como elle diz, me pareceram mais agradaveis de ouvir, mais interessantes, na sua chaneza, que muitos que ahi andam no rigor da moda, como elegantes que vestissem figurinos de Worth ou Redfern feitos por modistas do Sacco do Alfes.





Luiz

INDICE

I. — O SR. COELHO NETTO.....	1
II. — O PRIMEIRO POETA BRAZILEIRO, Bento Teixeira Pinto	25
III. — A INDEPENDENCIA DO BRAZIL. A propo- sito do « Reconhecimento do Imperio » do Sr. Oliveira Lima.....	65
IV. — O SR. MACHADO DE ASSIS, POETA.....	85
V. — POESIA E POETAS. Sobre alguns livros de VERSOS.....	105
VI. — UMA NOVA BIOGRAPHIA DE CAMÕES. « Vida e obras de Luiz de Camões » por Wilhelm Storck	125
VII. — OS « CONTOS » DO SR. DOMICIO DA GAMA.....	145
VIII. — ARCADIAS E ARCADES BRAZILEIROS. A propo- sito da obra do Sr. Theophilo Braga.....	157
IX. — PAGINAS SOLTAS DO SR. JOAQUIM NABUCO. Sobre os « ÊSCRIPTOS E DISCURSOS LITERA- RIOS » do mesmo.....	201
X. — UMA INNOVAÇÃO NA MÉTRICA PORTUGUEZA. A proposito das « Elegias a Leão XIII » do Sr. Magalhães de Azeredo.....	215

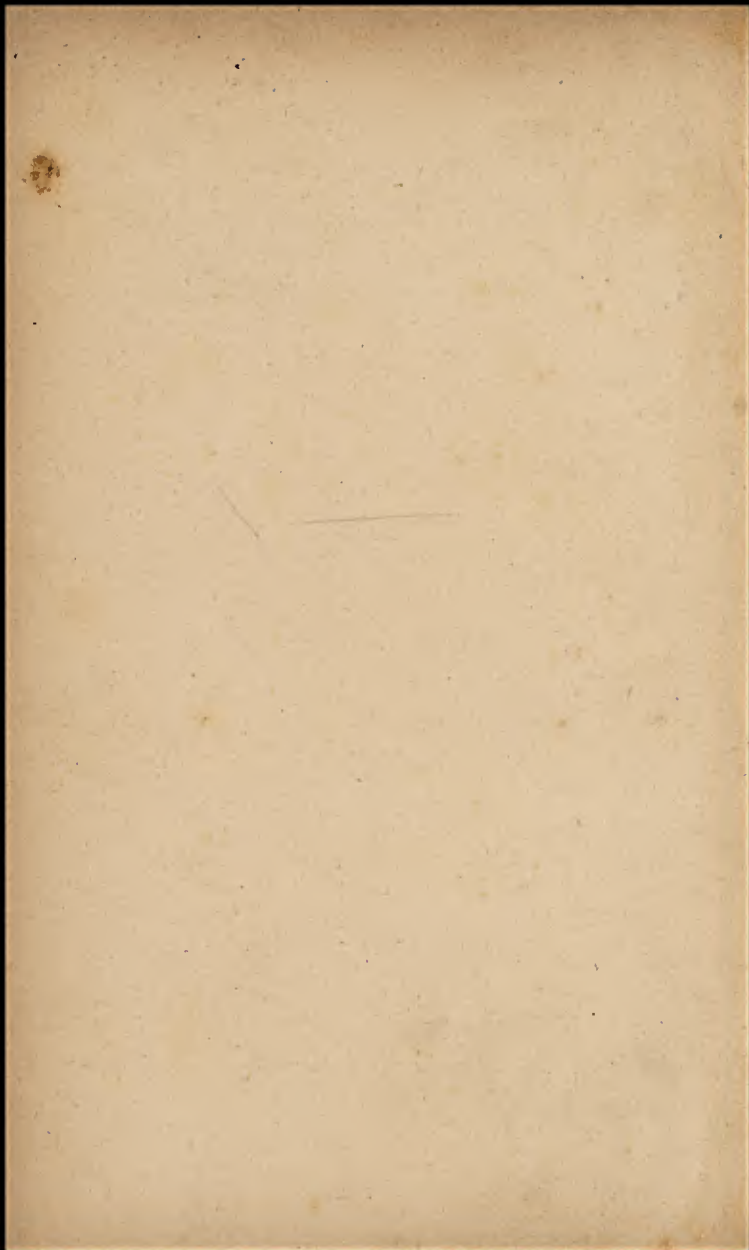


XI. — CAMARAS E POLITICOS DA MONARCHIA. Sobre o livro do Sr. Affonso Celso « Oito annos de parlamento »	229
XII. — OS JESUITAS NO PARÁ. A proposito dos « Jesuitas no Grão-Pará » do Sr. J. Lucio d'Azevedo.....	241
XIII. — ALGUNS LIVROS DE 1901.....	257



leaf







unesp





unesp



cm

1

2

3

4

5

unesp

8

9

10

11

12